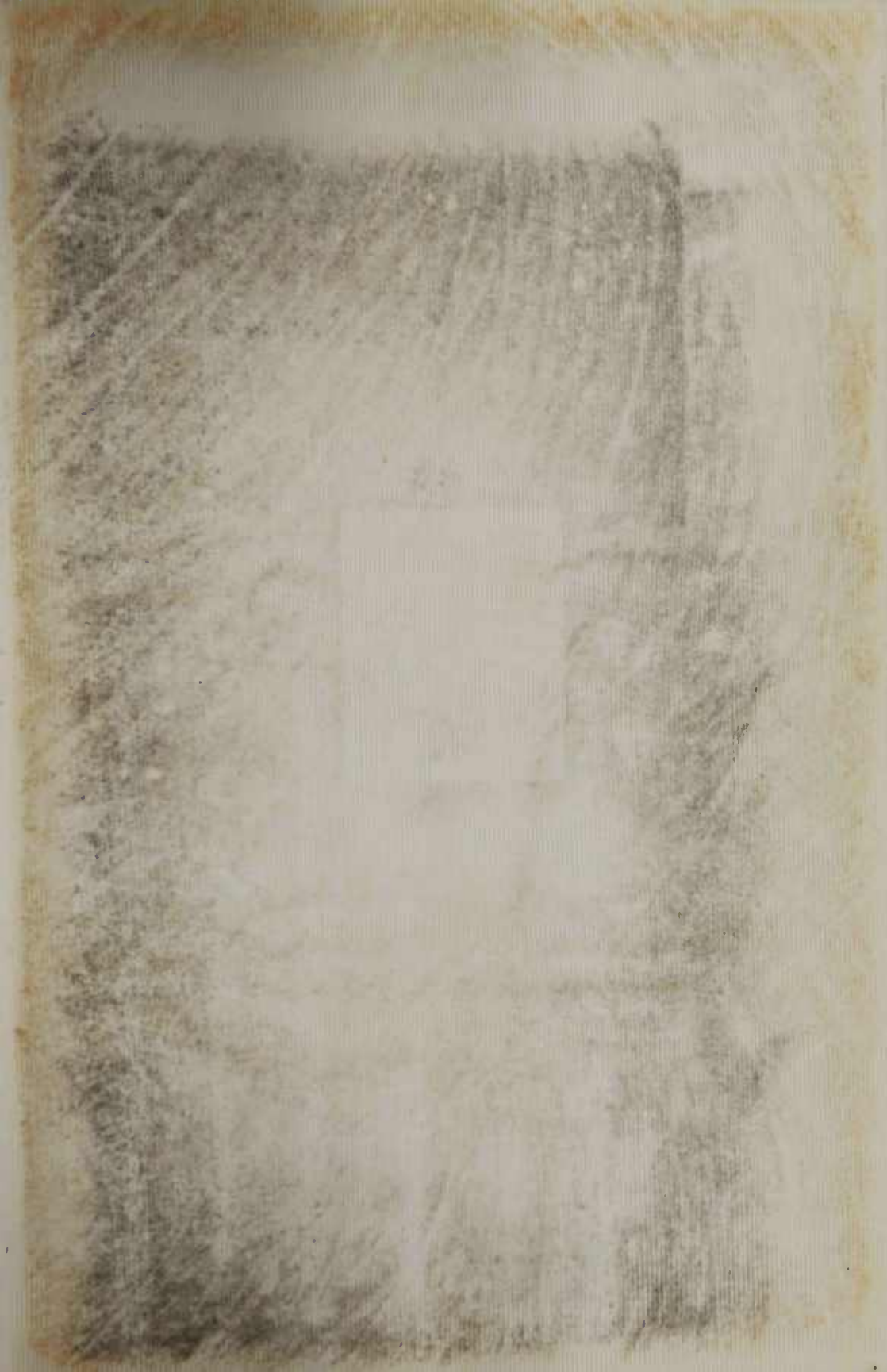




O MUNDO
DO LIVRO

11-L. da Trindade-13
Telef. 36 99 51
Lisboa





OBRAS

DE

D. J. G. DE MAGALHAENS.

TOMO I.

POESIAS AVULSAS.

VIENNA.
IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA. 1864.



D. J. G. de Muggerhaens.



D. F. G. de Magalhães.

POESIAS AVULSAS

POR

D. J. G. DE MAGALHAENS.



RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

RUA DO OUVIDOR N.º 69

1864.

ADVERTENCIA.

Cedendo aos desejos que me manifestou o Sñr. B. L. Garnier de fazer uma edição completa das minhas obras, sem exclusão dos primeiros ensaios metricos, que em 1832 appareceram no Rio de Janeiro em um pequeno volume com o titulo de *Poesias*, julguei que não devia deixar de novo sair á luz aquelles incorrectos exercicios do meu estro juvenil e inexperiente, sobre os quaes ha trinta annos não lançava os olhos, sem primeiro revel-os, e limpal-os de alguns erros e descuidos, principalmente os de linguagem, indesculpaveis em uma nova edição. Isso fiz, supprimindo ao mesmo tempo algumas composições ephemerias, que inteiramente me desagradaram, e me não pareceram susceptiveis de reparo.

Obras imperfeitas dos quinze aos vinte annos, escriptas ás pressas, e algumas vezes a pedido, para satisfazer idéas e paixões momentaneas, não

merecem ser conservadas; como folhas seccas melhor é que as leve o vento. E não poucas composições de maior vulto, e ainda mesmo Tragedias originaes e traduzidas, que se representaram, e longas Satyras, algumas das quaes se imprimiram avulsas, tenho-as eu condemnado ao esquecimento, donde não desejo que as tirem em nenhum tempo.

Assim, a primeira parte deste Tomo compõe-se daquellas Primeiras Poesias, dispostas em melhor ordem; e para engrossar o volume addicionei-lhe uma segunda parte de Poesias Varias, escriptas em tempos diversos, e que pelo seu genero mais se aproximam das primeiras.

Constará esta edicção de oito volumes, sendo seis em verso, e os outros em prosa, aos quaes talvez possa acrescentar alguns mais, si Deos me dér vida e vagar para concluir alguns trabalhos já começados, com que vou enchendo o resto desta cansada existencia.



PROLOGO.

Deixemo-nos de poetas e de poesia; curemos dos interesses materiaes, que são as fontes da prosperidade e riqueza das Nações. O tempo das ficções expirou com a infancia do Genero humano. Vivemos em um seculo de sciencias positivas, de artes proveitosas, de industria e de commercio, em que o tempo é um capital que deve produzir ouro, e não fabulas.

Quantos em particular e em publico assim discorrem e praticam! Quantos, sem que o digam, assim pensam! Quantos ahi se dão por consummados politicos, por habeis estadistas, só porque lhes falta em devido gráo o sentimento do bello moral, e das harmonias da Natureza! Quantos emfim-se julgam benemeritos da patria, credores de

todas as dignidades e títulos, só porque esgotam a sua actividade, não na cultura das terras, não nas forjas, não a bordo dos navios, mas em especulações que fundem grosso dinheiro, sem que o suor lhes regue o rosto!

Serão esses os que melhor comprehendem os destinos do Genero humano? Serão esses os unicos promotores da grandeza e gloria das Nações?

Demos por um momento que razão tenham os desprezadores da poesia; que sejam os poetas uns gastadores inuteis do tempo, entes ociosos na ordem social, e a poesia um brinquedo de palavras, incompativel com a gravidade dos destinos do homem.

Mas donde vem então esse respeito, essa veneração de tantos seculos aos Homeros e Virgílios? Será porque as suas obras, consideradas como materia de industria, dão de comer aos typographos e livreiros? Será por isso que sete cidades da Grecia disputaram a gloria de ser a patria do Cantor da Iliada, e que o grande Alexandre, cingido dos louros de tantas conquistas, invejava a Achilles a dita de ter sido cantado por esse cego, de quem ignora o mundo o logar do nascimento?

A Humanidade, dirão, estava então no seu berço, e como o infante, se deleitava e adormecia com essas cantigas. Hoje, viril e grave, só visa ao positivo.

Mas então porque a industriosa Inglaterra, no meio das riquezas do seu vasto commercio, vendo as suas innumerables náos abarrotadas com os productos de todas as partes do mundo, pronuncia com orgulho os nomes do seu Shakespeare, do seu Milton, e do seu Byron? Porque a França, tão industriosa como guerreira, eleva estatuas a Corneille e a Racine? Porque das passadas glorias sobrevive Camões nos corações dos Portuguezes? Porque a Italia, pugnando pela sua independencia e liberdade, invoca o seu Dante, o seu Tasso, o seu Petrarca, o seu Alfieri, para mais merecer a sympathia das Nações? Porque dizemos—a patria de Goethe e de Schiller, como si esses nomes sós valessem mais que o da sua nação, e os de todos os seus compatriotas?

Serão injustos e caprichosos todos os povos, tanto os mais civilizados quanto os mais incultos, respeitando como divinos a uns entes inuteis ao bem da sociedade?

Não. A idéa do bello, que os poetas realizam em seus canticos, não é uma idéa van e facticia, sem utilidade social; nem o sentimento e gosto geral que a estima é uma anomalia, ou uma convenção temporaria, que tenha de acabar algum dia.

Não. É um facto constante do espirito, uma faculdade espontanea, nimamente civilisadora, que ha de durar emquanto durar a especie humana;

porque não é dado ao homem despojar-se dos seus instinctos e leis providenciaes, como lhe não é dado acrescentar uma faculdade nova á sua intelligencia. Ha de durar; porque o homem, procurando satisfazer todas as suas necessidades intellectuaes, moraes e physicas, não se contenta emquanto não attinge a essa perfeição, que é o bello, de que elle tem um ideal na razão que o esclareee. Ha de durar; porque este facto a que chamamos civilisação, que é o desenvolvimento progressivo da intelligencia humana, todo consiste na realização da idéa do bello em todas as cousas justas e uteis.

Ide á Inglaterra, ide á França, ide á Italia, remontai-vos ao mundo antigo, viajai todos os continentes, por entre todos os povos. Por que signal direis que são civilisados? Com que criterio julgareis do gráo da sua civilisação relativa? Pela sua litteratura, pelas suas Academias, pela multidão e belleza das suas cidades, dos seus templos, dos seus palacios, das suas galerias, dos seus jardins, dos seus canaes, das suas pontes, das suas fabricas e das suas náos. O bello se apresentará antes de tudo para abonar a civilisação do povo que estudais. Todas as sciencias, todas as artes, todas as industrias de mãos dadas aspiram a realizar a idéa do bello, dando á materia melhor fórma; a poesia a realiza com tudo o que ha de mais intimo no

homem, — as idéas e os sentimentos; com tudo o que ha de mais humano na expressão, — a palavra harmonisada pelo *rhythmo*.

A poesia é a mais completa, a mais perfeita, a mais bella das producções do engenho humano; porque ella exprime a belleza intellectual, a moral, e a *physica*; tudo abrange, elevando-se da Natureza até ao Criador Eterno.

Si o homem supéra ao bruto pela sublimidade da sua razão, e força da sua vontade; si a palavra é o organ mais natural da sua intelligencia, e o principal instrumento da sua associação e civilização; a poesia, sendo como é a mais completa revelação da intelligencia, e a mais bella forma da expressão verbal, não póde em nenhum tempo deixar de exaltar todas as potencias d'alma, vibrar todas as fibras do coração, encantar os homens, associar-os, e communicar-lhes todos os nobres affectos de que são possuidos os poetas, cuja missão na sociedade é aviventar o enthusiasmo por tudo quanto é verdadeiro, justo e bello. Óxalá alguns desses entes destinados pela Providencia a moralizar os seus semelhantes, degenerados pela corrupção dos tempos, não arrastassem a poesia pelos lupanares; impios sacerdotes, que assim roubam o perfume ao templo de Deos, para queimal-o em aras profanas.

O poeta nasce quando a Deos apraz; e nasce philosopho, moralista, legislador. historiador, politico, patriota, amante de todas as virtudes, despertador de todas as glorias. Epico, tragico, lyrico, didactico, elegiaco ou satyrico, por todos os modos elle tende a instruir os seus semelhantes, a despertar-lhes nobres sentimentos, adormecidos no tráfico da vida vulgar e prosaica.

Por essa extensão das potencias da sua alma; pela exaltação da sua sensibilidade, mais delicada que a do commum dos homens, o poeta sympathisa mais promptamente com todas as virtudes, e experimenta mais fortemente todos os affectos, e é tão capaz do heroismo do guerreiro como da placidez do philosopho.

Os Lacedemonios em guerra com os Messenios pediram, por ordem do oraculo, soccorro aos Athenienses. Ein vez do soccorro pedido, mandaram-lhes os Athenienses por zombaria o poeta Tyrteo, que era coxo, e cego de um olho. Percebeo o poeta a irrisão com que d'elle se lembravam os seus concidadãos, e em vez de recuar, como o faria qualquer homem ordinario, assumio o enthusiasmo que lhe accendêra o despeito, apresentou-se aos Lacedemonios, que debaixo do seu mando, inflammados por seus hymnos, marcharam ao combate, ganharam a victoria, e cheios de reconhecimento declararam o poeta cidadão de Esparta.

Eschylo distinguio-se como guerreiro nas batalhas de Marathona, de Salamina e de Platéa.

Si Camões, Calderon de la Barca, Ercila, e tantos outros poetas illustres não commandaram exercitos como Tyrteo, como elle souberam combater nas fileiras dos seus concidadãos.

Dante, que sabia tudo quanto se podia saber no seu tempo; que desempenhou tantas missões politicas, e foi um dos Priores ou Magistrados supremos de Florença; Dante, o grande poeta italiano, assignalou-se em muitas empresas guerreiras contra os Guibilinos, e concorreo com seu valor para a victoria de Campaldino, e tomada de Caprona.

— Não fazem mal as Musas aos doctores —

Escrevia o bom Ferreira; para tudo servem, e a todos favorecem no exercicio das suas nobres profissões; e si todos os que hoje entre nós escrevem, discutem e legislam as cultivassem como Solon, tão grande não seria o escandalo da impo-
lidez da sua prosa, tão inutil como insulsa.

O que de Scipião se sabe e alcança
É nas comedias grande experiencia;
Lia Alexandre a Homero, de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.*

* Camões, Luziadas. Canto V Oitava XCVI.

A philosophia, as mathematicas, a physica, a politica, a historia, a diplomacia, toda a vasta sciencia de Leibnitz não o impediram de poetar; como os cuidados de engrandecer um Reino, e as fadigas da guerra não impediram o grande Frederico da Prussia de cultivar a poesia em companhia de Voltaire.

O maior Ministro de que se honra a França, cuja tenacidade em seus planos politicos nunca afrouxou, em 20 annos de governo; vencedor em todas as suas grandes empresas, e que a tão alto ponto de supremacia elevou o seu paiz; esse afamado Cardeal de Richelieu compunha tragedias, e ambiçionava a gloria de ser emulo de Corneille!

Todos os grandes homens tiveram sempre uma veia poetica; e todos os grandes poetas são por isso mesmo os maiores homens de que se honra a Humanidade.

A muitos parece não haver hoje poetas tão originaes, não se amar hoje tanto a poesia como nos passados tempos. Mas tambem asseguram os velhos, que os homens de hoje já não são tão religiosos como os seus avós. Engano! São tão poetas, tão religiosos como os seus maiores; mas o são por outro modo. Mudaram-se as divindades, modificou-se a fórma do culto; não diminuío porém o numero dos cultores do templo.

Si parece não haver hoje poetas tão originaes, tão inspirados como nas passadas éras, é porque esses nomes immortaes, atravessando tantos seculos, repetidos por tantas gerações, quasi divinizados pelo tempo, soam mais alto que os modernos, que em poucos ouvidos retumbam. Esses antigos poetas são estudados, os modernos apenas lidos.

Por outro lado, renova-se a Natureza, mas não muda de essencia; os mesmos astros brilham no céo, as mesmas paixões agitam os homens: o amor, a guerra, a virtude e o vicio são de todos os tempos; não se transformaram as leis do entendimento, nem os instinctos do coração humano: no meio da infinita successão e variedade conserva a Natureza os typos geraes pelos quaes se regula e modéla; e os ultimos que os representam parecem imitadores dos primeiros, quando todos estudam e pintam os mesmos objectos. Neste concurso incessante, mais instruidos os modernos que os antigos, tendo o original e as copias diante dos olhos, quantas vezes não voltam o objecto, não o dissecam, não o encaram por um lado menos seductor, porém não menos verdadeiro, só porque os não accuse a critica de plagiarios? Essa critica implacavel que péde o novo, e se desespera si lhe não dão o velho, que é áfinal a sua unica regra, e a pedra de toque com que aquilata as novas producções. Si ha conformidade,

é roubo, pallida imitação, falta de engenho: si ha novidade, é extravagancia, inferioridade, falta de bom gosto.

Mas deixemos em paz essa critica improductiva, que como a parasita só vive á custa da seiva alheia, e se apavona arrimada ao tronco que a sustenta.

A Providencia, que dá aos bosques mais folhas, mais hervas rasteiras e inuteis do que flores aromaticas, é tão parca em conceder grandes poetas ás Nações, que sobra-lhes o tempo não só para admirar esses genios raros, que dominam os seculos, como tambem para apreciar os esforços dos mais modestos, que não podem aspirar a tanta gloria.



LIVRO PRIMEIRO

PRIMEIRAS POESIAS.

PRIMEIRAS POESIAS.



ODE PINDARICA

A O A M O R D A P A T R I A .

ESTROPHE 1.

Que fogo sinto em mim! Vulcão sou todo!

Sair parece o coração do peito!

Mil quadros portentosos

Ante meus olhos inflamados se erguem!

És tu, Amor da Patria,

De almas nobres enlevo, e doce encanto,

És tu só que me assim abalas tanto.

ANTISTROPHE 1.

Si igneas canções brotar pudesse a Musa,
Outra linguagem si formar pudesse,
 Si outra nova harmonia,
Nunca ouvida até-qui criasse o genio,
 Então, sublime affeito,
Cantos dignos de ti tecer podera,
E á Patria minha novo esmalte eu dera.

EPODO 1.

Odio dos homens é, odio é dos Numes,
 Indigno da existencia,
Quem a Patria não ama, e a não adora.
Envergonha-se a propria Natureza,
 E horrorisada chóra,
Contemplando tal monstro de bruteza.

ESTROPHE 2.

Podeste, oh Cesar, conquistar mil povos,
Passaste o Rheno, déste lei aos Parthos,
 A Syria destruiste,
Do suberbo Pompêo domaste o orgulho;
 Mas do bom Patriota,
Do impavido Catão nunca zombaste,
Nem da sua virtude triumphaste.

ANTISTROPHE 2.

Ainda de Bruto a evocada sombra
De outros Tarquínios os projectos burla:
Ainda de Macedonia
Tremem os muros ao luzir da espada
Do grande Paulo-Emilio:
Ainda os padrões erguidos aos Horácios,
Attestam o valor dos Curiácios.

EPODO 2.

Genio da antiga Grecia, tu me apontas
Teus filhos semi-deoses
Triumphantes no alcáçar da memoria,
De amor da Patria em chammas abrasados.
Co'a clara luz da Historia
Que prodigios lá vejo praticados!

ESTROPHE 3.

Quaes sôltas lavas do Vesuvio, e do Etna,
Xerxes armado contra a Grecia corre.
Brama Neptuno irado
Co'o peso dos baixéis; a terra treme;
E lá no sacro Olympo
Marte, só ao horror e á guerra affeito,
Marte sente que o susto entra em seu peito.

ANTISTROPHE 3.

Trezentos Leonidas sós espalham
 Terror, e confusão, e susto, e mortes
 Nos esquadrões de Xerxes!
 Mas já cançados de matar dous dias,
 Em defensão da Patria,
 Ao meio do perigo affoutos correm,
 E co'o peso da gloria todos morrem!

EPODO 3.

Oh que prazer me inunda, e me transporta!
 Arroubada minha alma
 De trophéos em trophéos livre vagueia.
 Alli, Aristomenes se apresenta,
 A espada relampeia,
 E do jugo estrangeiro a Patria isenta.

ESTROPHE 4.

Alli, contra os Heráclidas eu vejo
 O illustre Códro sopesando a lança.
 Para salvar a Patria
 Convêm que na batalha um Rei pereça.
 Tu, Códro denodado,
 O peito offertas ao inimigo corte;
 Pois morrer pela Patria é doce morte.

ANTISTROPHE 4.

Quantos, alli, apar de Heroes famosos,
Vates estão, que nome á Patria deram!
 Na lyra endeosado,
Alli, Homero está; alli, Virgilio;
 E tu, Camões amigo,
Só por amor da Patria déste ao Gama
Na tua lyra eterna immortal fama.

EPODO 4.

Genio da Patria minha, si me accendes
 N'alma o ethéreo fogo,
Que já do Ismenio Cysne ardêo na mente,
Em honra tua espalharei meus hymnos
 Do Oriente ao Occidente,
E os filhos teus Heroes farei divinos.

1830.



ODE

A LIBERDADE.

Eu não sei, profanando o dom sagrado,
O enthronado vicio ornar de flôres;
Nem sei vender louvores
Ao tumido mandão, de incenso avaro;
Jamais, quando em minha alma Phebo ardia,
Altaires levantei á Tyrannia.

De altas comprehensões cheia de orgulho
Foi sempre minha Musa circumspecta;
E si hoje passa a méta,
Em que cogitabunda se continha,
É para, sem faltar á san verdade,
Mil encomios tecer á Liberdade.

Fuja de ouvir meus hymnos sonoros
Quem de vassallo o nome ainda préza;
 Que a minha mente accesa
Á eterna confusão de rojo o leva,
Si a verdade escutar, que o Vate hardido
Pública sem temor de ser ouvido.

Oh que quadro pomposo ante mim se ergue,
Rompendo do passado a sombra densa!
 Desfeita a mole immensa
Pela voz de trovão, que no ar se libra,
Eu vejo a terra de prodigios cheia,
E preso, e circumscripto o mar na areia.

De graças naturaes vestido o homem,
Fiel copia de Deos, além diviso;
 O doce. o meigo riso,
Ressumbrando, lhe pende os rubros labios;
Assomo divinal lhe exalta o rosto,
Não manchado por tetrico desgosto.

Aos lados vem a Paz e a Innocencia ;
De outro homem, sem temor, o aspecto en cara,
E ao Sol, que o Mundo aclara,
Por imagem de Deos humilde adora.
Outra lei sobre os hombros seus não pesa
Mais do que a sancta lei da Natureza.

De um Despota feroz a voz não se ouve,
Que quebre desses homens a innocencia ;
Só a benevolencia
Com leves, fraternaes laços os une.
Tudo é paz e prazer, tudo abundancia,
Morar parece um Deos na terrea estancia.

Eis sumio-se o painel! Eis se me autolha
O Mundo em qu'eu nasci! . . Oh Deos! eu sonho!
Que horrendo e que medonho
Agora mais que nunca me parece!
Só ferro, escravidão, escuridade
Cobre o sancto paiz da Liberdade.

Qual depois de um relampago ligeiro,
Que os ares rasga, e as trevas afugenta,
A escuridão se augmenta
Do viajante aos olhos deslumbrados,
Tal avulta ante mim medonho e feio
O Mundo em que nasci, de horrores cheio.

Oh idade feliz de paz e de ouro,
Como de nós tão cedo te ausentaste!
Ai que tu nos deixaste
N'um Coeyto dos mais nefandos crimes.
Oh sorte sem igual, ditoso fado,
Daquelle a quem viver em ti foi dado.

Livre o homem safo das mãos do Eterno,
E livre conservou-se largos annos.
Mas quaes impios tyrannos,
Primeiros, tal estado perturbaram?
Porque, oh Deos, porque fatalidade
O homem perdêo a cara Liberdade?

Oh que dôr me retalha os seios d'alma,
E dos olhos me arranca amargo pranto!
 Envolto em negro manto
Da terra se ergue um horrído phantasma ;
A fronte baixa, e os braços encruzados,
E o pescoço, e os pés agrilhoados.

Oh Céos! da escravidão é essa a imagem!
Quem de raiva e de horror cheio não treme?
 Quem não suspira e geme,
Vendo o negro painel da sorte nossa?
E consentes, oh Deos, que vis tyrannos
Assim zombem dos miseros humanos?

Que ferros e grilhões tintos de sangue
Espalhados estão por toda parte!
 Como o terrível Marte
Mata, e devora exercitos inteiros!
E qual montanha quando se derroca,
Que abafa, e esmaga tudo quanto toca.

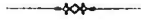
E como assoberbando o Céu e a terra,
Sobre aureo throno um despota assentado,
 Dicta leis a seu grado,
Leis filhas das paixões, filhas do crime!
Como em despeito da virtude oppressa,
Ergue coroada a impávida cabeça!

E Nero, esse flagello dos Romanos ...
Dos Romanos, Senhores do Universo!
 E como esse perverso,
Esse cobarde, e infame matricida,
Cobrio co'o véo do opprobrio o Capitolio,
E de Cesar manchou o augusto solio?

Nero ... Mas já não vive!.. e a sorte sua
É a sorte de todos os tyrannos.

 Da Natura os arcanos,
Que os Vates lisonjeiros não penetram,
Leio-os eu: pois que as Musas me educaram,
E a predizer futuros me ensinaram.

De novo a voz de Deos, no ar troando,
Dará consolo á afflicta humanidade;
De novo a Liberdade
Calcará a seus pés o despotismo:
Livre o Mundo será. — Ouvi, humanos,
Ha de acabar-se a raça dos tyrannos.



O D E

A VIDA CAMPESTRE.

Oh feliz o mortal, que exempto vive
Das chimeras da Côrte;
E que não corre após o vão phantasma
De titulos fastosos,
Por que se abala uma alma humilde e fraca.

Emquanto incensa ao rei com vis lisonjas
O cortezão rasteiro,
Só se curva á verdade, e a Deos adora
O mortal virtuoso,
Que a Natura escrutou com peito firme.

Lá quando assoma no horizonte o dia
 Por entre roxas nuvens,
Do leito seu também se eleva, e parte
 A cultivar os campos,
Pelo orvalho da noite humedecidos.

Daqui o terno sabiá canóro
 Com seus doces gorgeios
Os agrestes trabalhos lhe suavisa:
 Dalli a triste rôla
Tristes canções lhe faz soltar do peito.

Quando em torno da ecliptica gyrando
 O Sol ao Zenith chega,
E as flores cresta com seus quentes raios,
 De uma mangueira á sombra
Banhado de suor descanço encontra.

Na grossa manga de algodão enxuga
 As crystallinas bagas
Do suor que lhe rega o rosto adusto;
 No frio chão se deita,
E a frente pousa sobre a mão erguida.

Que vasta scena então se abre a seus olhos,

Não de riqueza avaros!

Quanto a Natura pródiga se mostra

Ás humanas fadigas!

Tudo parece sujeitar-se ao homem.

Quantas idéas, pensamentos quantos

Em sua alma se agitam!

Daqui escuta os ais, ouve os gemidos

Da triste humanidade,

Que jaz do captiveiro em duros ferros.

Dalli vê o tyranno em throno erguido,

Da virtude em despeito,

E curvada a seus pés a Natureza,

Coberta de ignominia,

Do ferreo sceptro o peso supportando.

Volve os olhos dalli, e além divisa

O sórdido avarento

Não poder se apartar do inutil cofre;

Emquanto o indigente

Mesquinho pão de porta em porta esmola.

Dos olhos seus então lagrimas pulam
De dôr e piedade.
Movido o coração de alheios males,
No peito seu palpita;
Chóra; mas só do mal que fere a outros.

Melancolico, triste, a passo lento
Caminha ao tosco alvergue;
Na porta encontra o amigo que o espera;
Ah! como ahi se abraçam!
Amigo! amigo! dizem satisfeitos.

Quem ha que louco te não busque ancioso,
Oh vida quieta e pura!
A dôr, a propria dôr, si é que ella existe,
Comtigo é mal suave.
Feliz si te gozar me fosse dado.



O D E

A GUERRA.

Oh filha da ambição, oh guerra, oh guerra.
Da virtude, e da paz destruidora!

Tu és a gran motora
Das ruínas que cobrem toda a terra.
Por ti errante vive a Liberdade;

E a triste Humanidade
Cheia de approbrio, e de grilhões cercada,
Por ti mil vezes no seu sangue nada.

Reinando a sancta paz tudo é ventura.
Brilham as artes, as sciencias crescem;
E genios apparecem,
Que os arcanos escrutam da Natura.

Então Newton co' a mente peregrina
Os astros examina;
Observa o movimento, as leis syndíca,
E a força d'attracção descobre, explica.

Da paz á protecção bosques perlustram
O famoso Linnêo, Buffon facundo;
Assim vão dandq ao Mundo
Sciencias naturaes, assim se illustram.
Eis sulcando Colombo longes mares,
Descobre novos lares,
Do globo quarta parte ás tres occulta.
Ah tudo, tudo emfim na paz exulta.

Mas que escuto! Um clarim ao longe sôa!
É da guerra o signal! Ás armas bradam!
Já todos se assoldadam,
E o campo de Mavorte se povôa.
Reunem-se esquadões, a infantaria,
E a brava artilheria;
Balas, e bombas em montões dispostas,
E as peças nas carretas sobrepostas.

Alli, cobertos de armas se divisam
Nas bellicas fileiras dos soldados,
Lavradores honrados,
Que, arando, as terras suas fertilisam;
Aqui artistas mil levantam muros;
Outros os ferros duros
Sobre as bigornas málham, fabricando
Armas, que irão mil mortes semeando.

Mas eis que marcha a bellicosa gente
Ao crebro som de trompas, e tambores;
Das armas os fulgores
De parte á parte impoem respeito ingente.
Á testa os generaes mandam vaidosos,
De louros cubiçosos;
Já se encontram as turbas de Mavorte;
Já pelejam, já buscam dar-se a morte.

Veloz lá corta os ares, sóa, e berra,
Lançada do canhão candente bala;
Qual raio tudo abala,
E o que se lhe antepõe prostra por terra!

Que horror! .. que confusão!.. por toda parte

Só reina o fero Marte!

Já daqui, já dalli caiem os feridos,

Dando gritos crueis, espavoridos.

Cadáveres sem conta se divisam,

Em pó, em sangue envoltos sobre a arena.

Que pavorosa scena!

Como as leis da razão aqui se pisam!

Eu tremo, eu choro ao ver tantos horrores!

Abutres roedores

Dos mortos são os únicos jazigos!

Natureza, chorai! chorai, amigos!

Eis, oh monstro voraz, furia do Averno,

Acerbos fructos teus; eis tua gloria

Impia, e transitoria!

E tu, potente Deos, Senhor superno,

Tu, origem da paz, livra os humanos

Desses monstros tyrannos,

Que os seus povos conduzem só á guerra,

E afugentado teem a paz da terra.



O D E

A O

DIA 25 DE MARÇO

ÁNNIVERSARIO DO JURAMENTO DA CONSTITUIÇÃO
DO IMPERIO.

De mim que pretendeis, de Jove oh Filha!

Acaso que hoje affouto

Os labios meus desprendam em doces hymnos?

Eu, vosso alumno e joven,

Eu, que a Patria idolatro mais que a vida.

Como me negarei a tal convite?

De Phebo inspirações nem mais pretendo.

Brasil! Oh Patria minha!

Vós me vistes nascer, sou vosso filho.

De Brasileiro o nome

Basta para me encher de um nobre orgulho,

E um sancto enthusiasmo hoje inspirar-me.

Oh que me cála o peito ethéreo fogo!
Sacro estremecimento
Em mim de fibra em fibra se propaga!
Na minha mente accesa
Lustrosos quadros de um porvir brilhante
Borbulham, revolvendo os seios d'alma.

Como risonho no horizonte assoma,
Entre rosadas nuvens,
Este para o Brasil tão caro dia,
De gloria mensageiro!
Como das aguas, e no Oriente os olhos,
O Janeiro, por vê-lo, alça a cabeça.

Vinte e cinco de Março, eu te saúdo,
Oh suspirado Dia!
Com indeleveis caractéres de ouro
Nos Brasilenses peitos
Gravado vivirás, em quanto os livres
Ares americanos alentar-nos.

Dos vates e philosophos a deosa,
A casta Liberdade,
Que no seio de Deos morada tinha,
Batendo as brancas azas,
Hoje baixou ás Brasilenses plagas,
Sancta Constituição trazendo ao lado.

Erga sobre a cerviz embora a fronte
Do despotismo a fera;
Olhos de fogo vibre, e enrosque a cauda:
Meus accentos ouvindo,
Recue, e brame, e sacudindo a pata,
Na terra imprima da vingança a jura.

Sancta Constituição! eu não desmaio!
Mimo dos Céos benignos,
Meu escudo tu és, tu meu Palladio;
Por ti darei a vida:
Assim a Nação toda o quer, e manda;
Assim ella jurou, assim o eu juro.

Que me importa morrer! A vida é nada;

A Liberdade é tudo.

Roma si teve Heroes, foi por ser livre;

Catão morrêo com ella.

Hoje, oh Roma, o que és tu? Es nada. Ah! teme

Igual sorte, oh Brasil, sem Liberdade.



O D E

AO DIA SETE DE ABRIL.

1831.

Eu, quando empunho a Lyra de esmeralda,
Encordoada de ouro,
Que a Patria minha me outorgou benigna
No dia seu egregio,
Paixões não canto dos Cythéreos Numes;
O Pataréo me inspira
Hymnos credores de eternal memoria.
Nas inflammadas veias
Gyra-me o sangue em borbotões ferventes ;
Meu coração palpita;
Electrico tremor me cála os ossos ;
Minh' alma se dilata

Pelo immenso salão da Eternidade,
E a meus olhos se mostram
As portas do futuro escancaradas.
Nas regiões celestes
Leio as verdades, que aos mortaes publico.
Oh Patria! oh Patria minha!
Raiou de novo o dia venerando
Da tua Liberdade.
Hoje á pó reduziram-se as cadeias
Fabricadas no Inferno;
E o terrivel dragão do despotismo,
Dando o ultimo arranco,
Rolou, para não mais do abysmo erguer-se.
Para gloria da Patria
Não ha Brutos, nem Cassios assassinos
Do Rei, do Pai dos povos,
Do vencedor dos Parthos, e dos Syrios;
Mas ha Varões egregios,
Que valem muito mais que os Brutos todos,
De quem um sobre-senho
Basta para aterrar o despotismo.
Oh Patria! oh Patria, exulta!

Qual famosa Rainha do Oriente
Se mostra ao regio esposo
No dia nupcial, cheia de encantos,
A purpura arrastando,
Coberta de ouro e pedras preciosas,
Que fôra sete vezes
Nos aromas d'Arabia perfumada:
Assim te mostra, oh Patria,
Neste dia a teus filhos rica e bella.
Mas que fria tristeza
Da Patria o rosto lindo empallidece?
Porque tão de repente
A febre se aplacou do enthusiasmo?
Porqu'um gêlo de morte
Côa em meus ossos, e me enrija os nervos?
Eis o lume se eclipsa
Do Sol, que a minha mente abrilhantava;
Eis do futuro as portas
Ante meus olhos com fragor se fecham!
Lá se abre a foz do Inferno
Ao som de mil trovões, que no ar ribombam;
Lá se ergue espêssa nuvem,

De vapores pestiferos pejada.
Oh que monstro terrivel,
Escoltado das furias lá diviso!
Que olhos de fogo vibra!
Seus dentes são punhaes envenenados;
Seu halito hediondo
Céos e terra empeçonha, estraga, enlucta.
Ah! quem o não conhece!
A Discordia eis-alli, monstro terrivel!
Quem lhe não vê na dextra
O punhal, e o archote na sinistra,
Cujo clarão sulphureo
Mil Imperios cegou das priscas éras,
E em vortices continuos
Fez seus muros cair, e seus governos!
Dizei, sacras reliquias
De Corintho, de Athenas, de Carthago,
E tu, errante sombra
Da Senhora do Mundo, dizei todas
Si minha Musa mente.
Eufreia, hydra feroz, scrpi-crinita,
Enfreia a tua audacia;

Não vencerás, o Brasil todo o jura.

Oh Sol de minha Patria!

Oh rochedos! oh aguas sonoras

Do famoso Amazonas,

Que a mente abrilhantais dos vossos Filhos

Uní em laço estreito

A vontade geral dos Brasileiros;

Despertai em sua alma

A majestosa idéa do futuro.

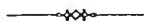
Oh Netos dos Vieiras!

Netos de Henriques, Camarões, Negreiros!

Esquecei vossos odios;

A Patria é uma só!.. Ah! viva a Patria,

E a Liberdade viva.



O D E

A O S

DEPUTADOS DA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE
DO BRASIL

NO REGRESSO DO SEU EXÍLIO.

Triumphou, triumphou a san verdade!

Eis já rôto ante nós, eis já desfeito

O denegrido manto

De opaca treva, que offuscava o brilho,

Que a sublime razão reverberava!

Lá foge o fatal erro

Na presença da luz que nos aclara.

Que magico prazer de mim se apossa!

O sangue em borbotões me assoma ao rosto,

E os olhos me incendía!

No cerebro minha alma se transporta

Em turbilhões de férvidas idéas!

Oh sancto enthusiasmo!

Quanto me agitas neste nobre ensejo.

Lá diviso um baixel sulcando as ondas

Dos mares que da Gallia nos separam;

Nas azas dos Favonios

Impavido se ostenta, e se equilibra;

Eis já na barra do Janeiro abica;

E em seu cavado bojo

Illustres Cidadãos conduz á Patria.

Oh ditoso Brasil! oh Patria minha!

Desfaz a mágoa que te enlucta o peito;

Não mais, não mais pranteies;

Enxuga os olhos teus, teu rosto enxuga;

Deos teus ais escutou, e as preces tuas,

E outra vez te outorga

Os Defensores teus, salvos do exilio.

Oh ditoso Brasil! que mais desejas?

Que mais provas de amor do Céu pretendes?

Tua gala recobra,
Que na perda dos Filhos tu perdeste.
Hoje em teu gremio os tens ; abre teus braços,
E com materno enlevo
Filhos tão sabios transportada aperta.

E vós, nobres varões, á Patria caros,
Que o fado assoberbais, que ousa affrontar-vos ;
E com presença estoica
As iras arrostais do despotismo ;
Vós subireis da Eternidade ao pino,
E ao lado dos Aristides
Logar tereis no alcáçar da memoria.



O D E**A V I R T U D E .**

Ergue-te, oh Musa, com vigor dobrado
Da vergonhosa inercia,
Em que tu mesma te lançaste incauta ;
Empunha, empunha a lyra, e cõm teu plectro
Vibrando as aureas cordas,
Ajuda-me a cantar em novo estylo.

Hoje não louves estrondosos feitos
Dos filhos de Mavorte ;
Assumpto para ti mais proprio e digno
Oh Céu m'õ inspira, e eu t'õ confio, oh Musa !
Os virtuosos canta,
E pelo mundo espalha seus encomios.

Feliz aquelle que no peito encerra
O germen da Virtude!
Respeitando a um só Deos, amando os homens,
A vida passará sem ter remorsos;
E sem temer a morte,
Livre irá de pavor á sepultura.

Ditosos os mortaes que auxilio prestam
Aos desvalidos orphãos,
E de arrimo á miserrima pobreza
Clementes servem, mil soccorros dando;
Assim a passo firme,
A Virtude seguindo, a Deos imitam.

E vós, nobres varões, heroes preclaros,
Que libertais o mundo
Da barbara oppressão de vis tyrannos,
Que a sublime razão calcam vaidosos,
E a sancta Liberdade,
Que a maternal Natura aos homens déra.

Vós subireis ao templo da memoria,
De louros coroados;
Mil Vates cantarão os vossos feitos,
E a Fama os levará de pólo a pólo;
Venerabundo o Tempo
Não ousará sumir os vossos nomes.

Será também lembrado o sabio egregio,
Que a virtude só preza;
E que busca mostrar ao mundo todo
Os raios da razão, e da verdade,
Apesar das masmorras
Com que a tyrannia enfreia os fracos.

Do trafico das Côrtes vive sempre
Foragida a virtude;
Manchada pela vil hypocrisia,
Que em suas vestes candidas se embuça,
Os lares da innocencia
Busca afflictæ habitar co'a paz ao lado.

Assim o lavrador ao campo inculto
O seu arado leva;
E da fecunda, sementada terra
Nas ceifas cólhe os sazonados fructos,
Com que a vida alenta,
Sem mais ambicionar pomposos titulos.

Assim contentes os pastores vivem,
Á innocencia entregues;
Ora pascendo as timidas ovelhas
Nas campinas cobertas de verdura;
Ora tangendo as frutas,
E as rusticas avenas entoando.

No tosco alvergue mais feliz se julga
O camponez honrado,
Da casta esposa apar, e dos filhinhos,
Do que os grandes senhores, que se inundam
No luxo, e nas riquezas,
E palacios habitam de altas grimpas.

Oh feliz condição do virtuoso!

Oh sublime virtude!

Não mais por hoje, oh Musa; o canto adia,

Té quando novamente eu te convide

A tributar louvores

Aos homens numes, que a virtude adoram.



ODE SAPHICA

A SAUDADE.

Oh que tristeza me concentra a vida;
Me embarga o sangue de gyrar nas veias;
Fraco palpita o coração no peito;
Pavido choro.

Meus frios membros de um suor se regam,
Inda mais frio do que o mesmo gêlo;
E sob o peso de meu corpo exangue
Curvo os joelhos.

Languidos olhos para o chão se voltam,
Dos véos cobertos que da vista os privam;
Amargo pranto me humedece o rosto
Já descorado.

O brando somno dos meus lares foi-se ;
Vigilia eterna meus sentidos cançam ;
Negras imagens, pensamentos tristes
D'alma se apossam.

Já não me encanta ver surgir a aurora,
Ouvir as aves gorgear nos bosques.
Triste e sozinho no meu tosco alvergue
Vivo enterrado.

As tenras flôres, que eu regava outr'ora
Com tanto mimo, e que prazer me davam,
Ora emmurhecem sem os meus cuidados,
Perdem a gala.

Que horrenda noite ! . . que pavor me cerca !
Por toda parte mil phantasmas se erguem
De espesso fumo, sem cessar vibrando
Olhos de brasas.

Naquelle valle de cyprestes negros
Zunem os ventos com furor não visto . . .
Daquelle rocha, murmurando, o rio
Se precipita.

Lá sôa o canto do tristonho mocho!
Sinistro agouro annunciar pretende...
Sim, eu já tremo, e me arrepio todo.
Morte! chegaste.

Mas ah! eu sonho? Que delirio é este?
Como esquecido do passado vivo!
E tanto póde da saudade o golpe
N'um terno peito?

Oh triste origem de crueis pezares!
Mãe da saudade, rigorosa ausencia;
Amor nos une com seus doces laços,
Tu nos separas!

Assim distante da gentil Marilia
Dos teus rigores eu supporto o peso.
Oh dura sorte de um fiel amante!
Oh desventura!



O D E

A TRANQUILLIDADE D'ALMA.

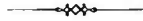
Feliz se julgue embora o louco avaro,
Com quem prodiga foi a deosa cega,
Quando em torno de sí, volvendo os olhos,
Só cofres seus avista.

Feliz se julgue embora, que eu não tróco
Por sua vida inquieta a minha vida,
Nem sua sorte invejo, nem cubiço
As vans riquezas suas.

Pois mais feliz eu sou, inda que pobre !
Entregue ora do estudo ao doce encanto,
Entregue ora ao socego, ora aos amigos,
Alegre a vida passo.

Entre o meu Araújo, e o meu Notanio,
Pelas doctas Irmães favorecidos,
Do nune d'Amizade a sombra gózo,
Melhor que mil thesouros.

Esquecido do Mundo, em meu silencio
Nas aras da Razão a um Deos adoro,
Emquanto o avarento novas preces
Humilde a Pluto envia.



O D E

A PHILOSOPHIA.

Audaz Philosophia, emvão te afanas
Por arrancar das mãos da Natureza
 A chave de diamante,
Que fecha o alçapão inescrutavel,
Onde a Verdade clausurada existe.

Emvão no espaço infindo o vôo librando,
Te arrojás a escalar co'a mente insana
 Da Eternidade as portas,
Para do proprio Deos da bocca ouvires
Os futuros destinos dos humanos.

Emvão te canças em mostrar aos homens
Futeis Systemas, falsas Theorias,
 Que o teu orgulho gera,
E que a fria Razão não comprehende.
Onde a Verdade está, que ha tanto buscas ?

Genio sublime aos ares me transporta!
Éras passadas da famosa Grecia,
 A meus olhos abri-vos.
Tudo presente está! Oh que prodigios
A par de mil fraquezas se levantam!

Na multidão dos átomos perdido
Demócrito não vê a Divindade;
 Menosprezando o Mundo,
Ri-se dos homens; a virtude e o vicio
São a seus olhos meros preconceitos.

Contemplando dos orbes a harmonia,
A mente de Pythagoras se arrouba,
 E no estrellado Empyreo
Dos planetas as orbitas descreve,
E d'Alma do Universo o assento marca.

Tu alumno de Socrates divino,
Que avaro de saber deixaste a Patria,
 Tu de certo aprendeste
Uteis lições no Egypto; abre teu livro,
E dize-me, Platão, o que nós somos.

Vê que o Cynico está de ti zombando;
E para derribar o teu systema
 Lá de Stagira o Sabio
A voz levanta; e no Lycêo pública,
Que a alma quanto em si tem, deve aos sentidos.

Mas donde vens, idéa do infinito?
Vens da Razão, ou vens da Natureza?
 Acaso mão de artista
Gravar póde no extenso o teu transumpto?
Pyrrho me ensina a duvidar de tudo.

Quão loucos sois, oh homens! quão errados
A Verdade buscais! Ella na essencia
 Só das cousas existe
Toda absorvida; e para nós occulta,
Só aos olhos de Deos sem nuves brilha.

Sabio é só quem os gritos suffocando
De violentas paixões, segue a virtude,
E o coração calleja,
Em segredo a soffrer da dôr o embate,
Qual immoto rochedo ao mar que o affronta.

Como és sublime, oh Zeno! como és grande!
Mas os fracos mortaes não podem tanto.

Espirito divino

Co'as leis dos Anjos roborou teu peito;
Mas dos Anjos a lei não é a do homem.

Qual da Sicilia o monte que vomita
Ignea materia, que o rodeia, e o inflamma,

Assim minha alma agora

No turbilhão de idéas majestosas
Sotoposta se abrasa, e se aniquila.

É minha alma quem sente, ella é quem pensa,
Ella da dôr, e do prazer é centro;

Mas por que maravilha

Minhas fibras se abalam junctamente?
Que lei divina, ou que magia é esta?

Tu só podeste, oh immortal Leibnitz,
Na vasta mente erguer esse soberbo,
Encantado edificio;

Tu só preestab'leceste essa harmonia,
Que liga, e rege oppostas naturezas.

Desejo insaciavel da Verdade
Arrasta o homem a immensos desvarios.

Ao criador Descartes
Locke combate; e o pio Mallebranche,
Cheio de Deos, em Deos só vê, só vive.

Kant, o preclaro Kant, o vôo erguendo,
Deixa no Mundo boquiaberta o vulgo;

E qual astro brilhante
No campo Metaphysico passeia,
Vedado aos olhos myopes das turbas.

Sabio estende os dominios, e as balizas
Do imperio da Razão: vós, oh sentidos,

Sois sempre enganadores;
Só em sí a Razão acha a priori
Idéas que não veem da experiencia.

Onde a Verdade está? Onde se occulta
Neste largo Oceano de Systemas?
Philosophos! curvai-vos
Ante o Deos Criador da Natureza;
Só a elle a Verdade está patente.

1829.



O D E

AO GRANDE ORADOR

FR. FRANCISCO DO MONTE-ALVERNE,

PROFESSOR DE PHILOSOPHIA, EX-LEITOR DE PRIMA,
E PREGADOR DA IMPERIAL CAPELLA.

Quem ha que possa competir cômtigo,
Oh genio singular, egregio Alverne,
Quando sóltas os diques á sublime,
Recondita facundia?

Quem ha que o possa, quando tu assomas
Na cadeira da rígida Verdade,
E nas veias te cõa o ethéreo fogo,
Que Deos te embebe n'alma?

Quem, em sacro suor banhado ao ver-te,
A fronte erguida, as faces inflammadas,
Cheios os olhos de vivaces chammas,
Quem ha que não te admire?

De povo o Templo apinhado todo,
Morno silencio o ar, e os labios prende;
Novo propheta, tua voz retumba
Nos corações mais rijos.

Dos tumulos as sombras se levantam
Dos Bossuets, dos Caldas, dos Vieiras,
Quando em divino arroubo as azas sóltas
Aos canoros accentos,

Ou já pintes ao vivo a Sacra Virgem
Entre nuvens de aroma ao céu subindo,
N'uma aréola de estrellas coruscantes,
De Cherubins, e raios:

Ou já da Eternidade altos arcanos
Annuncies com voz trovejadora
Aos discip'los da Cruz degenerados,
Que no crime se engolpham:

Ou já á Liberdade encomios teças,
Da tua cara Patria, e Patria minha,
Que por mais de tres seculos jazera
Em vergonhosos ferros:

Ávido eu bebo tuas puras phrases
Mais doces para mim que o mel do Hymetto;
E jamais de as beber os meus ouvidos
Por caçados se deram.

Ainda, ainda o quadro se me antolha
Por tuas mãos traçado; eu vejo, eu vejo
Moribundo o Brasil aos pés calcado
De estúpido Governo.

O feroz despotismo eu vejo erguido
Em throno de fogueiras flammejantes,
E sobre cadafalsos, rodeado
De punhaes, e de mortes.

Ao lado seu a Inquisição perversa,
Hypocrita e brutal, mostrando alçado
Na dextra o facho, que crestára as azas
De alumiados Genios.

Em extase divino arrebatado
Já te eu vejo render a Deos mil graças,
Que o querido Brasil salvou das garras
Do roedor abutre.

Por ti prophetisada alfim gozamos
A propicia, nascente Liberdade,
Que nunca aquecer pôde os frios ossos
Dos nossos bons Maiores.

Quem sem doce emoção pôde escutar-te?
A tua erudição, tua eloquencia
Almas, e corações attrai, encanta
Do auditorio immenso.

Em magistral cadeira quem te iguala,
Quando aos alumnos teus sabio revelas
Os mysterios da san Philosophia,
Dos Despotas malquista?

Quem contigo emparelha, quando os cofres
Lhes abres da Eloquencia, e lhes aplainas
A estrada que os Demosthenes trilharam,
E os Ciceros facundos?

Oh! da Patria tu és o esmalte, e o brilho!
Ella de ti os filhos seus confia;
N'elles novos Alvernes ver deseja,
Ao teu saber entregues.

Da lisonja o veneno de meus labios
Jamais se deslizou; puro e sincero,
Á verdade, que só me inspira o canto,
Tributo esta homenagem.



ODE SAPHICA

A

M. R. J. B. DE-BRET,

MEMBRO DO INSTITUTO DE FRANÇA, E PROFESSOR DE PINTURA HISTÓRICA DA ACADEMIA IMPERIAL DAS BELLAS ARTES DO RIO DE JANEIRO
NA EXPOSIÇÃO PÚBLICA DE 1880.

Si a Patria assoma da grandeza ao cume
Pelos impulsos de seus caros filhos,
Justiça é destes tributar ao Mestre
Dignos encomios.

Sempre o ingrato no aceitar foi meigo;
Mas eis que perde o protector dos olhos,
Recolhe a prenda, e da lembrança logo
Improbo a risca.

Por elle acaso modelar-se deve
Quem da Verdade ser alumno aspira?
Não; que então fôra da bifronte raça
Tetrico monstro.

Que homem é este, virtuoso e sabio,
Que a dextra mostra de pinceis armada,
E na palheta, que a sinistra apoia,
 Magicas tintas?

Já lá o vejo avassallando o tempo,
Scenas transpondo das passadas glorias
Aos netos nossos; que sem elle o olvido
 Tudo engulira.

De-Bret! É elle! e á sua vista a Inveja,
Temendo as luzes, que seu rosto emana,
Suspira, e foge, e entre as mãos esconde
 Myopes olhos!

Oh como as fauces carrancudas enche
De atro veneno, que o seu dente verte!
Já lá o espalha; e do vapôr terrivel
 Gorgonas surgem.

Silvando os campos, pouco a pouco se ergue
Ás regias salas; e a discordia, a intriga
N'ellas entorna, e quanto fel o negro
 Cócyto gera.

Mas nada o peito de De-Bret abala.
Qual rocha firme aos furações, e raios,
Elle tal zomba dos ardis da Inveja,
Plácido sempre.

Um só cuidado o pensamento enleva,
É, que a Brasilia mocidade o cerca,
E iniciada ser por elle busca
N'arte de Apelles.

Os seus intentos coroar deseja;
E qual cuidadoso agricultor, que as plantas
Limpa, e decota, e da Natura ás forças
Novas augmenta:

E de anno em anno na estação lucrosa
Dos seus suores apresenta os fructos,
Elle assim mostra dos Brasilios Jovens
Dignos trabalhos.



O D E
 A DESPEDIDA
 DE
M. R. J. B. DE-BRET,
 REGRESSANDO PARA FRANÇA.

Pela Patria, e por mim a voz desprendo
 Ao som da lyra que a saudade empunha;
 Verdade, e gratidão guiam meu canto,
 Não sordida cubiça.

De-Bret, digno Francez, Pintor preclaro,
Caro Amigo, Homem firme, sabio Mestre,
 Eu te agradeço os bens, que tu fizes-te
 A mim, e á Patria minha.

De um bom filho é dever ao pai ser util;
Mas de homem o dever é ser a todos:
 Assaz util nos foste, assaz nos déste
 De homem, de amigo próvas.

Saudosa a tua Patria ora te chama,
E para receber-te estende os braços;
Chama-te a Patria, não hesites, cumpre
Os deveres de filho.

Deixa embora o Brasil, que tanto prezas;
Não mais encares suas bellas scenas;
Sei que elle é seductor, que tem encantos
Que os alvedrios prendem.

Sei quanto no meu peito a Patria impera,
Que mais o meu amor subir não póde;
Como pois poderei aconselhar-te,
Que a tua Patria deixes?

Ah não! não se dirá, que um Brasileiro
A tanto se atrevêo; embora, embora
Não honre o teu pinsel a nossa historia,
Nem as nossas paisagens.

Tu conheces meu peito, assaz tu sabes
Que honra, e virtude assim n'alma me gritam.
Indocil coração eu não possuo,
Indifferente a tudo.

Morno pezar me enlucta, e me profliga
Agora que o Brasil, e a mim tu deixas.
Ah não condemnes que entrecorte o canto
Com ais, e com suspiros.

Em nossos corações agradecidos
Tu soubeste, oh De-Bret, gravar teu nome,
E n'elles viverás, em quanto as Artes
Amadores tiverem.

Vai tranquillo gozar na egregia França
Dos parentes e amigos as caricias;
Vai tranquillo; que afoutos saberemos
Guardar a tua gloria.

Qual Manlio, que apontava o Capitolio,
Que elle só com seu braço salvar pôde,
Assim das Bellas-Artes a Acadêmia
Co'o dedo apontaremos.

Alli, diremos nós aos teus contrarios,
Alli, De-Bret abriu os aureos cofres,
E os arcanos com que lhe mimoseara
A deosa da Pintura.

Alli, elle ensinou como co'as tintas,
De Saturno ao furor se erguem barreiras,
Onde as ondas do olvido humildes curvam
As tumidas cervizes.

Alli, elle luctou co'a cega Inveja;
E a despeito dos seus ardis, e embustes,
Alma nobre mostrou, dest'arte erguendo
Padrões á sua gloria.

Sim, oh De-Bret, será teu nome eterno;
E quando outro penhor tu nos não désses,
Um Araújo só bastante fôra
Para honra tua, e nossa.

Um Araújo só, que ousou primeiro
Mandar da Patria nossa á Eternidade
Os Varões, que por armas, e por letras,
Deram á Patria esmalte!

Um Araújo só, á cujas plantas
Ha de o Tempo curvar as cans, e a fouce,
E ante quem o valor perdem de Cresso
Os cofres prenhes de ouro.

Mas outros deixas monumentos vivos ;
Existem os Carvalhos, e os Arrudas,
Que a muda Natureza em breves quadros
Mimosos representam.

Oxalá que eu tambem sem deshonrar-te
Que teu discip'lo fui dizer podesse ;
Mas ao menos direi, sou teu amigo,
E basta-me tal gloria.

Si este fraco tributo de amisade
For aos olhos do Mundo apresentado,
Conheça o quanto a gratidão domina
No peito Brasileiro.



O D E

A F O R T U N A.

Os Vates com razão te pintam cega,
Oh da Fortuna enganadora deosa;
Pois sem pesar o merito, e a virtude,
Teus dons a esmo espalhas.

Mas quanto a mim mais cego é quem se prostra
Ante a roda em que os pés azados firmas;
Sacrificando assim a honra, e o pejo,
Por bens que pouco duram.

Teu falso resplendor me não deslumbra,
Nem sordida ambição me accende n'alma,
Nem profano por ti o dom das Musas,
Tecendo ao vicio encomios.

No sempre movel, neptunino imperio
Eu não te seguirei por vans riquezas,
Em quilha aventureira a vida expondo
 Ás tragadoras ondas.

Não me verão nos páteos dos palacios,
Entre os servos dos Reis; nem alimpando
O pó de augustas salas co'os joelhos,
 Para alcançar-te, oh deosa!

O sol que me aclarou na minha infancia,
O meu natal paiz, os meus amigos,
Por decantadas, estrangeiras terras
 Avaro, não, não tróco.

Si como Phocion no Marcio campo
Não vou vencer da Patria os inimigos,
Como elle ao menos zombo da fortuna,
 E das paixões triumpho.

Feliz quem ama a san Philosophia,
E que uma vez provar seus fructos pôde;
Porque, ao sabio Socrates seguindo,
 Só a virtude adora.



O D E.

Póde o Tempo voraz, batendo as azas,
Marmóreos torreões lançar por terra,
E grimpas colossaes, bronzifundidas,
De suberbos castellos.

Póde mesmo esbroar reinos inteiros,
Chamando em seu favor da guerra a furia ;
Dizei, oh sombras de Carthago, e Troia,
Si mente a minha Musa.

Mas não póde sumir no escuro olvido
Dos inclitos heroes os altos feitos ;
A quem Homero, inchando o ventre á tuba,
Dêo posthuma existencia.

Não de outro geito o iracundo Achilles
Os louros alcançou, e as apothéoses;
Sem o Grego Cantor jazera inglorio
No silencio do tumulo.

Inda no alcáçar da memoria existe
Do bom Mecenas esculpido o nome,
Porque assumpto foi da eburnea lyra
Do Vate de Venusa.

Ah! si meu estro mais pujante fôra,
Si eu tivesse o poder aos Vates dado,
Do velho Tempo arrancaria as azas,
E a fouce açacalada.

E cheio, oh Cambucí, de um nobre alento,
Então em louvor teu vibrára a lyra,
E ás quatro partes do terrestre globo
Teu nome propagára.

Assim fizera ver ao Mundo inteiro
Da minha gratidão a força ingente;
Assim da Eternidade ao templo augusto
Voáras triumphante.

Mas ah! si tal poder os céos me embargam,
Recebe ao menos os meus versos lhanos,
Pobre feudo de uma alma agradecida,
Que a mais chegar não póde.

1829.



O D E
A N O I T E.

Como a deosa das sombras socegada
No ar em carro de ébano passeia,
 Da lua coroada,
Que aclara a terra e o céo, e o mar prateia!

Como pela extensão do Ether estende
O manto azul de estrellas guarnecido,
 Que dos hombros lhe pende,
Um pouco pelo orvalho humedecido.

Tão bella nunca eu vi, nem tão serena
A Noite succeder ao claro dia!
 A sua luz morena
Como os raios do sol não incendia.

Á sombra do seu manto um brando vento
Da terra aplaca os rigidos calores;
E com seu doce alento
Vivifica os vergeis, e as murchas flôres.

Oh deosa, oh Noite, mais que o dia amavel,
De Venus, e de Amor propicia amiga,
E ao sabio favoravel,
Que os naturaes arcanos investiga.

Oh deosa, oh Noite, dos mortaes querida!
Em ti o escravo encontra a paz amada;
E a sua triste vida
Menos por ti se torna afadigada.

Estende, oh Noite, sobre mim teu manto;
Dá-me o somno com teu bafo divino;
Por beneficio tanto,
Recebe em teu louvor este meu hymno.

CANTATA

A MORTE DE LINDOYA.

Já do incendio a voragem reduzia
A pó, a cinzas o arraial dos Luzos.
Arremessado ás ondas
O intrepido Cacambo, meneando
Os musculosos braços, se afanava
Por ver a patria, e a suspirada esposa;
E dar ao padre Balda
Tão prospera noticia.
Mas em vez de encontrar esposa, e patria,
No toxico infernal a morte encontra,
Por mão sagaz e occulta ministrado.

Mal o bravo Cacambo em laço eterno
Á senhoril Lindoya se ligára,
Quando da gerra as vozes clangorosas
Os valles repetiram,
E dos braços da esposa o arrancaram.
A saudosa Lindoya, terna amante,
De dôr se consumia
Na dura ausencia do Indio valoroso.
Triste, afflicta, sózinha se entranhava
Por inhóspitas selvas, ermos valles;
E mil vezes ahi o doce nome
Do seu Cacambo aos ares proferia;
E a solitaria Nympha,
A despresada amante de Narciso,
Ia de valle em valle repetindo
O nome de Cacambo.
Só de agoureiras aves
Os pungentes gemidos lhe apraziam.
Quando a sombria tarde desdobrava
A cinzenta alcatifa
Pela celeste, concava saphira,
A senhoril Lindoya ía assentar-se

Perto de uma cascata, que se arroja
De alto, escarpado, ingreme rochedo.
Em quadra mais ditosa a bella Indiana,
Nos hombros de Cacambo reclinada,
Sohia alli fallar de seus amores.
Ella via com olhos lacrimosos,
Entre palmeiras, e copados cedros,
Crescer tenro e mimoso o cajueiro
 Que Cacambo plantára,
 Para eternal memoria
Do dia em que a tomára por esposa.
„Oh arvore querida! (assim dizia
 A bella Americana)
„Teu verdor me annuncia, que Cacambo
„Inda com vida existe, inda dardeja
„Mortes sobre o inimigo, que pretende
„Roubar a nossa terra, onde descançam
 „De nossos pais os ossos.
„Ah! nunca aves sinistras, agoureiras
 „Sobre teus ramos pousem;
„Nunca emtorno de ti, piando, võem;
„Cresce, prospéra para gloria minha.“

Só assim a miserrima Lindoya
As dôres adoçava da saudade;
Assim ella a sí mesma se illudia.

Mas a fatal noticia

Chegou a seus ouvidos.

Cacambo é morto ;.. e já Baldeta aspira
Em laços de hymenêo unir-se á ella.
Cacambo é morto! Oh dôr! oh mágoa! oh pranto!

Lindoya estupefacta, delirante

Leva as mãos aos cabellos, e os arranca,
Quebra o collar, e os braceletes de ouro,
Rasga os vestidos, e no chão se arroja.

De novo espavorida se levanta;

Corre de um lado a outro, pára, inquire

Que é feito de Cacambo:

„Caro esposo! onde estás?.. Quem m'o ha roubado?

„Eil-o, eil-o que alli jaz estendido!

„Como lívido está, exangue e frio!

„Oh Deos! Já não respira!...

„Si alguma piedade em vós existe,

„Meu espirito uní ao de Cacambo.

Nisto, crendo enxergar do esposo a sombra,
Quer abraçal-a, quer junctar-se á ella,
Corre precipitada, e ao chão se atira.
Mas a velha, ardilosa Tanajura
Na grave dôr a anima, e lhe aconselha
Morte mais prompta para um mal tão grande.

Pela velha guiada,

Eis os passos já move a infeliz moça,

Afflicta demandando

No fim do bosque cavernosa lapa,

Onde acabe seus dias.

Entretanto o sonoro som dos bronzes
Chamava ao Templo as indianas tribus,
Para assistir ao novo desposorio
De Baldeta e Lindoya.

Já todos se apresentam enfeitados

De lindas galas de vistosas pennas.

Qual traz ao lado ao tiracol pendente

Pejada aljava de aguçadas settas ;

Qual faz garbo de andar por entre os outros

Mostrando as gemmas, e as manilhas de ouro,

Que os braços lhe guarneçam;
Qual mostra o largo peito só coberto
Com o collar de dentes dos vencidos
Por sua mão pujante.

Só Lindoya é quem falta;
Só por ella se espera ha longo tempo.
Mas já cançado Caitutú valente
De esperar pela irmã, se assusta, e teme
Que algum funesto caso acontecesse;
E tres pancadas sente
No coração preságo.

O Templo deixa, e vai por entre os bôsqes
Buscar a irmã; em casa a não encontra,
E um instincto o dirige ao fatal êrmo;

Mas como vai achal-a! ...
Sentada está sobre uma fria lage,
Co'a cabeça encostada n'um cypreste;
Verde serpente lhe circula o collo,
E no peito lhe crava agudos dentes;
Já seu veneno cõa-lhe nas veias.

O Indio horrorisado
Não pôde ver a irmã, recua, e treme:

Mas attentando no reptil ascoso,
Uma setta em seu arco prompto embebe,
E contra elle a dispara.
A setta vôa, e em sua ponta leva
A distante logar a horrivel serpe.
Socorro inutil!.. Já n'ancia da morte
Lindoya não conhece o irmão que a chama;
E com tremula voz entrecortada
Do seu Cacambo o nome balbucia:
Assim exhala o ultimo suspiro....
Echo ainda repete estas palavras,
No momento da morte proferidas.

„Sombra querida
Do esposo amante,
Que a todo instante
Me estás chamando!
Sem ti não quero
Inutil vida.
Não póde o mando
Da crueldade
Prender a outro

Minha vontade.
Esposo amado,
Eu já te sigo ;
Pois só contigo,
Sempre a teu lado
Me quero ver . . .
Pois que morreste,
Eu vou morrer.“



CANTATA

A AURORA.

Como tão bella, tão mimosa assoma
A matutina Aurora!
Como languida vem, inda embuçada
Na purpura do leito.
Os cabellos em ondas lhe fluctuam
Sobre o alabastro alvissimo do peito.
Mil nuvens de Favonios
Em torno d'ella brandamente adejam.
Ao seu surgir se apagam as estrellas,
A lua desfallece,
E o negro véo da noite se evapora.

Salve, oh luzente Aurora!
Salve, moça gentil! como és tão branda!
Como captiva teu olhar tão meigo!
Salve outra vez, oh deosa antecursora
Do radiante farol que o mundo esmalta.
Para saudar-te o sabiá canoro

Do somno acorda,
E alegre salta
De ramo em ramo:
E ao seu reclamo
Mil passarinhos
Deixam os ninhos:
E a voz suave
No ar soltando,
Ternas endechas
Vão modulando.

Todo o reino de Flora em honra tua
Exhala mil balsamicos effluvios.
Mal brilha o teu albor n'alta collina,
E já o lavrador, cantando, prende
Ao leme da charrúa o boi tardio.

Cantando, o pastorinho
Sólta do aprisco a grei; cantando a guia
Ao pasto costumado.

Ah! tudo almo prazer goza contigo!
Eu só, eheio de mágoa, e de saudade,
Por distante me ver do caro amigo,
Um hymno de alegria
Não, não posso tecer-te, amavel deosa;
A voz rouqueja, e na garganta expira.

Si tomo a minha lyra,
Que repousa n'um canto abandonada,
E manso a vibro, as emperradas cordas
Entre meus dedos, estalando, saltam.

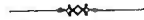
Só lagrimas eu tenho
Para chorar o caro amigo ausente.

Talvez que agora mesmo
Elle, qual eu, te esteja contemplando,
E juncto a sí o amigo imaginando.

Talvez que agora mesmo
Se recorde das vezes que a meu lado
Vi-te as portas abrir ao sol dourado.

Si tu ao meu pezar sensível fosses,
Bem poderás dizer ao caro amigo,
Que distante de mim saudoso mora,

Qu'eu n'elle penso
A toda a hora;
Que a todo instante
Por elle chóra
Meu peito amante;
Que noite e dia
Mil ais saudosos
Por elle envia
Aos Céos piedosos.



CANTATA

Á DESPEDIDA DO MEU AMIGO

M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Entre escarpadas, broncas penedias,
Por crassa e densa noite sopresado
 O incauto viajante,
Em que perturbação, em que tristeza
Não sentirá seu animo engolfado?
Como ouvindo de longe o crebro canto
D'ave funérea, horror da Natureza,
 Á Pallas consagrada,
Como não sentirá a resfriada,
Dura mão da ruím melancolia

Mais e mais apertar-lhe o brando peito?...
Cada tronco um espectro se lhe antolha;

E na coma sombria

Da morte o medo traça-lhe o aspeito...

Triste situação é certamente...

Mas ha uma esperança,

Que inda lhe aquece a mente.

Lá surge, e se apavona a madrugada

Sobre as serras do Eôo, e brando orvalho,

E rosas, e jasmins sobre elle chove.

Lá surge o fulvo deos, a quem as nove

Sabias Irmãs por mestre reconhecem;

E mal espalha no Universo o dia,

Ligeiros se dissipam

Os espectros, as sombras, e os phantasmas,

E quantos nadas gera a noite, e cria.

Não é tão infeliz como parece.

Mas, ai de mim, coitado,

Com razão a minha alma se entristece;

Eu sim posso queixar-me do meu fado;

Que si um instante cessa de ferir-me,

É para ter o gosto,

Barbaro gosto de embeber de novo
Com dobrado rigor o duro ferro
Em meu cançado peito.

Oh meu caro Araújo,
Oh parte de mim mesmo, oh meu amigo,
O fado quer que tu de mim te apartes . . .
Oh grande amor das Artes,
Que te aparta dos olhos o perigo,
Que cerca o movei, neptunino imperio,
E te aponta co' o dedo a nova Athenas,
Onde os genios encontram nutrimento.
O fado quer emfim que tu me deixes;
Eis o dia lá surge macilento,
Em que deves deixar-me . . . eis o momento
Da nossa despedida.
Com dôr que o coração me aperta e rála,
Com lagrimas que o rosto me humedecem,
Já o vejo chegar . . . Cruel saudade!
Que eu sentido até-qui inda não tinha,
Tu vás ser desde agora a socia minha.

Teu penetrante,
Duro agulhão
A cada instante
Me está varando
O coração.
Oh que tormento,
Que dôr tão forte,
Peior que a morte
Estou soffrendo!
Até o alento
Me vai faltando.

Oh meu caro Araújo, inda um abraço...
Concede inda um abraço ao teu amigo
Pela ultima vez... aperta... aperta...
 Ai! deixa que se espalhem
Em teu peito estas lagrimas, nascidas
Do triste coração do teu Osmino.
Tu me deixas amigo? (ah que doçura
Eu sinto ao proferir tão grato nome)
Tu me deixas, amigo? sim, mas olha,
E vê no rosto meu a mágoa minha.

Já a longa barreira se me antolha,
Que de mim apartar-te vai asinha :
Sabe Deos até quando !

Emquanto as brancas vélas
Do ligeiro baixel se não desfraldam ;
Emquanto o ferreo dente o cabo aferra,
E no porto inda escora a curva quilha ;
Emquanto inda a meu lado
O patrio ar respiras,
Pela triste Acadêmia a vista espraia.
Vês tu estas paredes, n'outro tempo
De mimosos paineis todas vestidas,
Como nuas estão, como branquejam ?
Vês tu esta palheta alli quebrada,
Este tento caído, e aqui dispersos
Pelo chão os pinceis, e as finas tintas ?
Pois á deosa pertencem da pintura,
Que triste, que saudosa,
Chorando d'Acadêmia a desventura,
Soltou as brancas azas,
E este asylo deixou, mal o deixaste.

Vês tu, meu caro amigo;
Que por tua partida eu só não choro;
Uma deosa commigo.
Sentidissimas lagrimas derrama.
Mas tu deves partir!.. é vinda a hora
De dizermos adeos; o adeos? quem sabe?
Talvez o derradeiro... o adeos eterno.

Vai, amigo; que chorando
Aqui fico a tua ausencia.
Ah! nunca do rei dos mares
Soffras tu a inclemencia.

Brandos Zephyros te levem
Ao porto do teu destino.
A fortuna te acompanhe,
Pois que tu és d'ella dino.

Que si aquella a quem os guardas
Dos reis não impõem respeito,
Nem o orgulho dos Galenos
Que cercam o regio leito:

Si aquella arbitra das vidas
Não cortar da minha o fio,
Té que tu, David Brasílio,
Regresses ao Patrio Rio :

Então este amargo pranto,
Que se derrama em meu rosto,
Mudar-se-ha em doce nectar
De prazer, de riso, e gosto.



ECLOGA

Á FALSA NOTICIA QUE EM 1829 SE ESPALHOU DA MORTE DO BISPO
DO RIO DE JANEIRO

D. JOSÉ CAETANO DA SILVA COUTINHO.

OFFERECIDA AO MEU AMIGO

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

INTERLOCUTORES.

OSMINDO, E ELMANO.

OSMINDO.

Ora graças ao céo! Eis-me contigo;
Contente em parte estou, mas triste em parte
Por te ver deste modo, caro amigo.

Já fui ao teu alvergue procurar-te;
Por valles, e por montes tenho andado;
E pensava não mais hoje encontrar-te.

E o que fazes, Elmano, aqui sentado,
Sem cuidado de ti, na terra fria,
Do teu casal distante, e do teu gado?

Mas que! nada te move?.. Oh que agonia!
Não vês que já da noite o negro manto
Afugenta de nós o claro dia?

Não fallas? mudo estás? dobras o pranto?
Correspondes assim com tal dureza
Ao terno Osmindo, que te estima tanto?

Elmano, meu Elmano! que tristeza,
Que dôr, que mágoa te angustia o peito?
Dize, que ingente mal sobre ti pesa?

ELMANO.

És tu, Osmindo! és tu!.. Por meu respeito
Te vieste metter nesta espessura?
Oh força de amizade! Oh doce affeito!

Luda tenho um amigo!... que ventura!
Oxalá que da parca o duro córte
Não cavasse a meu pai a sepultura.

A meu pai... meu bom pai... oh triste sorte!
Ai misero de mim! sou desgraçado!...
Ah leva-me tambem, cruenta Morte.

OSMINDO.

Tu deliras pastor? Elmano amado,
Tu perdeste a razão; teu pai stá vivo,
E bem, por te não ver, sobresaltado.

Teu pai no te amar é excessivo.
Ora anda, meu Elmano, anda commigo,
Vem dar á sua mágoa lenitivo.

ELMANO.

Outro benigno pai, meu caro amigo,
Outro benigno pai a morte impía
Deste mundo arrancou, levou comsigo.

Eu n'elle um protector, e amigo via.
Si a vida sua recobrar podesse,
De bom-grado o que é meu tudo daria.

Antes a minha choça em fogo ardesse;
Um raio antes meus campos devastasse;
Ou todo o meu rebanho percesse.

A morte a minha vida antes cortasse;
Mas do meu protector, do pai clemente,
Os dias preciosos conservasse.

Agora o que ha de ser do indigente,
Por quem elle se oppunha ao fado injusto,
Dando o que este negára em copia ingente?

OSMINDO.

De quem fallas não sei; mas sei que é justo
Tanto a perda chorar do varão nobre,
Quanto os nobres se encontram hoje a custo.

Assim, seu nome dize-me, descobre;
Pois tu bem sabes que eu entre os pastores
Amo sempre a quem faz mais bens ao pobre.

ELMANO.

Tu não sabes quem é? Dizei-o, oh flôres,
Rios, montes, fallai: a dôr poupai-me,
E vós destes sertões, habitantes.

Quem mais podéra ser!... Céos, confortai-me!
Quem mais si não o Principe da Igreja?
Oh Céos, que o possuís, outra vez dai-me...

OSMINDO.

Tão nobre e justa dôr me causa inveja!
Mas ah! exulta amigo; ainda vive
Quem o teu coração tanto deseja.

ELMANO.

E verdade será?... Tu proprio o viste?
Que noticia feliz! Osmindo amado,
Quanto consolo dás á uma alma triste.

OSMINDO.

Acredita-me, Elmano; descansado
Podes de todo estar; pois com certeza
Vive o nosso Pastor, já tão chorado.

Deos, que sobre nós vela com firmeza,
E um pai nos concedêo tão virtuoso,
Á sua vida dêo maior largueza.

ELMANO.

Oh sempre para mim dia fastoso !
Existe o meu bom pai, o meu amigo !
Vamos graças render ao Poderoso ;
Vamos, vamos, Osmindo ; eu já te sigo.



N E N I A

A MORTE DE IGNEZ DE CASTRO.

RECITADA NO FIM DA REPRESENTAÇÃO DA TRAGEDIA
DE J.-B. GOMES, NO THEATRO PARTICULAR
DA RUA DOS ARCOS.

Ainda a feia catastrophe horrorosa
Da miserrima Castro se me antolha!
Ainda o frio cadaver estendido,
E tinto no seu sangue alli diviso!
Ainda seus ais, seus ultimos suspiros,
Capazes de abrandar duros penedos,
Retumbam nestas lugubres abóbadas.

Não, não foi illusão; meus olhos viram;
Alli, alli morrêo a infeliz Castro,
Alli, ella cafo, estrebuxando.

Emvão prostrou-se Ignez aos pés de Affonso,
Co'as mãos, e os olhos para o céo erguidos,
Banhado o rosto de piedoso pranto.
Emvão apresentou-lhe os tenros filhos,
Innocentes, angelicos penhores
Do sagrado hymenêo, que a Pedro a unia:
„Perdôa, oh Rei, perdôa á infeliz Castro,
Á desgraçada esposa de teu filho.
Elle culpa não tem mais do que amores.
Ah! não sejas, Senhor, para commigo
Tão duro, não, que á morte me condemnes.
Não ouças a tyrannos conselheiros.
Estes que vês aqui, são os teus netos,
São os filhos de Pedro, são meus filhos;
Tem d'elles piedade, oh Rei invicto,
Tem d'elles compaixão... Caros meninos,
Ides ficar sem mãe... Chorai, oh filhos!
Chorai, pedí, rogai ao grande Affonso
Que desta triste mãe se compadeça.“

Os tenrinhos infantes, tão mimosos,
Aos pés do avô severo se ajoêlham,

E, beijando-lhe a mão, em pranto gritam:
„Senhor! Senhor! não mates nossa mãe.“
Immovel fica o Rei, e sem sentidos,
Qual dura estatua de insensível mármore.
Venceste, enfim venceste, oh Natureza!
Affonso perdoou; Ignez stá salva;
Já beija as mãos de Affonso, e pai o chama;
E Affonso já de filha dá-lhe o nome.

Onde vás, oh Pacheco? que procuras?
Tu, infame Coelho, que pretendes?
A uma fraca mulher quereis mostrar-vos
Quaes carniceiros, sitibundos lóbos?
Que mal ella vos fez?... dizei, perversos?
Não ouvem; o furor os allucina.
Com agudos punhaes as mãos armadas,
A victima procuram, buscam, correm
Os recessos do paço; enfim a encontram,
E sem piedade os ferros penetrantes
No peito de alabastro embebem, cravam,
E os tiram inda quentes, salpicando
O rubro, espumeo sangue pelas salas.

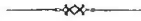
Tremo de horror, e me arrepio todo!
A triste, a malfadada semiviva
Balbucia, arquejando: esposo!.. espôso!..
Não pôde dizer mais; caíó já fria...
De novo quiz se erguer, caíó de novo.
Morrêo...já não respira Ignez formosa...
Pedro, oh Pedro, onde estás? que não acodes
A tua bella Castro? . Ah vem, ah corre,
Rompe, quebra os grilhões, que te embaraçam,
Busca ao menos vingar a sua morte.

Com ramos de cyprestes se cobriram
As filhas do Mondego, e longo tempo
Lamentaram de Ignez o fim infausto.
Sobre o mármore da sua sepultura
As Tagides formosas espargiram
Saudades, e suspiros; ao Hippoerene
A noticia chegou que Ignez morrera;
E as canoras Irmãs, filhas de Jove,
Lhe tecêram chorosas Elegias;
E largo tempo resouu nos valles
Esta voz luctuosa: — Ignez é morta!...

Vós, oh filhas gentis da Patria minha,
Donzellas Brasileiras, vós que tendes
De Ignez a formosura, o mimo, e as graças;
Que tendes de sua alma os sentimentos;
Temei, temei de ter tambem seu fado.
Vós a vistes morrer desamparada;
Não lhe valêo encantos, nem belleza;
Amor foi só seu crime, outro não teve . . .
E quando Amor foi crime? Amor, que é vida,
Que é alma do Universo? Amor, que doma
O sanhudo leão da Lybia selva,
Que dos mesmos reptís dirige os silvos,
Que ao terno sabiá canções inspira,
Que abrasa o coração da meiga rôla,
Que désce ao fundo mar, vence a baleia,
E os proprios vegetaes attrai, anima?
Amor será um crime entre os humanos?
A falsa, a dura lei que assim o julga,
É contraria á Razão, e á Natureza.
Não, Amor não é crime; pois si o fôra
A virtuosa Ignez nunca amaria.
Podeis chorar, Donzellas Brasileiras,

Podeis chorar de Ignez a infausta sorte ;
Ignez era innocente... Illustre sombra
Da miserrima Ignez, si a voz do vate
Póde o mármore abrir, onde repousas,
Si póde penetrar os teus ouvidos,
Ergue-te, illustre sombra, que eu te evoco ;
Em nome das Donzellas Brasileiras
Recebe a Nenia, que ora te consagro.

1830.



ELEGIA

A MORTE DO EXIMIO ORADOR

FR. FRANCISCO DE SAMPAIO.

EM 13 DE SEPTEMBRO DE 1830.

*Saiam desta alma triste, e magoada
 Palavras magoadas de tristeza,
 E seja ao Mundo a causa declarada*
 CAMÕES, Elegia XX.

Longe, longe de mim, filha insensata
 Da estremada ignorancia, e da loucura!
 Longe . . . que o aspecto teu só me maltrata.

Ah! deixa-me sem ti . . . outro procura,
 Que louco, qual tu és, jamais um dia
 Nas leis pensou, que regem a Natura.

Meu nune só tu és, Melancolia!...
E tanto de mim és deosa prezada,
Quanto do voluptuoso é a alegria.

Quem póde ter um'ora socegada,
Um'ora de prazer, no curto espaço
Da nossa vida triste e limitada?

Quem póde ver andar com largo passo
Essa furia infernal, a dura morte,
Que lucta co'a Natura braço a braço?

Do ferro seu jámais se embota o córte;
Ella piza com pé victorioso
Desde o menino até o Rei mais forte.

O sabio, o justo, o rico, o virtuoso,
Ella os reduz a pó tão facilmente
Como o pobre, o ignorante, e o vicioso.

Oh como está sentada irreverente
Sobre o resto da triste humanidade,
Tendo na mão a fouce reluzente!

Aqui se humilha toda a antiguidade,
Ao throno seu servindo de escabello,
Ao qual só fim porás, posteridade!

Mas que vejo ... oh meu Deos!... tremo ao dizel-o.
Lá se remonta a furia aos leves áres...
Em quem irá gravar o fatal sello?

Ai...que já se redobram meus pezares!
Ella vò...ella vò; ella se some,
Não distante de mim, nestes logares.

Não ha quem seu furor aplaque, e dome;
Emvão mandam-se aos céos votos piedosos;
Emvão de Deos se invoca o Sancto Nome.

Já retumbam os bronzes sonorosos,
Que nas torres dos Templos suspendidos
Morrêo...morrêo...Ai dizem-nos chorosos.

Quem será, oh meu Deos?... Em meus ouvidos
Um grave som retumba, horrendo e triste;
Ah! só de ouvil-o, faltam-me os sentidos.

Que escuto?...já morrêo...já não existe...
Sampaio...o Orador...morrêo Sampaio!
E quem a tão cruel golpe resiste?

Cair vejo a meus pés medonho raio...
Trovões horrendos soltam-se nos ares...
Já não posso suste-me... ah! eu desmaio...

E não bastavam meus crueis pezares?...
Ai! golpes sobre golpes me atassalam...
Azares me perseguem sobre azares...

Jámais aos olhos meus lagrimas falham...
Em pranto a minha Musa ha pouco esteve;
Já de novo meus olhos pranto espalham!

Minha vida é chorar... Feliz quem teve
Em dote um coração de rocha dura,
Que o mal nem sente, que chorar se deve.

Aquelle que subío da gloria á altura
Co'a força da eloquencia, inanimado
Hoje vai-se occultar na sepultura.

Ainda honte o vi no pulpito elevado,
Com voz suave, e tom harmonioso
De Deos cantando o Nome sublimado.

Ainda hontem nos pintou triste e choroso
A dôr da Beatissima Maria,
Ao ver morto seu filho, e Deos piedoso.

Ainda hontem: Summo Deos! (assim dizia)
„Eu sou feito de pó, e de vapores;
Breve me cubrirá a terra fria.“

Propheta foi... Já hoje nos horrores
Da negra sepultura em paz descança
O mestre, o Exemplar dos Oradores.

Mas sua alma, voando, o céo alcança...
O céo alcança, sim, d'onde viera;
Embora o impio por negar se cança.

Philosopho elle foi... Ah quem podera
Com grave accento, ao som da triste Lyra,
Mostrar á Patria e ao Mundo o quanto elle era.

Por mais que minha dextra as cordas fira,
Por mais que o peito meu convide ao canto,
Nada posso alcançar... Ai! só suspira
Envólto o coração em negro manto.



SONETO.

AO MESMO OBJECTO.

Oh sagrado Orador, da Patria gloria,
Honra do Claustro, que Francisco rege!
Embora a inveja escurecer deseje
Teu nome escripto na Brasilia historia.

Tu vivo estás no alcáçar da memoria;
Só de Sampaio o nome te protege;
Por tanto a furia seus ardís maneje,
Que então maior será tua victoria.

Pythagoras talvez razões achasse,
Para provar a idéa que tivera,
Si inda no Mundo por fortuna andasse;

Pois a ouvir-te fallar, firme dicera:
(Si bem que no teu corpo mais ganhasse)
Que a tua alma a de Cicero só era.



EPICEDIO

Á MORTE DO INSIGNE MUSICO COMPOSITOR

JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA.

Que confuso clamor! que tristes vozes,
Nascidas só de peitos magoados,
Os ouvidos me ferem?

Que negras nuvens o horizonte cobrem?
Que denso fumo os ares escurece?
Céos! que funebre scena!

Lá do Averno sair diviso a furia,
Que dôr, consternação, pranto semeia
Nos miseros viventes.

Lá vejo reluzir na óssea dextra
O alfange açacalado, que derriba
Os marmores, e bronzes.

Alfange que ceifou de Orphêo a vida;
Alfange em que os Homeros, e os Virgílios
Os estames perderam.

Onde, oh furia voraz, agora o levas?
Em quem pretendes embebel-o agora?
Quem para ti desejas?

Mas que! Morte cruel, suspende o braço;
Não córtes, ah! não córtes por piedade
Do nosso Orphêo a vida.

Antes me crava o peito; eu to apresento,
Aqui, aqui o tens... ceva-te, oh monstro;
E aplaca a sêde tua.

Mas ah! que um negro féretro diviso
Da terra erguer-se; um lívido cadaver
Jaz sobre elle estendido.

Uma lyra a seus pés quebrada vejo;
Um louro secco, e mil dispersas folhas
Do livro da harmonia.

Quem será? eu vou ver... Oh dôr! oh mágoa!
Morte cruel! oh perfida inimiga!
Emfim, sempre venceste.

E podeste cortar-lhe a curta vida?
Como não se embotou do teu alfange
O fio nesse ensejo?

Não te pôde abrandar a insana furia
Da lyra sua a voz melodiosa,
E o pranto dos amigos?

E não te commovêo a geral mágoa
Da sociedade inteira, que escutando-o,
Orphêo ouvir cuidava?

Ai! que agora chorar só cumpre a perda
Do insigne Mauricio, illustre Mestre,
Que a Patria tanto amava.

N'elle a Patria perdêo o maior vate
De quantos dão-se ao musico exercicio,
Por natural impulso.

São raros os Rossinis, e Mauricio;
E só o Mundo conta de éra em éra
Genios tão transcendentos.

Na lage sepulcral, gravem-lhe as Musas
Este triste Epitaphio em lettras de ouro,
De gratidão em prova.

„Aqui Mauricio jaz, Musico eximio;
„Nunca a sí valor dêo; foi virtuoso,
„Honrou á sua Patria.



SONETO.

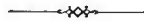
AO MESMO OBJECTO.

Da Mo rte ao gran poder ninguem resiste;
Té ao sabio se estende a lei austera;
E o primeiro cantor que o Brasil dera
O tributo pagou, já não existe.

Morrêo, emfim morrêo! O Brasil triste
Com lagrimas o rosto seu macera;
Mas morrêo para nós, pois lá na Esphera
Onde se mostra Deos, Mauricio assiste.

Lá nos córos angelicos, vibrando
De nova lyra as cordas de ouro fino,
Novos hymnos a Deos vai entoando.

Oh ditoso mortal! feliz destino!
Estás da gloria os ares respirando!
Foste humano cantor, hoje és divino.



EPICEDIO

Á MORTE DE

D. JOSÉ CAETANO DA SILVA COUTINHO,

BISPO DO RIO DE JANEIRO E SENADOR DO IMPERIO etc. etc.

No Templo do Senhor gemidos sôam;
 Votos humildes dos Christãos descançam
 Sobre os sanctos Altares.

Deos! oh Pai protector dos infelizes,
 Vê que imminente mal nos ameaça;
 Tu só salvar-nos pódes.

Densa nuvem pejada de tormentas
 Pelo nosso horisonte desenrola-se
 Com fragoroso estrondo.

Horrenda e descarnada, de seu bôjo
Surge a morte... Lampeja-lhe na dextra
A lisa, curva fouce.

Eil-a que vôa... Eil-a que já pouosa
Sobre o leito, onde a baça enfermidade
Macera o homem justo.

Dispersa esta porção da grei de Christo,
Cheia de susto córre, e o aprisco busca
Do seu Pastor querido.

Com ais, com pranto não se abrandaa Morte;
Não respeita o saber, e nem ao menos
A virtude respeita.

Ovante, impetuosa rompe, affronta
O Colloquio dos Doctos; calca os livros
Da Sciencia da vida.

Qual tufão rijo, que altos róbres prostra,
Tala as campinas, os vergeis derriba,
Assim se ostenta a Parca.

Sobre o fio da fouce tragadora
Lá estalou o estame de uma vida
Aos homens preciosa.

Eil-a, eil-a que fólga... Infernal furia!
Assolador flagello dos humanos!
Imiga da existencia!

As nossas afflicções inda eram poucas?
Não cançará um dia a dextra tua
De semear desgraças?

Gritos de indignação, e de amargura
De toda parte do Orbe se levantam,
E enchem o espaço immenso.

A madre Natureza convertida
Se vê por ti em vasto cemiterio,
Para tragar seus filhos.

Folgas co o pesar nosso ? oh impia! oh dura!
Mas com quem fallo eu? Já sitibunda
Outra victima busca!

Ah cobre-te de lucto, oh sancta Igreja!
Mostra em teu rosto a dôr da agra saudade,
Que te penetra, e punge.

Funebres psalmos lacrimosa entôa
Ao som da harpa divina, que o Rei vate
Outr'ora magoára.

Não mais verás marchar á tua frente
Esse Prelado exemplo de virtudes,
E de saber exemplo.

Bronzes sonoros, que chamais ao Templo
O rebanho de Deos, chorai a perda
Para os Christãos tão dura.

Valles profundos, repeti os echos
Da nossa acerba dôr. Oh Céos! oh terra!
De nós compadecei-vos.

Apagou-se essa lampada sagrada,
Que com placida luz dourava o tecto
Do Sanctuario do Eterno.

Astros, que povoais o firmamento,
Luminosos fanaes da Ethérea plaga,
Feliz mansão dos Justos.

Recebei de José a alma preclara,
E a estrada alumiai por onde passe
Té de Deos á presença.

Lá irá ante o throno coruscante
Do Rei, a cuja voz se acurva o Mundo,
Depor a mitra, e o baculo.

Lá irá receber a immortal c'rôa
Das mãos do Omnipotente; digno premio
Do seu merecimento.



SONETO.

Emmudece a Razão quando Amor falla.

NOVA CASTRO por J. B. Gomes.

GLOSA.

De Troia eu vejo os muros abatidos
Pelo poder dos Gregos bellicosos,
E sobre o campo restos lastimosos
Por toda parte jazem espargidos.

Aqui humanos corpos carcomidos
Em montes se divisam espantosos;
Alli fórma mil charcos espumosos
O já coalhado sangue dos feridos.

Ah! tudo emfim promove a dor e o pranto,
Por ver que Amor cruel o mundo abala,
Té scenas produzir de horror e espanto.

E este quadro fatal, que nada o iguala,
Com grande pezar meu, bem mostra o quanto
Emmudece a Razão quando Amor falla.



SONETO.

IMPROVISADO EM UNS OUTEIROS.

Entre raios, trovões lá sai do Averno
O Despotismo, e o dente ao Mundo aferra;
A discordia daqui, dalli a guerra
Juram contra os mortaes um odio eterno.

Oh que scenas de horror! Scenas do Inferno
Reproducidas vêm-se em toda a terra;
Córa de raiva um deos, mas não se aterra,
Pois sobre o monstro tem poder superno.

Quem mandará, que arranque a lança e a malha
Com que a furia do Cócyto se adorna,
E a triste humanidade acuda, e valha?

Liberdade! lá vem;... de luzes se orna,
Calcina a féra, o pó ao vento espalha,
E as lagrimas do céo no Mundo entorna.



SONETO.

IMPROVISADO NO MOMENTO DA DESPEDIDA
DE UM AMIGO.

Adeos, porção de mim; adeos, amigo;
O momento chegou da despedida!
Minha alma de mil settas combatida,
Em tão dura afflicção não acha abrigo.

Triste e sozinho fico; pois contigo
Levas todo o prazer de minha vida.
Vai, sem mim vai gozar a paz querida.
Adeos, porção de mim; adeos, amigo.

Que gosto não terás quando avistares
A casa paternal! Oh que ventura
Quando da terna mãe a mão beijares!

Ah seja o teu prazer de eterna dura,
Emquanto eu, consumido de pezares,
Descendo vou á fria sepultura.



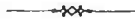
SONETO.

Si um pouco contemplarmos sabiamente
As leis fundamentaes da Natureza,
Acharemos em tudo tal firmeza,
Que em sua applicação nada as desmente.

Nasce, e fallece o misero indigente
Sem nisto differir d'alta nobreza,
E a terra que os nutrio com gran franqueza,
Agora os corpos seus some igualmente.

Em seu gremio o pastor ao Rei iguala;
Ahi sem mais facticios pundoiores,
A terra a um novo ser os avassalla.

Ao céo rendamós pois dignos louvores;
Somos todos iguaes; tudo nos falla;
E até em sermos todos peccadores.



SONETO.

Que dôr pungente, oh céo, sinto no peito,
Que até meu coração retalha, e esbrôa!
Um peso enorme a fronte me atordôa,
E contra meu querer me encosto ao leito!

Ah! quem, pobre de mim, me tem sujeito?
Que será, oh meu Deos? Quem me magôa?
Mas que espectro de mim emtorno vôa?
A morte... é ella... lá lhe vejo o aspeito!

Ah! vem, que firme estou; vem apressada;
Eu não temo morrer; desfêcha o córte,
E leva-me esta vida amargurada.

Porêm que fazes tu? cruenta morte,
Poupas uma existencia malfadada?
Oh quanto é dura e triste a minha sorte.



SONETO.

É mais doce que o mel teu terno agrado.

GLOSA.

Terna Venus, de Amor mãe carinhosa,
Vida, encanto, prazer da Natureza,
Astro do mundo, deosa da belleza,
Luz, que offusca a razão mais orgulhosa!

Tu, oh Venus, arrastas caprichosa,
Os Reis té o tugurio da pobreza,
E o pastor tu levantas da baixeza,
E lhe offertas a c'rôa majestosa.

Tu és dos corações o enlevo, e a lida;
Tu dominas o mar, a terra, e o fado;
Tu és tudo, e por tudo obedecida.

Eu me esqueço de mim, stando a teu lado;
Para mim um teu riso é mais que a vida,
É mais doce que o mel teu terno agrado.



SONETO.

No gremio do prazer, e d'alegria
Passei outr'ora o tempo venturoso;
Porque de amor o jugo vergonhoso
Meu terno coração não conhecia.

Agora a mais lethal melancolia
De continuo me traz tão pezaroso,
Que chego a desejar de desgostoso
Que esta vida me córte a Parca impía

Mas, oh potente Jove soberano,
Já qu'entre os deoses tens tanta influencia,
Castiga o crime de Cupido insano.

Mostra assim ao cruel tua potencia;
De uma vez acabando esse tyranno,
Immortal ficará tua clemencia.



SONETO.

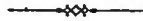
Não abrando, mas dóbro o meu tormento.
CAMÕES. SONETO 94.

Pôde o terno Dirceô, tangendo a lyra,
A Marilia tecer altos louvores,
E dest'arte acalmar os seus rigores
Ao som dos versos que a paixão inspira.

Tambem Jacob, porque a Labão servira,
Premio teve em Rachel dos seus amores;
Sophronimo, primor dos esculptores,
Alcançar pôde a divinal Themira.

Só eu o triste sou; por mais que implore
A tyranna não céde a meu contento,
Nem quer que a minha dôr cruel minore.

Tal é o gran pezar que experimento;
Si busco allivio dar, quer ria, ou chore,
Não abrando, mas dóbro o meu tormento.



SONETO.

Co' o tempo passa um anno, um mez, um dia;
Uma e outra estação co' o tempo passa;
Das bellas muda a côr, que o rosto engraça,
E sobre gran prazer traz agonia.

Do tempo erguendo a fouce a dextra impía,
Choças, torres, e templos despedaça,
E dos mortaes cortando a vida escassa,
Faz no Mundo cruel carniceria.

O tempo tudo vence, e tudo altera;
Tudo muda; mas só não tem podido
Dobrar o genio de uma ingrata féra.

Recobra, oh tempo, o teu poder perdido!
Dispõe em meu favor Marília austera;
Ficar não queiras contra mim vencido.



SONETO.

Oh tu, encanto meu! oh tu, meu nume!
Causa de minha dôr, de meu tormento!
Dize, cruel, qual é o teu intento?
Queres que eu morra á força de ciume?

Jámais meus ternos ais, e meu queixume
Em ti encontrarão acolhimento?
Tu que nutres o amor mais violento
Nesta alma, que por ti só se consume?

Não é facticio affecto o que me abala;
É amor em delirio, é seu excesso,
Que me leva ao furor, e que me rala.

Então, ingrata, um ai te não mereço?
Não temas de o dizer, sem pejo falla;
Decide: „não“ Oh céos! eu desfalleço.



SONETO.

Não choro mais de amor a crueldade,
Com que recompensou minha firmeza;
Nem canto de Marília a gentileza,
Que prender pôde a minha liberdade.

Pois eu n'ella encontrei tanta vaidade,
Que se julga o primor da Natureza,
E que tão bella é, que até princeza
Póde ser, ou talvez uma deidade.

Namorada de sí, tudo desdenha!
Si algum deos só deseja por amante,
Com tão loucas fumaças lá se avenha.

Mas não luctar é ser pouco estudante;
Si lucto, póde ser que eu nada obtenha.
Pois bem, fique-se em paz, não sou farfante.



SONETO.

Crimes não gera Amor, gera Virtudes.

GLOSA.

Amor. aura vital da Natureza,
Origem do prazer, doce presente
Tu és, feito aos mortaes por Deos clemente,
Para manifestar sua grandeza.

Tu tens em toda a immensa redondeza
Cultos quaes os não tem o Omnipotente!
Oh como é louco e temerario o ente,
Que de crimes notar-te toma a empresa.

De Deos não póde vir nenhum defeito;
Vociferem por tanto os genios rudes,
Que não gozam do teu suave affeito.

Oh homem, da razão nunca tu mudes;
Esta verdade grava no teu peito:
Crimes não gera Amor, gera Virtudes.



SONETO.

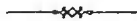
Á VISTA DOS BELLOS QUADROS DO
SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Que magico pincel, mimo de Apollo,
Com muda locução, com vivas côres,
Faz da Patria passar os Defensores
Desde o pólo do Sul do Norte ao pólo ?

Quem tanto esmalta o Brasileiro sólo ?
Estes bellos paineis, tão falladores
Mais encantos possuem que os Amores
Quando da terna mãe se erguem do collo.

Raphael do Brasil, eu te saúdo.
Tu serás entre nós das Bellas Artes
Um novo vingador, um forte escudo.

Honra á Patria não dão feroces Martes;
Mas Artistas quaes tu! Elmano, eis tudo
Porque atróam do Mundo as quatro partes.



SONETO.

Sem a dita de Achilles ter inveja.
CAMÕES (Luziadas).

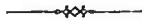
GLOSA.

Si Marilia os meus versos acolhesse,
Em que o seu rigor lastímo, e choro;
Si o quanto amante sou, e o quanto a adoro
Seu cruel coração reconhecesse:

Si essa ingrata por fim se enternecesse,
Por ver que eu só por ella me devoro,
E, cedendo á razão, o que lhe imploro,
De meu amor em premio cõcedesse:

Ditoso fôra então, então calcára
O duro fado meu, que me pragueja,
E que tanto de mim atroz zombára.

E exultando em prazer, que mui deseja
Meu terno coração, amor gozára,
Sem a dita de Achilles ter inveja.



SONETO.

A UM SABIÁ.

Mimoso Sabiá, terno e canoro,
Alma dos bosques que o Brasil enfeitam,
Como seu mestre as aves te respeitam,
E os homens como o Orphêo do aéreo côro.

Os Amores, e Lilia por quem chóro,
Teu doce canto por tributo aceitam;
Elles folgam contigo, e se deleitam,
Eu pasmo de te ouvir, e a um Deos adoro.

Tu vives em contínua primavera;
Lilia te affaga, Lilia ouve teu canto!
A tua feliz sorte, ah, quem m'a dera!

Então o meu penar não fôra tanto;
Pois seu peito abrandado já tivera
Co'a voz que ao seio d'alma leva o encanto.



SONETO.

Oh como se ergue o mar encapellado,
Escarcéos no ar mostrando assustadores!
Oh como exhala roneos zunidores,
Só porque foi dos ventos agitado.

Mas eil-o que lá vem apressurado;
Á praia chega, e perde seus furores,
E todo se desfaz em brancas flôres,
Depois de se ostentar tão irritado.

Tal é o proceder das Marcias bellas;
Quando um homem lhes falla a vez primeira,
Dão as costas, e batem as jauellas.

Dura o rancor até a vez terceira;
Mas quebram afinal suas procellas,
E em flôres se termina a brincadeira.



SONETO.

Sereno estava o céo, e n'um momento
Cobrio-se de atros mantos tenebrosos,
E nos altos penhascos escabrosos
Bramava com fragor o rijo vento.

Irado Jove lá do ethéreo assento
Raios mandava á terra luminosos,
Que esbroando mil cedros alterosos,
Atroávam no baque o fundamento.

Mas ah! em quanto assim espavorido
Contemplava o furor da tempestade,
Não me lembrava estar de Amor ferido.

Mas logo que voltou a claridade,
Aplacada a tormenta, enternecido,
Comecei a chorar minha saudade.



SONETO.

De amor preocupada a phantasia,
Marilia retratar tentei ousado,
E tendo o necessario aparelhado,
Os contornos tracei com galhardia.

Do rosto seu a têz alva e macia,
E dos labios a côr tendo imitado,
Quiz seus olhos pintar, quando pasmado
Senti que o corpo meu todo tremia.

Esfôrço o meu pincel; e neste ensejo
O panico terror se me redobra,
E uma aérea figura ante mim vejo:

„Temerario mortal, siso recobra!
Tu não pôdes cumprir o teu desejo;
Deixa que Apollo te conclua a obra.



L Y R A.

I.

Resurge Phebo
Lá no horizonte,
E a luz brilhante
Já doura o monte ;
Depois ao prado
E ao valle umbroso
Vem pressuroso,
Vida, e alegria
A tudo dar.

De toda parte
Mil passarinhos
Batem as azas,
Deixando os ninhos ;
E lá nos cumes
Dos arvoredos
Os seus brinquedos.
Voando alegres
Vão ensaiar.

Ahi conjunctos,
Formando um côro,
Um hymno cantam
Em tom canóro ;
Assim contentes
E á porfia
Do pai do dia
Festejam todos
O acordar.

Eis já procuram
Grato alimento,

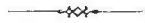
Da curta vida
Curto sustento:
Sempre cuidadosos
Dos seus filhinhos,
Nos seus biquinhos
Tenros biscatos
Já vão largar.

Assim preenchem
Co'a mór firmeza
As sanctas leis
Da Natureza:
Para que em tudo
Ditosos sejam,
Ternos adejam
Fieis amantes,
Um do outro a par.

Assim os dias
Passam contentes
Co'os seus amores
Tão innocentes.

Feliz si eu fosse
Uma avezinha;
Então asinha
No teu regaço
Fôra pousar.

E ahi cantando
Com todo o esmero,
Talvez movesse
Teu peito austero.
Ah quanto é dura
A minha sina!
Sorte mofina,
Que me não deixa
Tal bem gozar.



L Y R A.

II.

Pintar eu quero
Minha paixão,
E a dôr que sente
Meu coração.
E tu, amada,
Prenda querida,
Escuta as mágoas
De minha vida.

Emquanto isento
De Amor passava,
Dias alegres
Então lograva.

Porêm agora,
Que te conheço,
Por ti só peno,
Por ti padeço.

O voraz fogo,
E o teu rigor
Me causam sempre
Tristeza, e dôr.
Assim eu vivo
Tão constrangido,
Que até me pésa
O haver nascido.

Oh desgraçado!
Oh desditoso!
De que me serve
Ser virtuoso?
Porque me déste,
Oh Natureza,
Peito sensível
Á tal belleza?

Assim lastimo
A minha sorte,
E nada vejo,
Que me conforte.
Já abatido
O meu semblante,
Espero a morte
A todo instante.

E tu ingrata,
Por quem eu morro,
Inda não queres
Dar-me soccorro?
Allivio dá-me
Si não expiro...
Fallar não posso;
Já não respiro.



LYRA

III.

IMPROVISADA.

Doce paz, terna alegria
Sempre commigo habitaram;
Hoje não gózo prazeres,
Porque de mim se ausentaram
Hoje só sinto
Tristeza, e dôr:
Ah em meu peito
Existe amor.

Nos verdes, sombrios valles
Umaz vezes passeava,
E sobre a florida relva
Um ar puro respirava.

Hoje só sinto
Tristeza, e dôr:
Ah em meu peito
Existe amor.

Outras vezes sobre a margem
De um arróio adormecia,
Té que Phebo refulgente
Com seus raios me feria.

Hoje só sinto
Tristeza, e dôr:
Ah em meu peito
Existe amor.

Outr'ora tudo risonho
A meus olhos se mostrava;
Hoje procuro, e não acho
O que d'antes desfructava.

Hoje só sinto
Tristeza, e dôr:
Ah em meu peito
Existe amor.

De tudo que soffro agora
Eu não sei a causa, não;
Só sei que nesta mudança
Padece meu coração.

Hoje só sinto
Tristeza, e dôr:
Ah em meu peito
Existe amor.



LYRA.

IV.

Eu amei a Marcia
Com cega paixão;
Mas ella pagou-me
Com feia traição.
Foi falsa, e por tanto
A outra já dei
O meu coração.

Agora amo a Lilia
Com dobrado amor;
Pois ella é em tudo
Que a outra melhor.
Porém já protesto
Deixal-a de amar,
Si ingrata me for.

Nunca a Anacreonte
Amante faltou ;
E elle era velho,
E eu moço sou ;
Nem consta que dêsse
Um premio maior
Que o premio que eu dou.

Si as cordas vibrando
Da lyra fiel,
Amor nos pintava
Mais doce que o mel ;
Tambem eu de Marcia
As graças cantei ;
Mas foi-me infiel.

Não foi mais amante
O velho de Téos ;
Porém a fortuna
É dada por Deos.
Mas Lilia me adora,
Me chama seu bem !
Ah ! graças aos Céos.

Já eu não te invejo,
Oh velho cantor;
Pois minha fortuna,
Que a tua, é melhor.
Agora contente,
Qual foste, eu vou ser
Um Vate de Amor.



LYRA.

v.

Lilia querida,
Sou teu amante,
Viver não posso
De ti distante.

A paz antiga
Já não respiro;
Por ti saudoso
Choro, e suspiro.

O cruel fado
Contra mim se ergue
No monte, e valle,
No meu alvergue.

Si um livro tomo,
E o vou abrir,
Antes que o abra
Sinto-o cair.

Si nas campinas
Busco alegrar-me,
Com a tristeza
Vou encontrar-me.

Si a voz escuto
Do mocho feio,
Mais me entristeço,
De pavor cheio.

Si o Sabiá
A voz concerta,
Tua lembrança
Em mim desperta.

Então se augmenta
A minha dôr,
Por ver-me ausente
Do meu Amor.

Os céos te tragam
A estes lares ;
Tu só dissipás
Os meus pezares.

Pois eu por ver-te
Sempre anhelando,
Dias e noites
Passo velando.

Sí não vens dar-me
O teu soccorro,
Só de saudades,
Oh Lilia, eu morro.



M O T E.

Desprezar do Mundo a gloria,
Nã o fazer caso da fama,
Até de sí esquecer-se,
Sã o effeitos de quem ama.

G L O S A.

Estoica philosophia,
De Zeno parto sublime,
Quem de seguir-vos se exime,
Pela razã o nã o se guia.
Vós nos dizeis que a alegria
É no Mundo transitoria;
Que da virtude a memoria
O homem zelar só deve;
Comvosco a razã o prescreve
Desprezar do Mundo a gloria.

Mas quem existe que possa
Cumprir tão duros preceitos?
Não, não cabe em frageis peitos
Constancia que só é vossa:
Pois para desgraça nossa
A vangloria nos inflamma,
Cega-nos com sua chamma;
E pois que vaidade temos,
Jámais por vós poderemos
Não fazer caso da fama.

Oh Zeno, Zeno severo,
De constancia inimitavel,
Tu, qual rocha firme e estavel,
Te mostraste ao tempo austero;
Eu tambem seguir-te quero,
Quer minha alma á tua erguer se;
Pois constancia tem de ver-se
Deste corpo despojada,
E sendo por ti guiada,
Até de sí esquecer-se.

E desde já eu te juro
De cumprir o meu projecto,
Sem temer que um outro affecto
Me venha a fazer perjuro ...
Mas quem me chama? Epicuro!
Marilia tambem me chama?
Ai di mim! a voraz flamma
De amor nas veias me cõa!..
Perdõa, Zeno, perdõa;
São effeitos de quem ama.



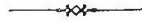
IMPROVISO

O MELHOR DA GENTILEZA.

GLOSA.

O teu semblante, Marilia,
Tem de Venus a belleza;
Porém não tens em teu peito
O melhor da gentileza.

Eu possuo o que te falta:
Amor, ternura e firmeza.
Une-me a ti, e terás
O melhor da gentileza.



EPISTOLA.

Á MARILIA.

*Tudo o que sente, tudo o que respira,
Tudo o que do almo sol calor recebe,
Reconhece de Amor supremo mando.*

AMÉRICO ELYSIO.

Oh Marilia, meu bem, encantos d'alma,
Do verdadeiro Amor attende á historia.

Não é de Gytheréa o tenro filho,
Esse infante gentil, olhivendado,
Ante quem respeitoso o Paganismo
Curvava a fronte, e protecção pedia,
E que por elle indignamente fôra
Como o movez de Amor, deos acclamado;
Não é esse menino, outra vez digo,

Quem ateou no peito meu a chamma
Da sublime paixão em que me abraso.
Esse deos infantil é fabuloso ;
O verdadeiro Amor. ah, não é elle.
Um vão phantasma é só, um deos facticio,
Antiga producção de antigos vates.

Outro Amor mais real hoje me anima,
Me excita a mente, me colora as faces,
E em chammas pelas veias me circula!
Sim, é esta paixão sublime e sancta,
Que imprime n'alma sensações gostosas,
Que só no peito tem morada sua,
Na vista o nutrimento, e n'alma o imperio.
É esta inclinação que attrai um sexo
Por sympathica força a outro a unir-se.
É este sentimento finalmente
Que já de nossos pais co'a vida herdámos ;
Que pouco a pouco em nós se desenvolve,
Até vigor ganhar com nossos órgãos ;
Então brota, e floresce, e alfim se torna
A partilha feliz da mocidade.

Amor isto só é; segura base
Do estado social, da paz perfeita.
Elle só nos segura os mais eximios
Regozijos e bens, que a mãe Natura
Tem destinado a nós, seus caros filhos.
Sim, Marilia gentil, attende ainda.
O sabio Architector da Natureza,
Esse supremo Deos, que tudo rege,
Tendo criado os homens, e os mais seres
Que da força vital o influxo gozam,
Em seu alto saber presentio logo,
Que baldados seriam seus esforços,
E suas esperanças mallogradas,
Si uma lei instinctiva não criasse,
Que os differentes sexos attrahisse
Das immensas especies differentes,
Para os fins completar da Natureza.
Então elle assoprou um fogo ethéreo
Nos peitos das primeiras criaturas;
Esse fogo é Amor, germen da vida;
Paixão a quem devemos a existencia,
E que hoje o coração tanto me inflamma.

Oh affecto sublime, o que seria
Deste Mundo sem ti? ah, nada fôra?
Sem ti os sexos dous da humana especie
Em laços conjugaes não se teriam
No começo do Mundo reunido;
E o tempo suas vidas dissipando,
Com ellas sua especie terminára.

Da classe irracional seria o mesmo:
Pois seus membros, Amor, por ti se ligam,
De ti ternos favores participam.

E vós, oh vegetaes, tambem terieis
Deixado de existir sem seu influxo!
Estes campos então se não veriam
De flôres exquisitas esmaltados,
De quem o aroma, e a côr rivalisando,
Aos olhos e olfacto aprazem tanto.
Calvos os montes estariam todos,
Sem nos seus alcantís altivos cedros,
Que os tópes entre as nuvens escondendo,
Immoveis zombam do furor dos ventos.

Qual ephêmera luz relampejante,
De electrica explosão que brilha, e morre,
Assim da Natureza os seres vivos
Abortados teriam, quando apenas
O primitivo impulso recebiam
Das mãos do Criador Omnipotente ;
E sem pompa, e sem vida a Natureza,
Então não fôra mais que um vão phantasma,
Um mirrado esqueleto, e um composto
De partes inorganicas sómente.
Esta seria da Natura a face,
Sem ti, oh sancto Amor miraculoso.
Porêm, graças ao Céu, Amor existe !
Tudo respira paz, tudo alegria ;
Pois de tudo que ha hom a causa é elle.

Embalde contra Amor bramem, e ralhem
Philosophos phreneticos, tristonhos,
Em cujas veias atrabilis gyra ;
E por isso gozar elles não podem
Doces fructos que Amor off'rece aos outros.
Embalde mesmo denegrado o pintem

Esses entes austeros, misanthrópos,
Dos humanos inimigos declarados;
E calcando a razão, de raiva cheios,
As mais torpes acções lancem-lhe em rosto,
Como só sendo Amor a causa d'ellas.

Embalde; pois jámais Amor podera
Maldades perpetrar contra os humanos;
Mas antes esses crimes são productos
De ruíns corações, que desconhecem
Essa sancta affeição conciliadora.

Envão por tanto deste geito tracem
Nos peitos extinguir de Amor a chamma,
Que os bem-nascidos corações abrasa,
E que os homens a Deos tanto assimilha.

Tal é, minha Marilia, o vero quadro
Da amorosa paixão que hoje me anima.
A ti o envio pois, a ti sómente,
Para quem só me attrai de Amor a força.

Oxalá que mover te possa o peito,
E que as minhas razões te plantem n'alma
O doce germen do mimoso affecto ;
E o fructo que brotar, meu premio seja.

1827.



EPISTOLA

AO MEU AMIGO

O DR. ANTONIO FELIX MARTINS.

Do leito em que jazi, ha pouco erguido,
Não sem grande estoicismo, enfermo ainda,
Co'a dextra mal segura a penna empunho,
Só para alguns traçar mórbidos versos,
Que visitem por mim o ausente amigo.
Possam elles achar-te em paz gozando
Do mais puro prazer que a vida offrece;
Prazer que eu não possuo, e que me fôge
Desde quando sem ti tu me deixaste;
Tanto imperas em mim, sancta amizade.

Notanio, oh meu Notanio, eu vou traçar-te
Em succinto painel os males todos,
Que o peito dilaceram, e atassalam
O triste coração do teu amigo.
Depois que o teu báixel, fendendo as ondas,
Bonançoso levou-te a essas plagas,
Da praia retirei-me, e pensativo
Ao asylo paterno encaminhei-me.
Eis chego, e entro co'a tristeza ao lado;
Nem mais me abandonou. Ahi com ella
Vi o sol esconder-se no occidente,
E a cupula celeste ennegrecer-se.
Melancolico assim um livro tomo,
Era das Noites do immortal Young;
Como que para mim só fôra escripto!
Não sem lagrimas leio a Noite prima
Oh quantos males pesam de contínuo
Sobre a fronte do homem que não pensa!
No meio do seu curso a noite estava,
Quando eu, tendo no livro os olhos fitos,
E a ti na phantasia retratado,
Um espectro diviso envolto em lucto,

De enrugado semblante, e magro, e feio!
Com tardos passos para mim se chega,
E erguendo a ímpia mão me toca o peito.
Eis cheio de pavor um grito sólto;
Um subito tremor de mim se apossa,
E sem sentidos ter no chão baqueio.
Não mais soube de mim por largo tempo.
Quando ergui-me depois deste lethargo,
Tão tremulo me achei, tão macilento
Como o horrído espectro que avistára.
Nem pude dirigir seguros passos;
Forçoso foi-me ao leito recostar-me.
Mas apenas me vi mais alentado,
Sem futuros prever, abandonei-o;
E sempre, meu Notanio, em ti cuidando,
Fazer-te sabedor disto quiz logo.

Si nesses bellos campos, onde existes,
Te lembrares de mim, manda teus versos,
Que me venham trazer noticias tuas.
Não te esqueças, amigo; eia, concede
Essa alegria a um coração que te ama.

EPISTOLA.

A NOTANIO.

Muito custa, oh Notanio, ser poeta,
Que mereça attenção do deos Apollo;
E mais custa a fazer versos que agradem
Aos differentes genios dos leitores.
Si aquelle em cujas veias gyra o fogo,
Que transportando ao Pindo, a mente abrasa,
Nada mais que aprazer buscasse a todos,
Nem um versinho só sequer fizera,
Quando mesmo no cérebro lhe ardesse
A chamma do divino enthusiasmo.

Nos homens as paixões tanto differem,
Quanto differem seus temperamentos ;
E tantos estes são , quantos aquelles.
Como é possível pois que um vate egregio,
Que adorna os versos seus com novos termos,
Grandes imagens , escolhidas phrases,
Bebidas nos bons classicos da lingua,
Como é possível pois que agradar possa
A um crítico lymphatico , que tudo
Quanto lhe abala o corpo em apathia,
Reprova por confuso , ou excessivo ?
Ou por uma mulher . que , sem ter lido
Camões , Garção , Diniz , crítica ousada
Aquelles que os imitam corajosos ?
Tal como o coryphêo da Poesia,
O gran Filinto , Horacio luzitano,
Que por uma mulher foi criticado,
E por Zoilos que apenas tinham visto
Portuguez em Bertoldo e Carlos Magno !
Si o saber criticar mostra talento,
Quanto o não mostrará quem bem escreve ?
Este, sim, é que imita a Natureza,

Criando nos salões da phantasia
Outro Sol, outro Mundo, outro Universo.
Si o poeta é sanguinio, amor respira ;
E cheios os seus versos de ternura,
Não podem aprazer ao bilioso
De asceticas e tragicas leituras,
Que as delicias de amor tem em desprezo.
Succede o mesmo a outro qualquer vate.
No famoso Camões exemplo temos.
Uns amam mais de Ignez o triste caso ;
Outros de Adamastador membrudo e forte ;
E da Ilha nutante dos Amores
Inda outros gostarão mais do que tudo.
Impossivel é pois a um poeta
A um genio agradar ao seu opposto.
Mas nem por isso esmorecer devemos
Na difficil empresa, tão honrosa.

E qual déstro pintor um bom poeta.
Não basta imaginar duas figuras,
E pôl-as n'um papel, como que luctam.
Cumpre attitudes dar-lhes necessarias,

Dar ao rosto expressão, aos pés firmeza,
Ver d'onde parte a luz, para assombral-as;
Sem o que a pintura é pouco, ou nada,
Tenha embora o pintor sabedoria.
Assim tambem não basta a um poeta
Compor uma ficção, e pôl-a em verso.
Deve bem escolher phrases que expliquem
A sua idéa, e que na força a iguaem.
Si for terna a ficção, convem ternura
Aos nossos versos dar; si for terrivel,
De energica expressão usar devemos.
A lingua portugueza é rica, é vasta,
Abunda em termos que escolher podemos
Para o nosso mister, sem que se esgote.
Nem nos assuste a crítica dos Zoilos;
Tratemos de imitar os nossos mestres,
E quem quizer ralhar. que ralhe embora.



OS LUNETISTAS

SATYRA.

I.

Já da serena aurora o roxo manto
As trevas no horizonte afugentava ;
Morphêo , que manda os sonhos , entretanto
Os olhos dos mortaes abandonava ;
Um côro de volateis com seu canto
O resurgir de Phebo festejava,
Que já puxado pelos seus Ethontes,
Dourava o cimo de alterosos montes.

II.

Sineiros, dos ouvidos assassinos,
Sacros bronzes do templo repicavam ;
E vibrando as camadas de ares finos,
Nos timpanos de todos retumbavam.

Assim das torres os pendentes sinos
Um dia festival annunciavam;
Era um Domingo tão alegre dia,
E grande festa em certa Igreja havia.

III.

Já se viam as ruas povoadas
De fiéis, que a Igreja iam buscando;
Filhas, mães, e avós enfileiradas,
E as mucambas o renque arrematando.
Crianças, velhos, damas enfeitadas,
Todos ao templo emfim se iam chegando:
Os moços caminhavam pressurosos,
E os velhos com seus passos vagarosos.

IV.

Enchêo-se emfim o templo n'um momento
Daquelles que ouvir Missa pretendiam;
Porém nem todos tinham tal intento,
De tantos que da Igreja a nave enchiam;
Porque mulheres vans, sem rumo e tento
Sentadas nos estrados lá se viam,
Que nada mais buscavam que ser vistas
Pelo bando de estultos Lunetistas.

V.

Em pé, ou sobre bancos assentados
Estavam os peraltas, e cadetes ;
Eram estes de fardas adornados,
Barretinas, pennachos, e floretes ;
Aquelles tinham calças de riscados,
Chapéos brancos, gravatas, e colletes :
Emfim, vestido tinham sobre tudo
Casacas de altas golas de velludo.

VI.

Assim esses autómatos mostravam
Ser em seus vestuarios differentes ;
Mas elles entre sí se homogenavam
Nos vicios, e costumes impudentes ;
De mais, outros signaes os irmanavam,
Que nos peitos traziam bem patentes :
Eram fitas azues, e outras pretas,
Em que pendentos tinham as lunetas.

VII.

Bem como as cabras trazem e os carneiros
Nos pescoços cadaços amarrados,
Por que se reconheçam nos outeiros,
E por outros não possam ser trocados ;

Ou tambem como trazem os rafeiros
As colleiras com guisos pendurados;
Tal estava essa tropa assignalada,
Por se não confundir co'a gente honrada.

VIII.

Assim estava cheio aquelle templo
De mulheres e de homens viciosos;
Bem poucos bons se viam, por exemplo
As matronas e velhos respeitosos.
Porêm os Lunetistas, que eu contemplo
Nos gestos quaes macacos graciosos,
Com risos e conversas impediam
Que lá ouvissem Missa os que queriam.

IX.

Entre todos se via um Lunetista,
Que se dizia ser afidalgado;
Do entendimento tinha curta a vista,
Por isso de luneta andava armado;
Era tanto dos grandes partidista,
Que por grande se tinha já julgado;
E com esta fumaça pretendia
Poder tudo fazer quanto queria.

X.

A seu lado direito lhe ficava
Um amigote, a elle similhante,
E com este visinho conversava
O fidalgo, de modas fabricante.
„Não vês aquella dama (perguntava)
Que entre todas se mostra a mais galante?
Pois por ella eu aqui só me demoro,
Porque ha longo tempo que a namoro.

XI.

„Não vês mais (continua) aquella feia,
Que atraz da outra um pouco está sentada?
Pois de bella e de amavel alardeia:
E cuida ser de todos namorada:
Ella em chammas de amor por mim se ateia,
E se julga tambem de mim amada:
Escriptos d'ella tenho recebido,
E só por divertir-me hei respondido,

XII.

„Alli outras estão engraçadinhas,
E creio que as vi já, si não me engano.
Oh sim; conheço-as bem; são as vizinhas;
Raparigas gentis! tocam piano!

Valçar sabem mui bem! cantam modinhas!
Com todas já bailei; e fiz meu plano
De entregar á maior um escriptinho,
Quando dançar com ella o miudinho.“

XIII.

Outro se via alli, e tão demente
Que namorava a torto e a direito,
E fazendo servir as mãos de pente,
Dava aos cabellos elegante geito:
Piscava os olhos, e abaixando a frente,
Signaes co'as mãos fazia no seu peito;
Ora tossia, e tanto se assoava,
Que a ponta do nariz vermelha estava.

XIV.

Bem no meio do templo, apercebido
De armas e de luneta um fero Marte
Se via; como quem tão aguerrido
Suas armas levava á toda parte.
Mas estava de sí tão embebido,
E todo se arranjava, e com tal arte
Tanto elle endireitou o pescocinho,
Que arrancou o postigo collarinho.

XV.

Encostado ao altar outro pedante
Qual boneco de engonço alli se via;
Mil carrancas fazendo co'o semblante,
Por mostrar que de musica entendia;
Affectando co'o corpo um ar dansante,
Co'o pé direito sobre o chão batia;
Do modo que, si só alli se achára,
Certamente que um solo inglez dansára.

XVI.

Mas sobre tudo um caso de memoria
A um mancebo esbelto acontecêo,
Quando da jovial arte amatoria
Muito bem praticava o que aprendêo.
Tal foi, que, quando cheio desta gloria,
Um tão morbífico ar o accommettêo,
Que pallido ficou, e sem alento
Baqueou sobre o frio pavimento.

XVII.

Então logo dalli á sacristia
Levaram esse Adonis lamentavel;
Sobre um banco o deitaram, e á porfia
Cada um em soccorrêl-o era incaçavel:

Fizeram-lhe no fato anatomia .
Pará arejar-lhe o corpo miseravel ;
Porém tanto esse corpo elles despiram,
Que pedaços alguns no chão cahiram !

XVIII.

Assim, quando o espartilho lhe tiraram,
Para dar aos pulmões maior largueza,
Tambem os hombros seus se deslocaram,
E as nádegas postiças á Franceza :
Tanto que partes taes se despregaram,
Ficou esse corpinho em tal magreza,
Que não se pôde só co'a simples vista
Dizer si era, ou não era um Lunetista.

XIX.

Ao ver naquelle estado os seus amigos
Olhavam-se entre sí meio assustados,
Pois ante os olhos tinham os perigos
Que corriam, andando espartilhados.
Mas não mudaram, não; pois taes castigos
Não bastam aos Heroes afeminados :
Com razão, pois não querem por tão pouco
Tornarem-se malfeitos como um touco.

XX.

Mas á força de varios excitantes
O misero do chão se erguêo com vida;
Tonto olhou para todos os semblantes,
E a vergonha julgou então perdida:
E, sem nada saber dos circumstantes,
Como quem do seu mal nada duvida,
Dalli partio ligeiro, e as calças suas
Foi inda abotoando-as pelas ruas.

XXI.

Entretanto tambem a sacro-sancta,
Festival Missa se ia terminando;
Já tudo se benzia, e a gente quanta
Allise achava se ia retirando:
Mas por toda sair, e por ser tanta
Na porta em confusão foi-se apertando;
E os Lunetistas, qu'isto já previam,
Por entre aquella gente se mettiã.

XXII.

Já este á sua dama se chegava,
E ousado lhe pedia os seus favores;
Aquelle as mãos de outras apertava,
E a todas ia dando mil louvores;

Um outro bilhetinhos entregava,
 Ou versos copiados dos auctores;
 Porém sempre com tanta agilidade,
 Que cegavam dos pais a actividade.

XXIII.

Inda outras muitas cousas lá se viram,
 Que a virtude, e a razão jamais toleram;
 Quantas conversas loucas não se ouviram?
 E que indignas palavras não diceram?
 Contar as vezes quantas delinquiram
 Estes Racionaes, e o que fizeram,
 É metter todo o mar n'uma redoma,
 Das penas infernaes fazer a somma.*

XXIV.

Pouco a pouco dalli foram saindo
 Os ranchos, e as familias destroçadas;
 Mas fóra as mães as filhas reunindo
 Para as casas partíram apressadas.
 Dos Lunetistas uns foram seguindo
 As damas, para ver suas moradas;
 Outros foram jantar co'os seus amigos,
 E para os botiquins os mais mendigos.

* Bocage.

XXV.

Assim os Lunetistas se apartaram,
Para cuidar de novo em seu recreio;
Mas já mesmo dalli se convidaram
Para os jogos á tarde, e o passeio:
De noite no Te-Deum se apresentaram,
E mil cousas fizeram, sem receio
Da tesoura da Crítica insolente,
Que ousa a pelle cortar da pobre gente.

XXVI.

Agora um só conselho, oh Lunetistas,
Para bem concluir pretendo dar-vos;
Pois só por vós me occupo, e tenho em vistas
Á Virtude, e á Razão encaminhar-vos:
Deixai de ser dos templos vãos cursistas,
Para que os mais não possam criticar-vos:
Pois visto que ouvir Missa não quereis,
Melhor é que nos templos nunca entreis.

XXVII.

De mais, para que o tempo assim perder
Quando nos botiquins podeis ganhar?
Lá tendes bem com que vos entreter,
Sem os templos, e altares profanar.

Tendes refrescos bons para beber;
Tendes mais o bilhar para jogar;
E o cigarro! e o charuto! Amigos meus!
Deixai a Igreja aos que inda crêm em Deos!

XXVIII.

Este conselho pois a vós dedico,
Para em tudo vos ver homens perfectos;
Si com elle, porém, vos prejudico,
Deixai-o, e paz faremos satisfeitos;
Eu co'o trabalho, bem que inutil, fico,
Comvosco ficarão vossos defeitos,
E á custa de me rir dos vossos vicios,
Dos meus irei fazendo sacrificios.



OS VICIOS.

SATYRA.

Tudo vai a melhor, tudo caminha
Á summa perfeição com passos largos.
Cada idade tem seus descobrimentos,
Tem seus genios, e leis proprias aos usos.
Mas na idade feliz em que vivemos
Genios, descobrimentos não teem conta;
Nem ha lei que se opponha ao livre arbitrio
De cadaqual fazer o que deseja.
Esta idade apurado tem as cousas
As mais abjectas das passadas éras.
Faz gôsto vél-as já com novas galas,
E com outra louçã cortezania.

Assim devera ser, com tantas luzes
Que espalhado se teem por entre o povo;
Essas luzes são tantas, que já cegam.
Quem nunca óuvio fallar no vil desprezo
Em que a adulação sempre foi tida?
Quem nos livros de Roma não encontra,
Que existio um Catão, que condemnava
O luxo das mulheres, e dos moços?
Quem nunca ouvio dizer, que o roubo é crime
De morte, ou de galés por toda a vida?
Mas quem tambem não sabe, que á mudança
Tudo sujeito está? e que esta idade
Corrige os erros das passadas éras?

A baixa adulação, que n'outro tempo
A medo andava pelos regios páteos,
Erma de honras, sem titulos pomposos,
Hoje ao lado do Rei se mostra ufana,
Com bordados fardões, vistosas fitas,
E co'o peito cravado de commendas.
Vejam como passeia Dom Falfurrio,
Em douradas berlindas, salpicando

De lama a quem, como eu, a pé passeia!
Bem pouco lhe custou a fidalguia.
Não foi morgado, é certo, nem foi premio
De alguma loteria; mas no Paço,
Alisando os tapetes co'os joelhos,
Ganhou em premio dos seus bons serviços.

Vejam aquelle Gilio tão aceito
Da gentalha ruim, como alto prega
Direitos de igualdade, e liberdade!
Mas elle para sí reserva o mando,
E não se julga igual a seus clientes.

Beltrão, que ahi andava cabisbaixo,
Fusco e corrido como cão leproso,
Sempre por botiquins, vadiò, e á mira
Que alguém para jantar o convidasse;
Já mudou de fadario, dêo no vinte!
Escreve ora um diario, ou só o assigna;
Já tem reputação, já tem partido,
E póde muito bem mudar a sorte
Desta Patria infeliz. Si acaso o povo

O leme não pozér da não do Estado
Nas mãos deste tão celebre Estadista,
Tudo de certo vai por agua abaixo.
Tem sido já descuido lamentavel
Não dar-se a um patriota por officio
Algum rendoso emprego, com que possa
Pagar ao alfaiate, e ao çapateiro,
Que os miolos lhe quebram de continuo.

Vejam como alli vai empertigado
Aquelle esbelto moço de luneta,
Bengalinha na mão, aneis nos dedos,
Uma luva calçada, outra pendente:
É o grande Herminão, doctor formado,
Vindo ha pouco da Europa; sabe tudo!
Falla tão bem Françaez, que até lhe custa
Dizer em Portuguez duas palavras.
Vejam só aquelle ar. aquelle porte,
Aquelles movimentos compassados,
Aquelle olhar altivo e sobranceiro,
O geito com que toma uma pitada,
Como puxa com graça o collarinho!

Quem não hade dizer que é mesmo um sabio,
Um Doctor que aprendêo co'os Estrangeiros?
Isto sim é que é homem, que merece
Ser nomeado Lente, não quaes esses
Que andam por ahi, sem garbo, e á tôa,
E que nunca a París, e a Londres foram;
Eu com esses não tenho fé nenhuma.

Vejam como milhões conta Calfurnio.
Como os ganhou? — ninguem ainda o sabe.
Com banquetes, com jogos, e com bailes
Gasta sem dó, e sempre tem dinheiro!
Dizem uns, que elle tem pacto co'o Demo,
Que sai á meianoite, e que tem arte
De attrahir para suas algibeiras
O ouro que descança nas gavetas.
Mas nada emfim se sabe com certeza;
Nem a mesma justiça disso cura.
Mutuzio sim, se tem pejados cofres,
Todos sabem que poupa, que não come
Nem em dias de Páscoa uma gallinha!
Nunca deixa o diaphano capote,

Que já do pai herdou com mil remendos.
Matuzio não esbanja o seu dinheiro
Em dar dez réis ao pobre. Ouve uma Missa,
E com isso se dá por almoçado:
Uma sardinha frita, um copo de agua,
Que lhe dá por favor o aguadeiro,
Um pãozinho de rala carunchoso,
Que elle apanha nas portas das tabernas,
É seu jantar, e em cima um Padre Nosso.
Nem mais cêia, que teme ficar pobre!
„Cêia! oh meu Deos, quem póde neste tempo
„Gastar dez réis em cêia? findo um anno
„Vão-se sem mais nem mais doze patacas!
„Nada, não cáio nessa corrióla.“

E porque Silvio só, homem sisudo,
Que toda a noite lê, não é chamado,
Não tem fama, nem sóbras do que ganha?
Porque não quer fazer o que estes fazem.
Adule, minta, intrigue, illuda, ou furte,
Será grande tambem, terá riquezas.



AS MANGAS DE GIGOT.

S A T Y R A

OFFERECIDA

AO MEU PREZADO AMIGO

M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Caro amigo Araújo, ha longo tempo
Que a minha Musa inerte tem jazido,
De um phantasma que vio horrorisada;
Mas como habituou-se agora a vêl-o,
O susto pouco a pouco vai perdendo.
E tu que pintor és, vate, e philosopho,
Não te ha de ser estranho aquelle axioma
Que diz — o habito embota o sentimento.
Assim, o que causou-me outr'ora o susto,
Por esta lei me causa agora o riso.
Vou contar-te o que vi: attende, amigo,

Em uma bella noite, em que reinava
Descanço, e paz em toda a Natureza,
E que no campo azul do firmamento
Se via a branca lua entre as estrellas
A terra alumiar com frouxos raios;
Por tão bello espectaculo movido
Ao público-passeio dirigi-me.
Em um banco de pedra alli sentei-me.
E sabes tu, amigo, em que eu pensava?
Pois eu to digo já; — na variedade,
Que tanto nos apraz, e que a Natura
Em suas obras todas nos off'rece.
Por aqui discorria só commigo.
Disto fallo, porque em tudo quero
Tal e qual succedêo contar-te o facto.
Destas idéas possuido todo,
Volvia os olhos de uma á outra parte;
Eis que ao longe devisó um branco vulto.
Olhei, e reflecti. Lembrei-me logo
Das historias que as nossas velhas contam,
Das alminhas que vinham n'outro tempo
Do outro mundo, expiar os seus peccados

No mundo em que habitamos commettidos.
Por acaso será? céos! eu dizia,
Alguma alma christã, que não cumprisse
Em sua vida a breve penitencia,
Pelo seu confessor imposta, em troco
De milhões de peccados horrorosos?
Mas, neste tempo, do outro mundo uma alma?
Neste tempo em que a Fé se deixa aos velhos?
Não posso acreditar. Ou eu me engano,
Ou isto é uma fada, ou uma bruxa;
Pois tidas são por cousas deste mundo.
Mas as fadas, e as bruxas são mulheres,
Segundo eu li nas Mil e uma Noites;
E o que vejo nem ares dá com ellas:
Antes aos olhos meus se representa
Uma bóla com azas bem abertas.
Logo fada não é. E neste ensejo,
Sem mais considerar, cheio de susto,
Procurei me esconder o mais que pude.
Entretanto se vinha aproximando
Para perto de mim o tal phantasma.
Umaz vozes ouvi; attento puz-me:

— C'est une belle mode. — Assim dizia,
Oh céos! bradei então, isto é modista!
E de certo Franceza, pela falla,
Que quer introduzir alguma moda.
Então seguindo-a fui, por vêl-a a gosto.

A seu esquerdo lado caminhava
Um Francez, que até-li não tinha eu visto,
Porque vinha encoberto co'a roupagem,
Que armava o magro corpo da modista.
Trazia ella um vestido cujas mangas
Tão largas eram como a propria saia.
Hyperbole não é, fallo sincero.
De modo que as taes mangas bem podiam
Dar outros dous vestidos á vontade.
Parecia-me ver duas crianças
Co'as cabeças em baixo, e os pés em cima,
Presas aos hombros da figura media!
Mas o que me causava mór espanto
Era ver a dureza das taes mangas.
Pensei no que seria, e depois soube,
Que por dentro lhes mettem barbatanas,

Ou arames, com que lhes dão a fôrma
De machinas que ao ar subir parecem.
Era a sua cintura tão delgada,
Que o franzino pescoço a não vencia:
Mas era feita á custa do espartilho,
Com que sem dó se atacam as Senhoras.

Nas nádegas colchões trazia postos,
Que lhe davam a fôrma arredondada.
Emfim, a consistir vem esta moda
Em dar fôrmas que a bólas se assimilham,
Unidas entre sí por pescocinhos.

Agora tu dirás: é impossivel
Que tenha aceitação em nossa terra
Tão ridicula moda. — Pois te enganas.
Aqui mulher não ha, que hoje não use
Das mangas de gigot, este é seu nome,
E das taes almofadas nas ilhargas.
Ora quero contar-te em prova disto
Um facto que observei ha pouco tempo.

Vinha certa Senhora, já se sabe,
Da moda no rigor ataviada,
Rompendo a multidão do povo juncto
Na porta de uma Igreja; e como fosse
Tão grande o aperto, e a força que fizera
Para d'elle saír, arrebentou-se
Dos postiços colchões a ligadura.
Estes logo cahiram; que vergonha
Para a pobre mulher! Ria-se o povo!
„Pario! pario no aperto! (um dalli brada)
„Nascêo morta a criança! (outro lá grita)
„Vamos ver o que tem por enchimento.

E nisto ás almofadas se arremessam;
Uns atiram daqui; outros lá pegam;
E com estes puxões rompe-se o sacco,
E trapos, e farelo saiem de dentro!
„Milagre! .. maravilha! .. cousa rara! ..
„Deve ir para o Musêo, juncto co'a dona.

E o que dizes, amigo, a esta historia?
São loucas, ou não são as Senhoritas?

Sendo moda Franceza, ha de aceitar-se,
Ainda que a razão se opponha a isso.

Ainda ha pouco se usava manga estreita;
Agora um sacco se usa na largura.
Ainda ha pouco os cabellos se cortavam;
Hoje os deixam crescer, e dão-lhes fórmas,
Já de chifres, de cêstas, e de vasos,
Graças aos enxertados supplementos!

Esta moda não tarda a ser mudada;
Vejamos a que vem. Os céos permittam
Que não seja peor, como é costume.



EPIGRAMMAS.

I.

Protestei não fazer versos ;
 Não sei si fiz bem, ou mal.
 „Porque? — Porque todos dizem
 Que são frios e sem sal.

„Ah não creias, meu amigo!
 Deixa fallar os pedantes.
 Bem salgados. são teus versos,
 E mais fortes que os purgantes.

II.

Por formar-se em Cirurgia
 Tornou-se Nepha impostor!
 „Ora é grande novidade;
 Não sabes que elle é Doctor?“

III.

De crueis dores de estomago
Queixava-se um peralvilho.
„Tem remedio (diz-lhe o medico)
Não se ataque de espartilho.“

IV.

O que tem? (pergunta um sabio
Explorando o seu doente)
Eu só sinto (diz-lhe o pobre)
Uma fraqueza imminente.

Isso é nada (torna aquelle)
O Senhor quasi está bom:
Coma agora o que poder
Para tomar algum tom.

Isto faça, que amanhã
Se ha de achar em outro estado.“
Assim foi, pois no outro dia
O achou amortalhado.

V.

Com oc'los verdes nos olhos
Certo Doctor imprudente
Pretendia ver a côr
Da lingua do seu doente.

Não precisa (lhe diz este)
Esse trabalho tomar;
Porque vendo com seus oc'los
Verde a lingua deve achar.

VI.

Vendo um Doctor seu doente
Quasi em termos de morrer;
Dice afflicto: Houve mudança
No remedio, ou no comer.

Tal não houve, meu Doctor,
(O doente lhe voltou)
Eu si morro é porque fiz
Tudo quanto me ordenou.

VII.

Um escriptinho amoroso
Certo estudante mandou
A uma dama, que sempre
Aceita-lo recusou.

Foi mensageiro o criado
Dessa dama tão austera,
Que mostrou-se ao recebê-lo
Zangada como uma féra.

Não se amofine (diz elle)
Que eu vou a carta engeitar.
„Ah, não, já agora o remedio
É responder, e folgar.

VIII.

Um pente eu vi andando pelas ruas,
Que a sí uma mulher levava presa!
Que mal fez essa pobre a seu marido,
Para assim se vingar com tal dureza?

IX.

Queixou-se certo usurario
De uma pontada no peito,
A um Doctor seu amigo,
Galeno de algum conceito.

Bote bixas (lhe diz este)
Logo se ha de achar melhor.
„Nada, nada (diz o avaro)
De dous males o menor.

„Antes quero estar com dores,
Do que meus bens esbanjar;
Quanto mais que sendo eu velho
Tenho muito a quem deixar.“

X.

Aqui jaz um Doctor, que não devia
Tão cedo receber o duro córte,
Porque a todos mil bens elle fazia,
Por gosto seu; e até da mesma Morte
As faltas compassivo assaz suppria.

XI.

Para ver certo doente
Doctor Parca se chamou,
Que logo sem mais exame
Seu prognostico expressou.

„Não é nada; (diz o sabio)
Da molestia o livro eu.“
Não faltou ao promettido;
Pois o doente morrêo.

XII.

Nas margens do negro Styge
De um Doctor a sombra errava,
Porque ao severo Charonte
O tributo não levava.

Este vendo-o, diz-lhe: amigo,
De graça pódes passar;
Pois nos mortos que me enviaste,
Assaz me déste a ganhar.“

XIII.

Apenas no horizonte o sol surgia,
Já no seu toucador Marilia estava;
Para certa funcção se preparava,
Que devia acabar ao meiodia:
Quando se dêo por prompta era uma hora;
Outra vez se despio, não saío fóra.

XIV.

Um pio religioso
N'uma Quaresma pregava,
E lá do Inferno os tormentos
Com negras côres pintava.

Eis que de repente o padre
Neste ponto se calou,
De modo que do sermão
De nada mais se lembrou.

Coitado! (diz um taful,
Que até alli o attendêo)
Tanto mettêo-se no Inferno,
Que até por lá se perdêo.

XV.

P.

Ouvi dizer que da Europa
Voltaste feito Doctor?!

R.

Parece-te isso impossivel?
É verdade, sim, senhor!

P.

E por que Academia?
E qual a sciencia então?

R.

Isso não sei; o diploma
É escripto em Allemão.

XVI.

A.

Fulano passa por sabio,
Sem que um livro ao prelo désse!

B.

Por sabio não passaria
Si alguma cousa escrevesse.

AS

NOITES MELANCOLICAS.

DEDICATORIA

AO PADRE MESTRE

JOÃO SOARES DE LIMA E MOTTA.

Prezado amigo meu, ousou ofertar-te
Versos gerados por um peito afflicto;
Versos que o coração na dôr sopito
Aos labios meus mandou sem lei, sem arte.

Possa meu canto rouco hoje agradecer-te,
Qual o do Cysne que de longe imito;
É só esta a ambição, só este o fito
De quem provas de amor deseja dar-te.

Quando, alta noite, em ti todo embebido,
Contemplando sózinho a Natureza,
Soar do Mocho a voz em teu ouvido:

Lê meus versos então; e si á tristeza
Uma lagrima deres, e um gemido,
Por feliz me darei na minha empresa.

AS NOITES MELANCOLICAS.

NOITE 1ª.

O QUE É O HOMEM!

Agora, que de todo o sol radiante
Nas occidentaes serras occultou-se;
Agora, que a Natura merencoria
Da roçagante purpura se priva,
E o rosto envolve em luctuoso manto;
Agora emfim que um lugubre silencio
Reina em toda a extensão desta floresta,
Poderei, sem temor de ser ouvido,
As desgraças chorar da humana prole?
Sem regras chorarei; que a dôr e a mágoa,

Que me estão comprimindo os seios d'alma,
Falsas leis, futeis regras desconhecem.

Livre posso deixar correr o pranto,
Que o triste coração me envia aos olhos;
Sem que de Zeno algum alumno austero
Aqui venha exprobrar minha fraqueza;
E sem que algum mancebo louco e vario,
Ao riso, e aos festins sómente afeito,
Philosopho me chame, pretendendo
Com tal nome cobrir-me de ignominia:
A tanto chega a misera ignorancia!

Amavel solidão! silencio amavel!
Prazeres do Philosopho, e do Vate,
Quantas idéas despertais na mente
Do genio indagador que vos consulta?
Vós concentraes do corpo, e d'alma a fôrça,
E ás humanas paixões ergueis barreiras;
Vós espantais o crime com remorsos,
Que lhe arrancaes do coração cruento;

Vós espargis o balsamo da vida
Sobre o leito da enferma humanidade;
E lenitivo dais ás dôres suas
Co'o doce somno que trazeis-lhe aos olhos.
O homem virtuoso á sombra vossa
Recorda os bens que fez durante o dia,
E de haver feito um bem se congratula,
E a sí mesmo se louva; eis da virtude
Recompensa a maior; outra não busca
Mais que o doce prazer de util ter sido.

Amavel solidão! silencio amavel!
Da noite inseparaveis companheiros,
Vós, que de Hervey o genio acrisolastes,
E n'alma lhe embebestes lições serias
De sublime moral; vós, que inspirastes
O genio pensador do sabio Yong,
Vós agora tambem sereis meus socios.
Co'a vossa protecção minha alma fraca
Forças irá ganhando, e descobrindo
As terriveis verdades que eu procuro.

Quem tu és? a que fim vieste ao Mundo?
Em alta voz a terra me pergunta.
Oh que é força mostrar aqui meu nada!
É força despojar-me deste orgulho,
Que das salas dos Reis, contagiados
Os loucos cortezãos trazem ao campo.
Eu terra sou; mas terra organizada;
Em mim habita um ser incorruptivel,
Uma potencia, ou força que me anima:
Alma se chama, e pensa, e delibera,
E livre quér, e o corpo lhe obedece.
Eis quanto sei de mim; o mais ignoro.
O que hei de vir a ser, dizer não posso;
Não é dado aos mortaes prever futuros;
Mas da esperança um sopro nos afaga!

Nascer, morrer milhões de entes hei visto.
Sei que na cova tudo finalisa.
Ella abriu sua foz, e no seu antro
Passadas gerações se despenharam.
A campa encerra as inclitas virtudes
Dos Socrates, Arístides, e Senecas;

Assim como contêm os torpes crimes
Dos Sillas, dos Calígulas, e Neros.
Ao tum'lo irei tambem... virtude, ou crime
Hei de a elle levar! . . Oh Reis da terra,
Deixai um pouco o sceptro da Justiça,
Vinde aprender na solidão dos bosques
Lições de governar. E vós, tyrannos,
Que vos julgais senhores do Universo,
Dai tregoa por um pouco á humanidade;
Parai um pouco na carreira infame
De crimes, e de mortes; vinde, ah vinde,
Sem esses lisonjeiros que vos cercam
Conhecer vossa extrema nullidade.
Ah! vinde aqui, agora, que de lucto
A noite tem do globo a face envolto;
Vereis abrir-se a terra, e levantar-se,
Inda innocente sangue gotejando,
Esses manes que ao tumulo mandastes,
Com alta voz pedindo alta vingança.
Vingança. echoará de valle em valle!
Vereis em cada tronco do ermo bosque
Um terrivel phantasma levantado

Para vos tormentar; de um lado, e de outro
Os manes puxarão vossos vestidos;
Fugir pretendereis, porém debalde;
Debalde fechareis os vossos olhos.
Os vossos corações empedernidos
Serão pelos remorsos lacerados,
E á força de remorsos sereis homens.

Oh quadro pavoroso! Oh scena horrivel!
Oh mil vezes feliz quem a sí mesmo
Dirige esta questão a todo instante:
Quem sou eu? para que vim eu ao Mundo?



NOITE 2.

A MORTE.

Foi-se de todo a luz aborrecida;
Immensa treva a Natureza absorve.
Céos! que medonho e funebre gemido
Em meus ouvidos treme! que ave feia
Com negras azas estes ares rompe!
Ai!... que frio pavor corre em meus ossos!
Parece que minha alma já cançada
De supportar do barro o pêso enorme,
Quer meu corpo deixar... Como ensaiando
Me vou assim a desprezar a vida...

Oh Mocho! oh nuncio de crueis azares!
Trazes-me tu acaso a embaixada

De que devo deixar em breve o Mundo?
E o que pensas? que dó disso me fica?
Que cuidas? que em pezar me embebes a alma?
Quanto, quanto te enganas, si tal pensas.
O Mundo para mim não tem encantos;
Minha existencia já me penaliza.
A morte ao menos subirá minha alma
Da paz ao gremio, e deixará meu corpo,
Filho da terra, converter-se em terra.

Não é a morte um mal para o homem justo;
E menos é um mal para o infelice...
Quantos agora miserandos entes,
Innocentes talvez, talvez culpados,
Da vida chorarão, como eu, o pêso?
Quantos, como eu, desejarão a Morte?
Parece que alli vejo um miseravel,
Sobre o pesado cepo reclinado,
Que elle nos hombros nós, oh sorte dura!
Cravados de vergões suster não póde.
O corpo jaz no chão humido e frio,
E os pés, e os braços estendidos, languidos,

Entre os grilhões que as carnes lhe maceram.
Oh como para o céu a custo vólta
A face entumecida! Como a custo
As palpebras desprende, e pela face
As lagrimas em bagas se deslizam!
Seus labios tremem, balbuciam -- morte...
Morte! protege um desgraçado humano...

Humano?.. que! e qual raivoso tigre,
Qual sanhudo leão existe em ferros?
Humano? e assim em vida sepultado,
Respirar póde apenas o corrupto
Ar do carcere immundo?.. E por que crime?
E por que crime, oh rígida Justiça,
Privas da sociedade dos humanos
Um pobre humano? Deos! como é possivel
Que a imagem tua no homem produzisses,
E no Eden terrestre o collocasses,
Para que n'elle desgraçado fosse?
Por que fatalidade a obra prima
Das tuas mãos eternas soffre a sorte
Do baixo verme que no chão rasteja?

Livres passeam nessas densas mattas
Onças feroces, tigres indomaveis;
Duras prisões para elles se não forjam.
Sómente o homem, o animal mais nobre,
Para iguaes seus escuros antros cava!...
A quanto não está sujeito o homem!
Seu maior inimigo é elle mesmo.

A morte para todos é ventura;
Nem dôres tem a morte. O homem justo
Góza com ella o premio da virtude.
Na campa esbarra a furia dos tyrannos.
Na campa o peccador barreira encontra
Aos seus nefandos crimes; n'ella pára
A torrente fatal de seus delirios.
E o que fôra dos homens, si o cutelo
Da morte devorado não houvesse
Immensas gerações, immensos povos?
Que Mundos bastariam a contel-os?
Que Mundos poderiam sustental-os?

Oh Deos eterno! oh Rei! oh Sabio! oh Grande!

Por toda parte vejo teus prodigios!
Si o justo póde ver-te face a face;
Si póde respirar teu ar celeste
Depois que abandonar a térrea crosta,
Quanto a morte não é melhor que a vida!
Si o culpado, porêm, que errado corre
Na estrada infame pelo crime aberta,
Tão eximio prazer gozar não póde;
Oh quanto melhor fôra que expirasse
No instante de nascer o malfadado
Gujo nome nas paginas eternas
A desgraça co'a sêcca mão gravára!



NOITE 3ª.

AS MISERIAS DO GENERO HUMANO.

Já do Zenith apressurado desce
O prolifico sol em carro de ouro;
Já do térreo planeta a parte nossa
A face volta da phebéa face.
Apenas frouxa luz roxa-azulada
Flammeja ao longe do horizonte em torno.
Ah! tudo para a Noite se encaminha.
Mas eil-a que lá vem tristonha e muda,
Embuçada em seu manto opáco e negro.
Nuvens, e nuvens pelo céo vagueam
De vapores subtis da terra erguidos.
A lua nem sequer hoje reflecte

Sobre nós o clarão que o sol lhe impresta;
Nem as estrellas. lá no ethéreo fixas
Ousam apparecer. Já nem deviso
As grimpas das montanhas verdeneiras,
Nem dos valles o fundo; e das campinas
O brilhante matiz das varias flôres
Não posso distinguir... Tudo está negro,
Confuso, e triste, e merencorio, e horrendo.
Tal como o negro humor que, de mistura
Com meu sangue, circula em minhas veias;
Humor que me não deixa um só momento
Os prazeres gozar que os outros gozam;
Humor que, derramando-se em meus orgãos,
De mortal pallidez me tinge o rosto.
Ah! tudo em mim da noite é fiel copia;
Eu todo noite sou; sou mais ainda.

Agora todos a Morphêo entregues,
Em brandos leitos recuperam forças
Nas diarias fadigas exauridas.
Ninguem quebranta o teu silencio, oh Noite!
Nem do tétrico Mocho o crebro canto

Retumba nestas lugubres florestas ;
Nem as serpes sibilam, nem os ventos
Se agitam com suave murmurio ;
Tanto reina o socego nestes bosques,
Que até os vegetaes dormir parecem.
Só eu, oh Noite, vigilante existo,
Entregue á tua escuridão medonha ;
Só eu te prézo, e te prefiro ao dia.
O dia por mais bello que elle seja
Nenhum prazer offrece aos olhos tristes
De um mortal, como eu, angustiado.
Aind' hoje mesmo eu vi surgir a aurora,
E cobrir o horizonte, e as montanhas
Com seu purpúreo manto roçagante.
Aind' hoje vi os ternos passarinhos
Com seus gorgeios, e requebros doces
Festejando do Sol o natalicio.
Mas nada diŝto recrear-me pôde :
Nada pôde abrandar a força ingente
Das crueis sensações, tristes idéas,
Que me assaltam a mente de continuo ;
Mas antes lamentava a tua ausencia,

E só por ti, oh Noite, suspirava.
Agora enfim contigo aqui me vejo,
Neste recesso de bravias feras :
Si bem que aos olhos meus não mais bravias
Do que os proprios homens, que se ufanam
Por terem a razão, que os aconselha;
Por terem inda mais uma alma pura,
Sagrada emanação do Ser Eterno.
Ah! não me illudo, não; as rudes feras
Não excedem, nem são iguaes aos homens
Nas raivas, nas traições, odios, vinganças.

Acaso não é só entre os humanos
Que se vêm erigir padrões marmóreos,
Columnas bronzeaes, estatuas de ouro?
E á memoria de quem? com dôr o digo :
De um despota infernal, de um vil tyranno,
Que cego de ambição, raivoso corre,
De escravos, e de crimes escoltado,
Por toda parte reduzindo á cinzas
As Cidades, os Reinos, e os Imperios,
E de mortos a terra apinhoando.

E não contentes de tingir os campos,
E de aos mares mandar rios de sangue,
Aos mesmos que com vida ainda restam
De pesados grilhões curvos ao péso,
Manda que marchem de seu carro ao lado,
Para mais comprazer sua vaidade ;
E lá no fundo de crueis masmorras,
Depois de scena tal severo ordena,
Que sejam para sempre aferrolhados!
E entre as fêras alguém vio destes crimes?
Ah não, ninguém vio tal ; só os humanos
Fazem ostentação desses flagícios!
Mas acaso seus crimes são só estes?
Oh desgraça fatal! milhares de outros
Mais vis ainda o sociedade impestam!

Não vemos nós o sordido avarento
Da virtude zombar, rir-se do pobre?
Não vemos o escriptor sem honra e pejo
Á verdade faltar, queimando o incenso
Da baixa adulação ao torpe vicio!
Não vemos mais a carcomida inveja

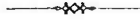
Atro fel vomitar contra a innocencia?
Baralhar a razão co'as mãos profanas?
E co'a bocca espumante, a fauce inchada,
A discordia soprar entre as familias?
E á tua sombra, oh Noite, quantas vezes
Não vemos esperar um homem a outro,
Para os bens lhe roubar, roubando a vida?
E entre as feras alguém vio destes crimes?

Oh vós, que da Razão fazeis alarde,
Dizei-me quaes são pois vossas virtudes,
Quaes são vossas paixões, si podeis tanto!
Mas não me exaspereis, em paz deixai-me;
Não digais que sómente orgulho tendes,
Egoismo, ambição, louca vaidade.

Ai! que já minha dôr sinto agravada!
Meu triste coração no peito pula,
E o sangue de tropel me assoma ao rosto!
Já sinto todo em febre o corpo arder-me!...
Já um frio suor me rega os membros...

Que fiz eu? que fiz eu? porque lembrei-me
Dos crimes dos mortaes?.. O horror me gela...

Oh Noite! oh Noite! companheira minha!
Deixa-me repousar á sombra tua,
Sobre este frio chão, ao somno entregue.



NOITE 4°.

OS AMIGOS.

Que vasta solidão! que horrivel noite!
Que solitario alvergue da tristeza!
Esta parece a habitação da Morte.

Apenas posso distinguir ao longe,
Co'o clarão dos relampagos ligeiros
Que rasgam de continuo os negros ares,
O escarpado rochedo, do qual róla
Descompassado e estrepitoso o rio.
Nestes troncos se esbarram, e se enroscam
Os duros ventos com crueis gemidos;
Os ramos dobram co'o pesado sôpro;

As folhas tremem, roçam-se, e sibilam.
Oh que trovões horrisonos estouram
Sobre minha cabeça?.. Ainda echôa
De valle em valle o som rouco e terrivel.
Dos céos as cataractas se romperam.
Pobre de mim!... não vejo um só asylo,
Onde me abrigue, até que a chuva pare.
Todo gelado estou... os meus vestidos
Ensopados estão... dos meus cabellos
Em bicas a agua pelos hombros corre...
Feliz si do meu dia derradeiro
Fosse esta a noite...'

Oh morte! tu que fazes?

Tu, que brandindo a fouce açacalada,
Um terno esposo roubas á consorte;
O pai ao filho; o filho á mãe saudosa;
O amigo a seu amigo; oh Morte! oh Morte!
Que fazes, que a mim só poupas a vida?
Eu que esposa não tenho, filho, e amigos?..

Mas ah! que proferi? Não tenho amigos?
E o que é Elmano então? e o que é Notanio?

E tu oh Lima, que meus versos prezas?
Vós meus amigos sois, e eu vosso amigo.

Neste remanso funebre da Morte,
Rodeado de espectros, e sózinho,
Vendo o céu desfazer-se em chuva, e em raios,
Não me esqueço de vós. Si os brandos échos
Que me agora repetem, propagarem
Minhas vozes até vossos ouvidos,
Conhecei quanto em mim póde a Amizade,
Consolo, e lenitivo de meus males.

Lima, Elmano, Notanio! oh meus amigos!
Pensais acaso em mim, como em vós penso?
Mal profiro taes nomes, em meus membros
Já gelados de frio, e amortecidos,
Placido cõa o balsamo da vida.
Já nos meus olhos lagrimas borbulham,
Lagrimas de prazer, e de saudade.
Já não fuzila o ignifero corisco;
Nem do rouco trovão ouço o estampido:

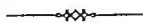
Aplacada parece a tempestade.
Sancta Amizade que em meu peito imperas,
Tu acalmas o horror da Natureza!

Quem ha tão infeliz, que não conheça
O suave prazer do brando affecto,
Que liga os corações ermos de crime?
Quem ha tão infeliz, que nos seus braços
Nunca um amigo teve? Mas quão poucos
São os amigos dignos de tal nome?
Quantas vezes as puras, sacras vestes
Da candida Amizade não rebuçam
Um peito refalsado, uma alma abjecta!
Ah! que então enganados abraçamos
A vibora traidora, que derrama
Em nossos corações seu fel maligno.

Raio do céo devêra abrir o infame,
Que ousasse proferir com labio impuro
O nome da Amizade; nome augusto,
Nome sagrado aos Pylades, e Orestes.
Oh vós homens profanos, avarentos,

De alma baixa, venal, sujeita ao crime,
A quem só move sordida cubiça,
Da celeste affeição vós sois indignos ;
Só almas generosas a conhecem.
A unica affeição digna de encomios
Es tu, oh Amizade! o resto é nada.

Mas já meu corpo languido e cansado
Não póde resistir ao frio, e ao somno.
Adeos, oh Noite, adeos. Agora, emquanto
Grossa chuva não cai, eu vou, luctando
Co'as trevas, procurar meu pobre albergue.
Adeos, nocturnas aves que me ouvistes ;
E vós bosques, adeos!.. Ah para sempre.



ELOGIO DRAMATICO

EM APPLAUSO DO DIA ANNIVERSARIO DA

INDEPENDENCIA DO BRASIL

REPRESENTADO NO THEATRO PARTICULAR

DA RUA DOS ARCOS

EM 7 DE SEPTEMBRO DE 1831.

INTERLOCUTORES.

O BRASIL

A LIBERDADE

O FADO

CORO DAS PROVINCIAS.

Vista de aprazivel bosque nas margens do Rio de Janeiro.

SCENA 1ª.

O BRASIL ASSENTADO DEBAIXO DA ARVORE DA INDEPENDENCIA,
E LADEADO DO CORO DAS PROVINCIAS.

CORO.

O Dia brilhante,
De eterna memoria,
Para nossa gloria
De novo brilhou.

Só o Despotismo,
No Cócyto horrendo,
Os dentes rangendo,
De raiva chorou.

Apenas erguêo-se
Nos braços da Aurora,
O imperio de Flora
Alegre o saudou.

Só o Despotismo.
No Cócyto horrendo,
Os dentes rangendo,
De raiva chorou.

Do cume dos montes,
Dos valles ao fundo,
Um prazer profundo
Se manifestou.

Só o Despotismo,
No Cócyto horrendo,
Os dentes rangendo,
De raiva chorou.

O côro volátil,
Os ninhos deixando,
De gosto pulando,
O canto soltou.

Só o Despotismo,
No Cócyto horrendo,
Os dentes rangendo,
De raiva chorou.

O BRASIL. (*LEVANTANDO-SE.*)

Sim, de novo brilhou na ethérea plaga
O dia caro a mim, caro a meus filhos.

E a gostosa emoção que me arrebatava,
O suave prazer que me electriza,
Mal me deixam soltar gratos louvores
Ao Céu que me outorgou tão grato dia.
Oh como é lisonjeiro, oh como é doce,
Depois de espessa e tormentosa noite,
Ver surgir a manhã serena e bella,
De rosas e jasmims toucada a fronte!
Oh como é lisonjeiro olhar-se em torno,
E ver longe de sí morrer os dias,
Dias de escravidão, dias do Inferno!
Como é bello, depois de arduas pelepas,
Depois da confusão das cruas guerras,
Da Victoria e da Paz cantar o dia!
O cheiroso ananaz, a doce manga,
Nectarios fructos dos meus fertes campos,
Tão gratas sensações não nos despertam;
Nem tanto aprazem, nem convidam tanto
O olfacto e o paladar de quem os prova.
E posso eu suffocar neste momento
Expressões que o prazer me arranca d'alma?
Quando vejo avultar, em gloria minha,

Esta Arvore que a mão da Providencia
No meu solo plantou ha só dous lustros?
Esta Arvore por Deos abençoada,
Que a mais alta montanha assoberbando,
Quasi que roça o céo co'o tope de ouro?
Quantas vezes alli, naquelle tronco,
Esse dragão feroz, o Despotismo,
Os dentes amolou, cravou as patas!
Ah quantas vezes pretendêo raivoso
Esta Arvore assolar, seccar-lhe a rama!
Mas primeiro cahio, morréo primeiro;
E esta Arvore existe, e eu respiro livre!
Já um tempo chorei, mas hoje exulto.
Já um tempo curvado sobre os ferros,
Eu mesmo... eu mesmo co'estas mãos abria
A dura terra, e aureo pó tirava,
E pedras preciosas, que eram presas
De uma madrastra, e de um Senhor tyranno.
Tantas riquezas!... entretanto eu pobre
Á face das Nações me apresentava!...
Barbaras pennas meu fraldão teciam,
Formavam meu cocár, sem mais enfeites,

Eu pizava um terreno todo de ouro,
Em que me collocou a Natureza;
Mas que enorme pressão sobre estes hombros
Me forçava a curvar! que atmosphaera
Tão densa, tão pesada como o ferro
Por toda parte me gyrava em torno!
Hoje, graças ao Céu! um ar tão puro,
Qual o bafo vital que Deos exhala,
Meus campos favonêa, e os vivifica.
O que herdei da Natura é de meus filhos;
Pertence a elles sós os meus thesouros!
Já brilha, já ressumbra nos seus olhos
Do amor da Patria o sacrosancto fogo
Que abrasa os corações, e a mente eleva.
Graças á Liberdade, e á Independencia!
Mas que vejo? que pulchra deosa é esta?
Sim, eu te reconheço, oh Liberdade!

SCENA 2ª.**O BRASIL E A LIBERDADE.****A LIBERDADE.**

Eu, filha do immortal que os orbes rege,

Meu berço tenho no celeste alcáçar,
Onde proscripta pelos homens vivo;
E não sem causa destaquei-me á terra
Neste dia que é teu, mimo dos numes.
Eu, filha do Immortal, qual elle, prezo
Os homens em quem eu na idade de ouro,
Primavera do Mundo, achei abrigo;
Nesse tempo em que a candida Verdade
Segura passeava a terra toda;
Feliz tempo em que a madre Natureza
Não chorava de horror por ter gerado
Caligulas, e Neros; nem gemia
Co'o peso dos fundidos, ôcos bronzes,
Copias do Inferno, que vomitam raios.
Entre os homens vivi, fui-lhes bemquista.
Mas pouco a pouco os homens se esqueceram
Que eram prole de um Deos, imagens d'elle.
Eis os homens em monstros convertidos;
Eis o crime na terra alçando a fronte;
Eis punhaes, eis grilhões, lanças, espadas,
Cadafalsos, fogueiras, guerras, mortes,
Enfim o Mundo em confusão submerso

Ao Inferno disputando o horror de tudo.
Que devêra eu fazer?.. fugir dos homens
Já degradados da primeira essencia.
Ao céo me remontei, onde nascêra.
De lá eu vi com dôr, que inda me ancía,
Nações contra Nações, que hoje são cinzas.
Vi contra mim conspirações terriveis:
Vi Cabral, vi Colombo mais que affoutos,
Por insolitos mares divagando,
Trazer cordas, grilhões, trazer os vicios,
E o veneno da Europa, em troco de ouro,
Ás incultas Nações Americanas.
Eu vi de Montezuma a Patria em ferros,
E dos Incas a terra profanada
Pelos duros Cortezes, e Pizarros.
Mas os homens alfim já me procuram;
E dos pulsos os ferros sacudindo,
A despeito das iras dos tyrannos,
Novos altares, novos templos me erguem.
É justo socorrer a quem me invoca.
Mas eu quero, oh Brasil, logar seguro
Para firmar meu throno; e no teu solo,

Que o céo retrata na riqueza, e brilho,
Encontro tudo o que encontrar desejo.
Eis da minha missão exposta a causa.

BRASIL.

Oh deosa bemfazeja, oh Liberdade,
Por quem se torna só prezada a vida!
Que nectar divinal tu hoje entornas
Neste meu coração a ti votado!
Com que gosto ouvirão meus caros filhos
Esta nova tão grata e lisonjeira!
Fica, oh deosa, em meu solo; fica, e conta
Em cada coração de um Brasileiro
Um seguro degráo para teu throno,
E este meu coração conta por base.

LIBERDADE.

Oh ditoso Brasil! a ti, e a todos
Este dia sem par será eterno.
Com letras de esmeralda em folhas de ouro
Nos fastos teus lerá com gosto e pasmo
Do Mundo a geração a mais remota

O Pacto social que hoje fundamos.
 Rebente em balde o Despotismo as redeas,
 Em balde contra ti se arroje o Inferno;
 Livre sempre serás, nada receies.
 Oh ditoso Brasil, propicio o Fado
 Que brilhante porvir te não reserva!

SCENA 3ª.

OS MESMOS, E O FADO.

FADO.

O porvir mais brilhante eu te reservo,
 Que gravado uma vez no livro eterno
 É lei irrevogavel, não se altera;
 Eu mesmo que lavrei, não posso eu mesmo
 O decreto apagar por mim sellado.
 E quem se atreverá? quem ha que possa
 Á vontade do Fado oppor barreiras?
 Si o Senhor do trovão, Senhor do raio,
 Jove supremo, que entre sóes habita,
 Respeitoso obedece ao meu mandado?
 Tão vasto é meu poder como o Universo;

Eu só dou riso, dou ventura, ou mágoas,
Sem ser preciso abandonar meu antro,
Para ir noticiar as leis que dicto;
Mas quando ao Fado apraz vem elle proprio
Sua vontade ler aos seus mimosos.
Nem outra causa me arrancou da Estancia
Para vir te encontrar, Brasil ditoso,
Neste dia que é teu, que o Fado zela.
Eu venho confirmar a sacra alliança
Que a filha do Immortal contigo ha feito:
D'ella verás nascer tantas venturas,
Que a inveja tu serás das Nações todas;
E todas as Nações nas tuas praias
Lições virão colher de amor da Patria,
E beijar o terreno sacrosancto,
Onde seu ninho tem a Liberdade.
Tu verás, oh Brasil, de dia em dia
Os Filhos teus nascer com tal nobreza
Que rivaes só terão no sacro Olympo!
Tu verás prosperar a tua industria;
Entre o ouro, que é todo o teu terreno,
Verás surgir os vegetaes mimosos,

Que excitam a cubiça aos Estraangeiros.
As artes e as sciencias de mãos dadas,
A tão bello painel darão esmalte.
Verás novos Homeros, novos Pindaros
Encher co'a voz sonora a tuba de ouro,
E a gloria Brasileira decantando,
Dar novo timbre ao Mundo Americano.
Verás a Natureza perlustrada
As chaves entregar dos seus arcanos
Ás mãos dos filhos teus, rivaes dos deoses.
Eis quanto o Fado ordena, eis quanto quero.

LIBERDADE.

Do Brasil, e de mim a prol ordenas,
Tu, potente Senhor da Natureza,
Que em tudo imperas, que decretas tudo.
Nos bronzes immortaes da Eternidade
Seja gravada tua lei suprema
Com lettras indeleveis de diamantes.
Não se arrepende um Deos, não mente o Fado;
Oh ditoso Brasil! commigo exulta.

BRASIL.

Oh que não cabe de um mortal no peito
As ondas de prazer em que me inundo!
Longo mar que por longo espaço róla
Não póde acantoar-se em breve concha!
Quantos bens neste dia já tão grande
Derramar sobre mim ao Céu aprouve!
Esgotada parece a Natureza!
Nem mais eu posso desejar do Fado,
Nem mais o Fado me outorgar podia!
Ah! como agradecer tantos favores?
Silencio expressador de gosto e pasmo,
Melhor que as vozes, e escolhidas phrases,
A minha gratidão publique ao Mundo.

FADO.

Não param nisto só os meus favores,
Nem longe está de ti o teu destino.
Neste dia, o maior entre os teus dias,
Dar-te quero uma prova, leve cópia
Da sorte original, que te eu reservo.

Neste mesmo lugar, ante os teus olhos,
 O templo vou erguer da Liberdade;
 Verás n'elle, oh Brasil, o tenro Infante,
 Que te ha de conduzir ao teu destino.
 Eil-o alli.....

*(Apparece o retrato do Imperador D. Pedro II
 no templo da liberdade.)*

BRASIL, E LIBERDADE.

Oh prazer! oh gloria extrema!..

CORO.

O Dia brilhante,
 De eterna memoria,
 Para nossa gloria
 De novo brilhou.

Só o Despotismo,
 No Cócyto horrendo,
 Os dentes rangendo,
 De raiva chorou.

etc. etc.



LIVRO SEGUNDO.

POESIAS VARIAS.

SAUDAÇÃO Á PATRIA

Á VISTA DO RIO DE JANEIRO

NO MEU REGRESSO DA EUROPA.

EM 14 DE MAIO DE 1837.

Eis o pétreo gigante majestoso,
 Sobre as cerúleas ondas resupino,
 Guardando a entrada do meu patrio Rio!
 Eil-o co'o pé assignalando a barra
 Do golfo ingente, que do mundo as naves
 Todas póde conter no ambito immenso,
 Sem par na Natureza!..
 Eil-o!. . Do sol nascente os primos raios
 Já lhe douram a nobre, altiva fronte;
 E elle como que acorda do seu somno,
) cobertor de névoa sacudindo!

Terras da minha patria, eu vos saúdo,

Depois de longa ausencia!

Eu te saúdo, oh sol da minha infancia!

Inda brilhar te vejo nestes climas,

Da Providencia esmero,

Onde se apraz a amiga liberdade,

Tão grata aos corações americanos!

Minha terra saudosa,

Terra de minha mãe, como és tão bella.

Si em ti não venho achar da Europa o fausto,

Pelo suor dos seculos regado,

Tambem não acharei suas miserias,

Maiores que o seu brilho.

Verdes montanhas que cercais meu berço,

Como sublimes sois, como sois grandes!

Por vós são estas lagrimas de jubilo

Que em extase minha alma aos olhos manda,

Ao respirar teus ares!

Por vós agora o coração palpita

Com desusado impulso

Do ineffavel prazer em que me inundo.

nunca, nunca apaixonado amante
em mais transporte vio por entre a selva
ilhar o rosto do querido objecto,
e elle em seus braços apertar deseja.
qui meu corpo está, alli minha alma!

Ah si eu azas tivesses,
em mais um' hora no baixel ficára!

Deixando os mares
Precipitado,
Rompendo os ares
Qual veloz aguia
A ti voára,
Oh patria cara!
E apavonado,
Todo garboso,
Soltando iria
Nova harmonia,
Que o céo formoso
Grato escutára.
Mas nesse adejo,
Onde o desejo
Me transportára?

Onde?.. Eu não sinto
Presagio triste.
Meu pai existe,
E a mãe querida
Tambem respira;
E o mesmo instincto
Me conduzira
Ao tugurio de meus pais,
A quem envio meus ais.



AO DIA ANNIVERSARIO

DA INDEPENDENCIA DO BRASIL.

7. DE SEPTEMBRO DE 1837.

Ao menos hoje placida alegria
Ressumbre em meu semblante magoado.
Ao menos hoje o sol da independencia
Suberbo rompa o espesso nevoeiro
Que no nosso horizonte se amontôa.

Oh Patria, ao menos hoje
Ergue-te á cima de paixões mesquinhas;
O passado contempla, e vai volvendo
As paginas vasiaas dos teus fastos.

Teme, vendo o presente,
O presente confuso, emmaranhado,
Como um desses teus bosques mais espessos
Pela noite envolvidos,
Onde o homem se perde, e mal devisa
A vaga luz de errantes pyrilampos,
Que a estrada lhe não mostram;
Emblemas desses nomes de luz parques
Que nada significam,
E, sem echo deixar, entre nós passam:
Nomes que mal se elevam da poeira,
Dos vendavaes ao sopro,
E polluidos n'ella se sepultam,
As esperanças todas mallogrando.

Oh Patria, oh Patria, o teu destino pesa;
Contempla o teu futuro!
Teu futuro, oh meu Deos, qual será elle?

Como distante estás do que ser deves!
E tu dormes!.. tu dormes!.. tu não ouves
Uma voz que te chama,

Uma voz que te diz: — Brasil, acorda!
 Acorda e marcha! Quando o povo dorme,
 Ai do povo! ai da Patria!

Que fizeste daquelle enthusiasmo
 Que te abrasava outr'ora,
 Quando apenas os êchos do Ipiranga
 Á vida te chamavam?
 Quizera o bardo, o bardo que te preza,
 O bardo cuja voz tu não escutas,
 Recer-te um hymno em honra deste dia,
 Que vio-te altivo erguer a fronte livre.
 Mas tu na indifferença te revolves,
 E te olvidas enfermo
 Nesse vil somno que a molleza afaga.

Ai de tí! ai de mim! .. Nem cantar posso;
 Tua frieza o coração me gela!
 O que te falta? — Um grande pensamento,
 A idéa do futuro,
 Que dá vida ás Nações, e á gloria as guia.

Ah! basta, basta! — Largo é já teu somno.
Grande te fez o céo, — grande ser deves.
Encara a luz, desperta,
Firma a tua vontade; é tempo ainda.
E quem te opprime agora,
Fugirá como a sombra que não ousa
Apresentar-se ao dia.
Tudo podes ganhar, — excepto o tempo
Que inutil tens perdido.



APOLOGO

O CARRO E O BURRO.

Um touro, não amestrado
No exercicio de carreiro,
N'um falso passo que dêo
Poz o carro no lameiro.

Conhecendo esse embaraço,
Procurou sair de modo,
Que ao menos salvasse a vida,
Visto o carro estar no lodo.

Alguns animaes, passando
No desastroso logar,
Tentaram, mas não poderam
Do charco o carro tirar.

Até que um burro já velho,
Cheio de lonca vaidade,
Cuidou ser esse o momento
De ganhar celebridade.

— A que vás lá? — Dice um desses
Que pastavam por ahi:
Deixa vir quem disso entenda;
Que isso não é para ti. —

„Tu fallas antes de tempo;
Dice o burro ao que o arguia:
Vou mostrar-te o quanto posso;
Muito alcança quem porfia.“

Vejam só o que é ser burro
Por instincto e natureza!
Não medio as suas forças,
Nem vio do carro a grandeza.

Zurrando, e dando patadas,
Foi metter-se no atoleiro;
Entre os varaes collocou-se,
E o pescoço poz no apeirol.

Mas para fazer taes cousas
Foi necessario agachar-se;
Atolou-se até o ventre
Quando tentou levantar-se.

Como o terreno era fofo,
Tendo já mil voltas dado,
Tentou safar-se do jugo,
E o carro deitou de lado.

O pobre burro entre as varas
Virou de pernas para o ar;
Todo de lama coberto
Começou a espernear.

Isto aos burros acontece,
Que se esquecem do que são
E si não por nós responde,
A geral opinião.

Quantos o carro do Estado
Querem guiar mui lampeiros,
E por trancos e barrancos,
Dão com elle em atoleiros?



A INNOCENCIA.

NO ALBUM DE UMA MENINA.

Ha nas brasílias campinas
Uma flor cheia de aroma,
Que só de noite se expande,
Mas co'o dia fecha a coma.

Essa flor, que não tem nome,
É a imagem da innocencia,
Que se evapora e se perde
Ao clarão da intelligencia.

Cresce no jardim da vida,
Tenra flor da humanidade;
Para ti o Mundo é sonho,
Todo sonho é realidade.

Ao despertar desse sonho,
Perderás tua fragrancia:
Vendo então o que é o Mundo,
Chorarás por tua infancia,



AOS MONTES GUARARAPES

EM PERNAMBUCO.

Salve, suberbos, orgulhosos Montes,
Do Bátavo invasor leitos de morte!
Salve, constantes, firmes pregoeiros
Do sublime valor pernambucano!
A vós, oh Guararapes,
O vate brasileiro o canto envia.

Oh quantas vezes suspirei por ver-vos,
Patrioticos feitos revolvendo
Na mente de prodigios cubiçosa!
Quantas vezes sonhei, no arroubo do estro,
Co'os Camarões, os Dias,
Negreiros, e Vieiras denodados!

Quantas vezes á Patria eu promettia
Hymno credor de emparelhar co'os evos,
Onde tal nome, no porvir brilhando,
Entre as glorias do Mundo resoasse!
Eis-me emfim, eu vos vejo,
E de grave prazer se curva a mente!

Não é frieza, ah não; que no meu peito,
Vulcão de patrio amor, palpitar sinto
Oppresso o coração co'o nome vosso:
Guararapes! echôa em cada fibra;
Tal nome vale um hymno,
Hymno do coração, sublime, e sancto.

E quem tal nome ignora? — Erga-se a Hollanda,
Descerre os labios de terror convulsos,
E conte os feitos dos possantes braços
Que nestes montes lhe arrojaram mortes:
Diga que os Guararapes
De Pernambuco ao céo a gloria elevam.

Diga... Mas é bastante, oh Pernambuco,
Brasília imagem da princeza de Adria!
Podes sobre o Oceano alçar a fronte:
Não se envergonha o mar em que te espelhas,
Nem corre o Biberibe
Turvado por te haver beijado as plantas.

Quiz Deos que fosses grande; e a dextra sua
Contra as iras do mar te erguêo barreiras,
Onde seus escarcéos em flor se quebram!
Absortas do prodigio as náos estranhas
Apavonadas entram
Pelo aberto Recife, e te saúdam.

Mas não te vê sem lagrimas nos olhos
O saudoso Hollandez, que te contempla,
E do passado opprobrio se recorda:
Como si em cada vaga mugidora
Um grito ouvisse horrendo
Da victoria que outr'ora o expulsára.

Oh que crimes eu vejo! — Negra nuvem
Salpicada de sangue se me antolha,
Passa, e repassa sobre o teu fastigio,
E de morte por vezes te ameaça.

Despotismo, anarchia
Teu vigor juvenil muito esgotaram.

Mas longe, imagens tristes do passado!
Paz e Razão laqueam-te as cisuras,
Abertas pelas mãos de impios algozes.
No grato amplexo das Irmãs Brasíliaas.

Com luz crescente e pura,
Bella estrella, rutila, oh Pernambuco!

Do genio criador, que não descança,
Querido filho teu, que assaz te exalta,
Já vejo as novas galas que te adornam!
Feliz Provincia do Brasilio Imperio,

O canto meu completa;
Applaude a quem te serve; e ovante marcha.

Janeiro de 1840.



O ALARMA

NO ACAMPAMENTO DA VARZEA-GRANDE.

EM MARANHÃO, 1840.

Alerta, camaradas!.. Sus!.. Alerta!..
Já basta de dormir; toca o alarma!

Inda o cinzento cobertor da noite
No céo oriental longo se estende,
Deixando em paz jazer a Natureza,
Dos ardores do dia extenuada;
Nem apressado albor além fulgura
Sobre o longiquo outeiro envolto em trevas;
Nem do madrugador, pardo canario

O canto sôa, predizendo a aurora ;
Nem mesmo ainda, precursora d'alva,
A branda aragem, refrescando a noite,
Treme e chocalha á carnaúba os leques.
E já por entre o nevoeiro escuro
De vapores que a noite condensára,
As malditas trombetas clangorosas,
Com desacordes sons, vão despertando
Os somnolentos, miseros soldados,
Que armados, sobre o chão, máo somno dormem,
E promptos se erguem, maldizendo a sorte!

Alerta, camaradas!.. Sus!.. alerta!..
Já basta de dormir ; toca o alarma!

„Malditos trombeteiros, preguiçosos,
Dormistes todo o dia, á sombra amiga
De verdes tijupás, e nós cobertos
De sordida poeira, distillando
Copioso suor, curvos ao pêso
Da patrona, e fuzil inseparaveis,
Em longa sentinella ao sol expostos,

Vimos passar abrasadoras horas
De um dia immenso, ardente e afanoso.“

Não cessa o toque das crueis cornetas,
Capazes de acordar da campa os mortos,
E os soldados em linha, em pé, bocejam.

Foi-se o melhor do somno! E em que momento
A triste realidade abri os olhos,
Para ver a ventura esvaecer-se!
Oh feiticeiro somno, que delicias
Me fazias gozar!.. Eu que sonhava
Que sobre um leito de viçosa relva
Tinham estendido o corpo, e no regaço
De bella nympha a fronte reclinada!
E quão fagueira! Assim igual não fosse
As que no Oceano o Gama receberam
No nutante vergel da paphia deosa!..
Nada parece que em meus labios sinto
O doce bafô dos ardentes beijos,
E que em meu rosto se desliza meiga
Quella mão mimosa, amaciando

Estas hirsutas barbas; como outr'ora
Já igual mão arripou-me as carnes,
Em extase de amor, bem acordado.
Gratas reminiscencias, brandos sonhos,
Do Acampamento imaginarios gozos,
Os unicos que aqui nos dôa a sorte.

„Si o céo piedoso permittisse ao menos
Que desses bens sonhados me ficasse
Aquelle manso, crystallino arroio
Que corria á meus pés, troncos regando
De abundante pomar, que eu desdenhava,
Nos braços da phantastica deidade,
Que mais mellifluos pomos me offrecia!..
Ah! quem me dera agora arroio e fructos,
Não vistos nestes aridos desertos.
Bem pouco aqui cubiço: agua, não desta
Morna e turva de misera cacimba,
Que mal a sêde acalma; agua, só agua:
O mais dispenso, nada mais desejo.
A salgada vianda encortiçada,
-Da puba mandiôca a ruim farinha,

Posto que razão parca, chega ao bravo
Que pela Patria expõe a pobre vida,
Em defesa de quem na paz o insulta,
E come e folga, quando nós morremos.

„Coméço a murmurar! Té isto é crime.
Severo Lippe obrigações só marca
Ao mais que escravo, machinal soldado;
E por um ai na raiva sôlto ao vento,
Mil ais nos rouba no costado a espada,
Sempre suspensa sobre nós, bem como
Outr'ora por um fio a de Damocles,
Brinquedo de um tyranno, que assim dava
Merecida lição ao lisonjeiro.“

Não cessa o toque das crueis cornetas,
E os soldados já vão limpar as armas.
Um só comsigo falla, e assim discorre.

„Oh bôa e nobre vida!.. E quem não soffre?
Maior é o prazer após as mágoas.
Lá chega um dia, em que, de sangue tintos,

Cançados de matar, mortos de sêde,
De fome, e de fadiga, nus, sem soldo,
Nos diz o commandante, enchendo a bocca
Em tom de prégador: — Bravos soldados,
Defensores da lei, do throno apoio,
Hymnos vos tece a Patria agradecida,
E entre seus filhos vos aponta ufana.
Sustentadas por vós estas bandeiras
Orgulhosas tremulam, e apregoam
Vosso heroico valor e disciplina!..

„Isto nós recebemos! Gloria immensa,
Maior paga de todos os martyrios,
E desgraças da guerra... Mas si o bravo,
Si esse mesmo da Patria firme esteio,
Da mãe saudosa ao lado, ou juncto a esposa,
Mostrando as cicatrizes dos combates,
Todo orgulhoso com tão rica herança,
Da licença exceder o curto prazo,
Ou da chamada não ouvir o toque,
Lá o espera a chibata, cuja sombra
Mais que a sua fiel constante o segue,

E nas espadoas rápida lhe grava
De sobejo os momentos da tardança.

„Pobre soldado! Autómato ambulante,
A vida barateias, matas, morres,
Ao mando estranho, sem saber a causa!
Afinal o que és tu na paz, na guerra?
Uma machina viva, um pobre escravo!

„Oh bella e nobre vida!.. Ha quantos dias
Só no hospital se dá como remedio
O ardente succo da gostosa canna?
Um só copinho agora fôra um lethes,
Onde as philosophias afogára.“

Já vem raiando a rubicunda aurora,
Ardente como o sol do meiodia.
Já o Alarma cessou. Toca á fachina.
Lá vão, coitados, quasi nus, tão sujos
Que os andrajos e a pelle tudo é lôdo.
Vem depois da fachina o exercicio,
Que intermittente á noite se prolonga;

Rendem-se guardas, postam-se vedetas,
Saiem partidas a explorar os mattos,
Outras entram trazendo estropeados.
Não tem conta o trabalho, nem medida,
Só se mede e se pesa o que se come.

Vem a propicia noite; toca ás preces;
Rezam a ladaínha, e a Deos se entregam.
Ao lasso corpo o chão é fresco leito,
E as patronas são promptos travesseiros,
Que inspiram sonhos de jardins e nymphas.



PACIFICADOR DO MARANHÃO

O EXM. SNR. MARECHAL

LUIZ ALVES DE LIMA,

MARQUEZ DE CAXIAS.

ODE PINDARICA.

ESTROPHE 1^a.

É breve o adeos do heróe. — A esposa chora,
 A joven, bella esposa; as innocentes
 Filhinhas, a quem tanto o pai adora,
 Choram tambem, dos braços seus pendentes,
 Como dous Anjos, que prender intentam
 As duas partes caras,
 Que de amor puro, unidas, se alimentam,
 Maranhão, Maranhão, tu as separas!
 ,Meu Rio-de-Janeiro, em ti eu deixo
 Tudo o que é meu. Adeos! — e não me queixo.“

ANTISTROPHE 1°.

Vamos; contigo irei ao fim do mundo.
 Já fumeга o vapor no cavo lenho,
 E lucta contra o mar hirto, iracundo,
 E contra o vento opposto ao nobre empenho.
 Arribemos! — Mas onde? — Na Victoria! (2)
 Bom presagio, oh Guerreiro!
 Eia partamos; lá te acena a gloria. . .
 Quebrou-se a quilha do veloz madeiro! (3)
 Que importa! já lá vem o Guararápes! (4)
 Onde os perigos a que não escapes?

EPODO 1°.

Quer Deos habituar-te
 A mil perigos grandes,
 Afim de que dest'arte
 Tua alma se ennobreça,
 Teu peito se endureça,
 Teu nome á gloria mandes;
 E quando em qualquer parte
 Teu nome repetirem,
 Que digam os que o ouvirem:
 Foi grande, foi feliz,
 Honrou o seu paiz!

ESTROPHE 2°.

Exulta, oh Maranhão, eu te saúdo!
Eis o teu salvador! Enxuga o pranto;
Tens por ti sua espada, e seu escudo.
Commigo entôa da victoria o canto;
Que a vil caterva, sanguinaria, infame,
 Que os campos teus devasta,
Como de tigres esfaimado enxame,
Que em grei de ovelhas entre sangue pasta,
Ha de, ao luzir do ferro rutilante,
Dobrar humilde a fronte petulante,

ANTISTROPHE 2°.

Vês como alegre, e cheio de esperança,
Em torno d'elle o povo respeitoso
O contempla como astro de bonança,
Que no obumbrado céo surge radioso?
Sua nobre presença tudo anima;
 Os peitos se roboram;
Só se repete um nome: — o Lima! o Lima!
E mil olhos parece que o devoram!
Da governança o heróe as redeas toma,
E ao lado do valor justiça assoma.

EPODO 2.^o

Não só a dextra forte
 Sabe empunhar a espada,
 E dardejar a morte
 Em procellosa guerra.
 A sua frente encerra
 Uma alma sublimada,
 Que dá-lhe ao rosto, ao porte
 O nobre, grave aspecto
 De homem sisudo e recto,
 De altivo coração,
 E lucida razão.

ESTROPHE 3.^o

A sua egregia voz chefes, soldados
 Recobram a perdida disciplina;
 Todos de novo brio electrizados
 Se mostram ao heroe que os examina.
 Eil-o já no Munim; (5) e assoberbando
 O tempo pluvioso,
 Em debil lenho o rio vai sulcando,
 Que de Caxias desce pressuroso;
 Caxias, que entre ruinas se lastíma
 Que tão tarde viesse o forte Lima.

ANTISTROPHE 3^o.

Por todá parte o perfido inimigo,
 Que de rapinas vive, fuge errante,
 E vendo de seus pés erguer-se o p'riço,
 Curvo se entrega á força triumphante.
 Lá se restaura o Brejo! Os mais astutos
 Satellites do inferno,
 Inda do proprio sangue mal enxutos,
 Levam ao Piauhy o horror do Averno;
 Mas lá do General o mando echôa,
 E a pós a espuria raça a morte vôa.

EPODO 3^o.

Que nuvem tão sombria
 Agora se levanta,
 Escurecendo o dia
 Em toda a Miritiba
 Até o Parnahiba?
 O Maranhão se espanta,
 E todo se arrepia
 Co'a nuvem negra e crassa,
 Prevendo atroz desgraça.
 Lá vai o Lima audaz,
 E a nuvem se desfaz! (6)

ESTROPHE 4°.

Eis o Itapucurú cheio de orgulho (7)
 Vendo-o passar de novo em ferrea quilha, (8)
 Que as aguas rompe com feroz marulho,
 Qual nunca vira, estranha maravilha!
 Á vista do igneo vaso Fluminense
 As margens se povoam,
 E louvores do povo Maranhense
 A tão prestante heróe nos ares sôam.
 A rapidez do Bravo a todos move,
 E entre bençãos seu nome á gloria sóbe.

ANTISTROPHE 4°.

Eil-o na Varzea-grande! Eil-o em Vianna!
 Eil-o em Caxias! Eil-o em toda parte!
 Aqui a furia aplaca á intriga insana,
 Alli da guerra ensina as leis e arte.
 Quem o chama? Eil-o já! — Pós dos desertos,
 Raios do sol ardentes,
 Deleterios vapores, damnos certos,
 Estação pluvial, caudaes torrentes,
 Vós não podeis desalentar seu peito,
 Eu, que o louvo, o segui no honroso feito.

EPODO 4°.

Quem já por ti fez tanto,
 Sangui-regada terra?
 Vós que escutais meu canto,
 Desfeitos os temores,
 Não vistes os horrores
 Que eu vi da irada guerra!
 Sangue corria e pranto,
 O incendio crepitava,
 A morte audaz voava!
 O céo se consternou,
 E o Lima a vós mandou.

ESTROPHE 5°.

Bem se vê que não é a vez primeira
 Que em marcio jogo os olhos teus lampejam,
 Em frente da cohorte brasileira,
 Accendendo valor nos que pelem:
 Vio-te Montevidéo, vio-te a Bahia,
 Quando da Independencia
 Os echos do Ipiranga repetia,
 E ferro appoz dos Luzos á inclemencia.
 Sangue de heróes as veias te ennobrece,
 E entre heróes o teu nome resplendece.

ANTISTROPHE 5°.

Qual brilhante pharol, que assoberbando
 O mar que em vão minar-lhe a base intenta,
 Os escolhos e syrtes indicando
 Em tempo de bonança e de tormenta,
 Animo embebe em duvidosos lemes;
 Tal te contemplo, oh Lima!
 Nada te assusta, porque a Deos só temes.
 Esse gladio, que tanto a Patria estima
 Em tua mão pujante, não manchára
 O Anjo da justiça, si o empunhára.

EPODO 5°.

Ante mim appareça
 Quem diga: mente a Musa.
 Consinto que pereça
 Meu nome, e minha gloria,
 Si seu abono a historia
 Ao canto meu recusa;
 Nem mais do céo mereça
 O vate ser ouvido.
 Oh! graças! desmentido
 Jamais, jamais serei;
 Verdades só cantei.

ESTROPHE 6°.

Cheia de orgulho a lâmina repousa,
 E a penna em tua m o bem vale a espada;
 Os teus preceitos affrontar não ousa
 Dos vicios a caterva amedrontada.
 Sublimes pensamentos escondidos,
 Surgi do fundo d'alma!
 Accolhidos sereis e protegidos
 Por elle, que d  Justo empunha a palma;
 Novas galas os Templos ostentando,
 V o seu sacro fervor apregoando.

ANTISTROPHE 6°.

Eu te agradeço, oh c o, o dom sagrado
 De a ti poder subir na voz canora
 Dignos feitos de um filho teu amado,
 Credor de épica tuba atroadora.
 Contemplando prodigios singulares,
 Se arrouba a minha idéa,
 E vendo honrados meus paternos lares,
 Da gloria o immortal fogo em mim se ateia.
 Mas tudo   pouco; do meu canto   cima
 Muito assomas, Luiz Alves de Lima!

EPODO 6°.

Complete este meu canto
A Patria agradecida,
E mostre ao mundo o quanto
Alta virtude estima,
De quem como o meu Lima
Por ella off'rece a vida
Com amor puro e sancto.
Grande Lima! si a inveja
Já contra ti braveja,
Ao grito seu em vão,
Responda o Maranhão.



N O T A S.

1. Vamos; oomtigo irei ao fim do mundo.

Antistrophe 1.

Tendo sido o heroe deste cantico, em Dezembro de 1839, nomeado Presidente e Commandante das Armas da Provincia do Maranhão, que se achava em revolução, o auctor o acompanhou como Secretario do Governo.

2. Arribemos. — Mas onde? na Victoria.

Antistrophe 1.

Victoria, capital da Provincia do Espirito-Sancto, onde arribámos em 27 de Dezembro de 1839, depois de 5 dias de tormentosa viagem.

3. Quebrou-se a quilha do veloz madeiro.

Antistrophe 1.

Ao entrar no porto do Rio-grande do Norte, aos 16 de Janeiro de 1840, dêo a barca de vapor em que iamos contra um penedo occulto nas marés altas, e de grande perigo nas baixas, de modo que, fazendo um grande rombo na quilha, ficou impossibilitada de continuar a viagem.

4. Que importa? já lá vem o Guararapes.

Antistrophe 1.

Brigue-escuna Guararapes, vindo de Pernambuco, escoltando uma embarcação de transporte com

tropas para o Maranhão; á bordo deste brigue continuámos a nossa viagem em 28 de Janeiro, e chegámos a S. Luiz do Maranhão em 4 de Fevereiro de 1840.

5. Rio Munim, em cuja margem direita está a villa do Icatú, onde seis vezes estivemos.

6. E a nuvem se desfaz.

Epode 3

Allusão as hordas de Africanos escravos, sublevados pelo negro Cosme, e aquilombados nas cabeceiras do Rio-preto.

7. O Itapucurú oito vezes por nós atravessado; suas margens são assaz povoadas, e n'ellas se levantam as villas do Rosario, Itapucurúmirim, Codó, e a Cidade de Caxias, a mais importante da Provincia depois da capital, e que foi saqueada pelos rebeldes, antes de chegar á Provincia o Presidente Lima.

8. Vendo-o passar de novo em ferrea quilha.

Estrophe 1.

Allude á barca de vapor Fluminense, fabricada no Rio de Janeiro, a primeira que atravessou os rios do Maranhão, excitando admiração e espanto aos habitantes do interior, muitos dos quaes se benzião ao vel-a passar.

SAUDAÇÃO

A SUA MAJESTADE

O SENHOR D. PEDRO II.

IMPERADOR CONSTITUCIONAL

E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL

NO FAUSTO DIA DA SUA COROAÇÃO E SAGRAÇÃO

18 DE JULHO DE 1841.

Perdão, Senhor! perdão, si arrebatada,
Arquejando de amor a alma do vate
Dos labios meus se entorna sonora,
Em hymno convertida á gloria tua!

Désse-me agora o céo a voz do Oceano,
Dos raios o fulgor, do vento a furia,

Como te ha dado um throno majestoso,
Um sceptro immenso do Oyapoc ao Prata,
Que pouco fôra a decantar teu nome!
Maior do que este Imperio que te adora
É o desejo meu que grande sejas.

Hoje o Brasil, unísono bradando,
Te saúda, Monarcha Brasileiro,
Como um Nume de paz, no throno alçado,
Para o conter na lubrica cratera
Do abysmo, que a anarchia lhe cavára!
Ah não lhe olhes o fundo — é sangue! é sangue!
Feche-lhe a fauce do teu solio o estrado,
E d'elle emtorno desabrochem flores!
Por cada osso que alveja nesses campos,
Erga-se um bravo que te escore o throno.

Sabe, Senhor, que Intelligencia é Força,
E que esta é Soberana; o mais — chimera.
Impera co'a razão, e co'a justiça.
De um Monarcha a palavra é criadora;

Emprega a tua, Imperador, e cria,
Do Prata ao Oyapoc, unido e forte,
Um vasto monumento ao teu reinado.

A verdade, nas Côrtes mal ouvida,
Alto te falle, da justiça ao lado,
Sem que, para aprazer-te, necessite
Do aroma corruptor da vil lisonja.

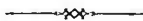
Sabes o que é ser Rei? — A Deos pergunta-o.
Mais por nós, que por ti, dêo-te elle o Imperio.
Gloria immortal te espera, ou... Não; só gloria,
Só gloria, Imperador, te prophetizo.

Na tua infancia lagrimas de sangue,
Dôres, estragos, mortes, guerra, intrigas,
A suspirar por ti nos ensinaram.
Eis-te emfim, Anjo nosso, sopesando
O sceptro de ouro, e a diamantina c'róa!
Ah! desata essa voz, teu braço alonga,
E rompe as trevas que este solo obumbram.

E vasto o campo, e inculto, chaos dicera,
Que um fiat só te pede — pronuncia-o!

Do passado cruel, que ainda nos pésa,
Raie contigo esperançosa aurora.
Sol prolifico esmalte estas devezas.
Cresça contigo o Imperio! o céo te ampare;
E mil canoras tubas cancellem, cheias
De teus feitos, primeiro que os numerem.

Apraz-te a minha lyra? É fraca. Eu juro
Só consagra-a a Deos, a ti, e a patria.
Escute o céo meus votos: serás grande;
Feliz o povo; o teu reinado egregio.



ODE PINDARICA

A PAZ DA PROVINCIA DO RIO-GRANDE DO SUL.

TRIBUTO DA MAIS CORDEAL AMIZADE

AO

EXM. SR. MARECHAL MARQUEZ DE CAXIAS

PRESIDENTE DA MESMA PROVINCIA E GENERAL EM CHEFE
DO EXERCITO PACIFICADOR.

ESTROPHE 1.^o.

Paz, bradava o Brasil com voz dorida,
 Como si já da guerra o atroz flagello,
 Que lhe exauria a vida,
 Morto tivesse seu porvir tão bello.
 Paz, bradava, — e essa voz repercutida
 Em corações de filhos deshumanos,
 Não suspendia o anhello
 De ferir e matar, tão longos annos.

ANTISTROPHE 1^o.

Bandos de corvos tétricos pairavam
Sobre esses campos êrmos, só juncados
De ossadas que alvejavam,
E de frescos cadav'res desangrados!
Odor de sangue os ares transportavam
Desde o Uruguay ás regiões do Norte;
E os echos magoados
Morte, só repetiam... morte... morte!

EPODO 1^o.

De Provincia em Provincia só se ouvia
Um funebre clamor
De esposas, mães, e pais, a quem feria
O Anjo exterminador;
De lucto o Imperio todo se cobria
Immerso em agra dor:
E a dura guerra,
Se encarniçava;
De sangue a terra
Já rubra estava.
Assim calcando da Natura os laços,
Irmãos erguiam contra irmãos os braços.

ESTROPHE 2ª.

E porque? para que?... Fallaz chimera,
 Phantasma de uma infrene liberdade,
 Que de crimes não gera
 Tua promessa van de flicidade!
 Promettes paz, e eterna primavera,
 E sangue só nos dás! a França o attesta.
 Do Prata a igualdade,
 Cruel mentira, o mundo hoje a detesta.

ANTISTROPHE 2ª.

Ah! não fosse ficção sonho tão caro
 Ao coração do vate, que dezeja
 Que da justiça o pharo
 Alvo perenne á humanidade seja.
 Pedem os homens teu seguro amparo,
 Mas quando intensa tua luz derramas,
 A fraca natureza
 Delirante se cresta em tuas chammas.

EPODO 2º.

Bem celeste é o sol, — mas quem podera
Seus raios supportar,
Si após seu brilho a noite não tivera
Serenos respirar?
A vida roubaria a quantos dera
Com seu placido olhar.
Bem sem limites,
Ventura ethérea,
Não nos permittes,
Oh vil materia!
De luz e trevas necessita o mundo;
Eis a harmonia do saber profundo.

ESTROPHE 3º.

Loucos, não conheceis a essencia humana,
Nem as leis da eternal sabedoria!
Na vossa furia insana
Cuidais que o ferro a humanidade guia!
O ferro alçado pela mão profana
Ceifa sem produzir, nunca florece;
E da victoria o dia
Só raia para quem mais a merece.

ANTISTROPHE 3^o.

Bem cedo raiará — Olhai, e vede
 Essa comada estrella fulgurante: (1)
 Do occaso a estrada mede
 A cauda, que após deixa roçagante.
 Esse celeste annuncio absortos lede,
 Vós, que no occaso estais, que o céo o mostra
 Ao Guerreiro prestante,
 Que por amor da Patria vos arrostra.

EPODO 3^o.

Oh prodigio! — Inda é tempo; eu vos convido,
 Vinde, irmãos, vinde a nós!
 Contra quem é do céo tão protegido,
 Cruéis, que podeis vós?
 Não basta tanto sangue desparzido
 Por capricho feroz?
 Vede, o que alcançam
 Os olhos vossos?
 Pois não vos cançam
 Tantos destroços?
 Inda quereis mais sangue? Inda mais guerra?
 Pois bem, sangue de irmãos beba essa terra.

ESTROPHE 4°.

Oh venturosas margens do Janeiro,
Testemunhas do amor, e da clemencia
Do Filho do Primeiro
Que nos dêo uma Patria e independencia!
Dizei ao nosso Augusto Brasileiro
Que a palavra do heróe será guardada,
Forçando á obediencia
Mais esta quarta Estrella rebellada. (2)

ANTISTROPHE 4°.

Mas quem é esse heróe forte e radioso,
Que parece senhor já da victoria,
Da Fortuna mimoso
A quem destina o céo tamanha gloria?
És tu, Marquez prudente, e valoroso,
Ramo dos Limas, de immortal renome,
E que para memoria
De altos feitos, Caxias é teu nome!

EPODO 4°.

Já te conhece o genio que me inflamma,
 E a lyra me outorgou,
 Para exaltar varões, por quem se afama
 A Patria que os criou.
 Teu gladio, que vibrando a paz derrama,
 O céo o abençoou.
 Gladio prestante,
 Nossa esperança,
 Dá-nos ovante
 Paz e bonança:
 Em ti d'alma do heróe o timbre eu leio:
 — Da Paz, da Patria, e da Justiça esteio.

ESTROPHE 5°.

Fugi, tremei, rebeldes! Eil-o á frente
 Desse Exercito outr'ora tão pesado;
 Quão rapido e valente
 Perlustra agora o campo dilatado!
 Esse corpo, a quem move uma alma ingente,
 Já rigores do tempo affouto insulta;
 E vendo o rosto amado
 Do caro heróe que o guia, alegre exulta.

ANTISTROPHE 5°.

„Bravos do Imperio! (diz) Eia, voemos
 Contra filhos que a Patria renegaram;
 Ingratos! castigemos
 O impio crime de que elles se mancharam;
 Mas no furor da pugna nos lembremos
 Que são nossos irmãos, e que os amamos;
 Si a morte nos juraram,
 Nós, vencendo-os, á Patria inda os chamamos.

EPODO 5°.

Assim fallou o heróe de humano peito;
 Com gosto o céo o ouviu,
 Sorriu-se a humanidade, e com respeito,
 O Exército o applaudio.
 Ardua a campanha foi, reñhido o pleito,
 Qual nunca alli se vio;
 Mas sempre justo
 Do heróe o ferro
 Punia a custo
 De irmãos o erro;
 Que ao valor não se oppõe pia brandura,
 Antes é o ornamento da bravura.

ESTROPHE 6°.

Ah deixemos troar a artilheria,
Retinirem as lanças na refrega,
E a brava infantaria
Rechaçar a columna, que a carrega;
Que outro signal no céu já me annuncia 3)
A doce Paz. Oh salve, Paz celeste!
Com teu orvalho rega
O ramo de oliveira, que trouxeste.

ANTISTROPHE 6°.

Salve, mil vezes salve, oh Paz saudosa!
Com mais transporte o viajor sedento
Dessa Arabia arenosa,
Do longo caminhar exausto o alento,
Não saúda, não corre á ilha hervosa,
Que pingue fonte occulta em seu remanço!
Oh suave o momento
Que da vida aos afans traz o descanso!

EPODO 6°.

Romperam-se os opacos nevoeiros;
 Eis brilha nova luz!
 Que gloria para vós, nobres guerreiros,
 Deste Imperio da Cruz.
 Vós todos vos mostrastes Brasileiros,
 Todos vós! ora sus!
 Odios antigos
 Já se acabaram;
 Irmãos, amigos
 Se congrassaram.
 Sublimes nesse dia vos mostrastes,
 Quando as armas da Patria aos pés curvastes.

ESTROPHE 7°.

Exulta, oh Rio-Grande! A fronte eleva,
 E contempla teu próspero futuro.
 Mas vê a espessa treva
 Ao Sul, e ao Occidente horrendo e escuro. (4)
 Além em sangue hydra feroz se ceva,
 Que assaz cançou-te, e inda hoje te ameaça,
 Mão-grado o forte muro
 Que entre ella e ti seus ímpetos rechaça.

ANTISTROPHE 7°.

Vós, que ávidos de fama, á sepultura,
 De sangue envoltos, rábidos baixastes,
 Dizei-nos, que ventura
 De tanta guerra em troco nos legastes?
 Quaes os tropheos da vossa vida obscura?
 Que feitos ao porvir vos recommendam?
 E que exemplos deixastes
 Que os netos vossos no futuro aprendam?

EPODO 7°.

Nada! — Só sangue! o Rio-Grande brada,
 Brada todo o Brasil!
 Não vos erguestes contra a mão pesada
 Do despotismo vil,
 Que não gemia a Patria conculcada,
 Presa a jugo servil;
 A liberdade
 N'ella imperava,
 Justa igualdade
 A afortunava.
 Que outros maiores bens podieis dar-lhe,
 Para assim paz e ordem perturbar-lhe?

ESTROPHE 8°.

Mas ficai-vos em paz, manes sangrentos,
Que errais talvez por esses combros de ossos,
Com funebres lamentos
Expiando os passados erros vossos.
Não mais agravarei vossos tormentos
Co'a obra vossa, inspiração do inferno ;
Possam os rogos nossos
Abrir-vos a manção do Dia eterno.

ANTISTROPHE 8°.

Igneo Genio, que os vates arrebatas,
Vencendo o adejo da aguia majestosa,
Quando os peitos dilatas
Co'a harmonia da guerra estrepitosa!
Igneo Genio, si as azas mais desatas
Por essas regiões, que audaz discorro,
Co'a lyra gloriosa,
Como o Cysne, cantando, exausto morro.

EPODO 8°.

Oh Patria minha, novo canto enceta,
Que exceda ao canto meu.
Em premiar o Heróe vence o Poeta,
Dá gloria a quem t'a dêo.
Caminha agora em paz; attinge a meta
Que o céo te prescrevêo.
Bem é que estudes
Na adversidade:
Quem tem virtudes
Tem liberdade.
Dê-te força a união, firmeza o Throno,
Respeita a historia, destes bens abono.



N O T A S.

1. Essa comada estrella fulgurante.

Antistrophe 3, pag. 303.

Allude ao cometa visto na Provincia do Rio-grande do Sul no 1º de Março de 1843, exactamente no dia em que o General Marquez de Caxias levantou o seu acampamento, e fez a sua primeira marcha em direcção occidental, para o Municipio do Alegrete, onde então se achava o exercito rebelde, que havia seis annos mantinha a Provincia em estado de revolução.

2. Mais esta quarta Estrella rebellada.

Estrophe 4, pag. 304.

Quatro Provincias pacificou o Marquez de Caxias: Maranhão, Minas, San-Paulo e Rio-grande do Sul. Todos sabem que por Estrellas são representadas as Provincias nas Armas do Imperio.

3. Que outro signal no céu já me annuncia.

Estrophe 6, pag. 307.

Allude ao segundo cometa visto na Provincia no principio do anno de 1845, quando se tratava da paz.

4. Ao Sul, e ao Occidente horrendo e escuro.

Estrophe 7, pag. 308.

Este verso, e os que completam a Estrophe VII alludem á anardisa da Republica Oriental do Uruguay, e ao despotismo feroz do Dictador Rosas em Buenos-Ayres.

A SUA MAJESTADE
O SENHOR D. PEDRO IIº,

IMPERADOR DO BRASIL,

POR OCCASIÃO DA VISITA QUE SE DIGNOU FAZER Á PROVINCIA DE
SÃO PEDRO DO RIO-GRANDE DO SUL, ACOMPANHADO DE

SUA AUGUSTA ESPOSA.

EM 1845.

O D E.

É deixaste, Senhor, a plaga amena
Do saudoso Janeiro,
Que em extasi de amor te vio nos braços
Do Fundador do Imperio,

Quando com almo, paternal sorriso
Te mostrava a seu povo,
Mal que os olhos abriste ao céo, e ao throno
Que te saudava o berço?!

E deixaste esse Emporio rico e vasto
Das Americas duas?!
Essa cidade, do Brasil princeza,
Alegre testemunha
Do teu primeiro amor, unico, e sancto?!
E teu Palacio avito,
Que vê constante arado o immenso porto
De innumeraveis quilhas?!

E deixaste inda mais — o terno Filho,
Esse amor de tua Alma,
Que lá ficou, privado no seu berço
Das maternaes caricias,
E do sorriso teu, dos teus afagos?
E tantos bens deixando,
Co'os destinos do Imperio, e a cara Esposa,
Ás ondas te lançaste!

E porque? qual si um fado te impellisse,
 Monarcha Poderoso,
Tão grande sacrificio consumaste,
 Que a nós, que obedecemos,
Tanto nos custa, tanta dôr nos causa?!
 Que alta razão de Estado,
Egregio Imperador, Pai de teu povo,
 Te trouxe a estes climas?

Porque, Senhor! porque?... Mas não precisa
 O vate que respondas.
Não criou Deos o Sol só para esmalte
 Do seu throno de gloria;
Nem para prodigar a luz e a vida
 N'uma só zona immovel,
Mas sim á terra toda, seu Imperio,
 Sempre, sempre gyrando.

Não és tu do Brasil o Astro radioso,
 O Nuncio de concordia,
Que do nosso horizonte expelle as trevas?
 Não és da paz' o Nume,

Que as Brasílias estrellas encadeia
Em fraternal amplexo?
E o Anjo, a quem o Eterno ha confiado
De Sancta-Cruz o Imperio?

Sim; mas lá no teu throno, que sublima
Das aguas o gigante,
A subditos fieis abrindo os braços,
Sem tanto sacrificio,
Tua augusta missão cumprir podias;
Porém, Monarcha eximio,
Mostrar quizeste que por bem do povo,
No soffrimento és Homem!

Oh sublime pensar! exemplo sancto
Aos que ás leis se curvam!
Assim é que os Imperios se edificam,
E mais se escora o throno,
Conquistando o Monarcha o amor do povo.
Assim se marcha á gloria
Com passo firme, na afanosa estrada
Que só heróes trilharam.

Oh sublime pensar! Deos inspirou-te
Tão nobre e grande idéa!
Olha como o Guahyba jubiloso
Se ostenta, reflectindo
A imagem de teu rosto! e já se ufana
Por ver que suas aguas
Terão a dita de banhar-te os labios,
E saciar-te a sêde.

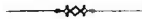
Olha como este povo alvorotado
N'um insolito enlevo,
Em pomposo triumpho te recebe,
E em seu grato transporte
Do teu favor a par tudo acha pouco!
Olha que não fingidas
São estas expressões do enthusiasmo
De um povo fido, e lhano.

Aqui, Senhor, só ha uma familia,
Esta familia é tua
No respeito, no amor, na obediencia!
Senhor, eu a conheço,

E a gloria tenho de poder agora
 Em seu nome saudar-te,
E exprimir seus mais caros sentimentos
 Ante a Nação e o Throno! *

Monarcha, podes crer no que te digo:
 — Este povo te adora;
E o juro pelo sangue derramado
 Nestas sagradas veigas
Em prol do throno, e da união do Imperio.
 Sim, juro; e uão receio
Que jamais me desminta um povo nobre,
 — Um povo de guerreiros.

* Era então o auctor Secretario do Governo da Provincia, e por ella eleito Deputado á Assemblia Geral Legislativa.



AO VAPOR AFFONSO

QUE NA SUA PRIMEIRA VIAGEM,

SOB O COMMANDO DO CAPITÃO DE MAR-E-GUERRA

o

EX^{MO} S^{NR} JOAQUIM MARQUES LISBOA,

EM 24 DE AGOSTO DE 1848,

A 10 MILHAS DE LIVERPOOL, SALVOU 160 HOMENS DO INCENDIO
DO NAVIO INGLEZ OCEAN MONARCH.

Aos céos alçando o pavilhão brasilio,
Se amara o Affonso pela vez primeira.
Sôltas as rodas pelos anglos mares,
Ensaia a força em rápida carreira.

Vai tão suberbo, que saber parece
Que alma o governa, que hospedes abriga!
Qual joven luctador de gloria ancioso,
Só para exercitar-se, se afadiga.

Como que péde ao céo, e ao mar voluvel,
Que inopinados riscós lhe apresente ;
Que elle garboso quer de sí dar provas,
E a impavidez mostrar da illustre gente.

Triste augurio lhe nega o mar, e os ventos,
E por bemquisto o favoneam brandos.
Mas o céo lhe prepára um feito egregio,
Gloria sublime, em trances miserandos.

Eis ao longe uma náó, vulção nutante,
N'um turbilhão de fumo se apresenta!
O incendio a lavra!.. Horror!.. O Affonso aprôa,
Vôa a salva-a, e sua força augmenta.

O instructo Capitaõ, o activo Marques
Dispõe, prepara, ordena, e a tudo attende.
Todos são Marques, Brasilenses todos
Nesse espontaneo ardor que ao bem só tende!

Em columnas voraces labaredas
Já dos mastros ás grimpas se arremessam.

Cabos estalam, projectis ardentes,
Saltando aos ares, de zunir não cessam.

Scena infernal! Por entre as rubras flammæ,
E turbilhões de fumo que horrorizam,
Que gritos de terror ao céu se elevam!
Que espavoridos rostos se divisam!

Ah! quantas malfadadas criaturas
Entre as chammas e o mar a morte escolhem!
Mortos, feridos, semivivos quantos,
Rolando em montes, o salvar se tolhem!

Seus ligeiros bateis expede o Affonso,
E quantos braços tem, todos apresta.
Cem victimas, e cem salva, e procura
Si alguma ainda a soccorrer lhe resta.

No alarido da dôr, no acerbo pranto
Dos amigos, dos pais, de irmãos queridos,
De desgraçados tantos, ah quão doce
A voz da gratidão sôa aos ouvidos!

Ao porto amigo, que deixára ha pouco,
Volta co'os salvos seus nossa bandeira;
Solemnes saudações a glorificam,
Que a ninguem a virtude é estrangeira.

A nobres corações que melhor premio
Que o espontaneo louvor bem merecido?
Mas vós modestos respondeis a todos:
Apenas um dever temos cumprido.



A INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE.

ADVERTENCIA.

Trinta annos depois da espontanea abdicção do Imperador Pedro I, julgou a generosa Nação brasileira dever levantar-lhe uma estatua equestre, em testemunho do seu sincero reconhecimento pelos bens que lhe elle fizera, proclamando a sua independencia politica, e dando-lhe essa Constituição tão liberal, que felizmente ainda nos rege.

Sabemos o que é hoje o Imperio do Brasil assim constituido á sombra desse sceptro protector da sua união, liberdade e ordem; e não sabemos o que elle seria, si de outro modo se tivesse organizado. Mas vimos as loucas tentativas que se fizeram para romper essa sagrada união que lhe dá força, e quão sanguinolentas foram ellas; e vemos o que ganharam os nossos vizinhos....

Os homens que representam no mundou grande papel, — e nenhum maior que o de Fundador de um grande Imperio, — podem commetter faltas, e erros politicos que excitem a reprovação dos seus contemporaneos, que ás vezes apaixonadamente os julgam, fazendo recahir sobre um só os erros de muitos. É a poeira da estrada da vida, que a posteridade sacode, quando, pesando os feitos de taes homens, lhes concede a civica corôa.

Mortas as paixões desses passados tempos, pronunciou a historia o seu aresto, unico que será escutado; e o poeta seguiu os dictames da justiça, e os impulsos do seu coração, applaudindo esse testemunho da gratidão da Patria ao Fundador da sua independencia, que magnanimo resistio aos projectos de uma restauração, e gloriosamente acabou seus dias como soldado da liberdade, tendo abdicado duas corôas.



CANTICO

Á INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE

DO

FUNDADOR DO IMPERIO DO BRASIL.

É bella a gratidão! Unico premio
 Da virtude immortal! É bello esse hymno
 Que gratos corações, da paz no gremio,
 Erguem no céo n'um ímpeto divino.

Os corações resôam,

E um nome egregio aos evos apregôam.

O éneo colosso que eternisa o vulto
 Do prócero varão á patria caro,
 Perpetúa tambem o nobre culto
 Do povo digno do seu grande amparo ;

E a um tempo recommenda

O brio da Nação, do heróe a lenda.

Nessa explosão de amor de um povo inteiro,
Que de uma Estatua em torno se apinhôa,
Não falte a voz de um peito brasileiro,
Que distante se exhala, e á patria vôa.

De adulação estreme,
Livre, espontanea resoar não teme.

Mais que a voz do poeta, a voz de um povo
Exalta o seu heróe, e o endeósa;
Eviterno é seu canto, e sempre novo,
Como a voz do Oceano, sonora.

Essa ovação sublime
O echo longinquo e exhausto reauime.

No universal louvor que alto retumba,
Que dirá minha voz?.. A sombra evoca,
Que surja agora da marmórea tumba,
O Tejo deixe, que o Janeiro a invoca.

Da effigie que a retrata
Receba essa ovação da patria grata.

Ouçã o que o povo diz. Sua alma crente
A historia e a poesia em sí resume.
Seu odio , ou seu amor proclama ardente
A sentença que o tempo não consume;
 E o nome que deifica,
Como um typico emblema intacto fica.

Dous povos libertar, deixar dous thronos,
E soldado morrer da Liberdade,
Eis de gloria eternal firmes abonos!
Eis do Mundo a maior heroicidade!
 Porêm fama mais alta
No Cruzeiro do Sul seu nome exalta.

Existe ainda o Americano Imperio
Do Prata ao Oyapoc, immenso e unido!
Forte avulta no antarctico hemispherio,
Livre Gigante por seu braço erguido.
 O sceptro que sustenta
Da liberdade a força mais lhe augmenta.

Existe, e existirá!... e marcha ovante
Ao destino que o céo lhe tem prescripto.
Regozija-te, oh Alma triumphante!
Que elle zela amoroso o teu Rescripto.
Esse Palladio sancto
Guia o Gigante, á sombra do teu manto.

Mas, silencio! Não vês? Celiflua chamma
Desce á fronte do bronzeo cavalleiro!..
Seu braço acena! Seu olhar se inflamma!..
Eis redivivo alli Pedro Primeiro!..
Do peito a voz exhala!
Genuflexos ouvi... Elle é quem falla :

„Vós que me ergueis eterno monumento,
Que do Ipiranga o Facto rememóra,
Sobre este altar jurai neste momento
Conservar a união que vos robora.
Dai com Pedro Segundo
De amor á patria e á lei exemplo ao mundo.

„Tu, da Justiça apoio, amado Filho,
A quem deixei o peso do meu sceptro;
Defensor do Brasil, do solio o brilho,
De ti se cante em numerozo metro ;
Chame-te um dia a historia
O Modelo dos Reis, da patria a gloria.

1863.



CARTA

AO MEU AMIGO

D^R. CANDIDO BORGES MONTEIRO.

Havre. 1833.

Como é doloroso o deixar pela primeira vez a patria, os pais, os irmãos e amigos! Que tristes recordações, que melancolicas idéas se não apoderam então de nossa alma! Terna e fagueira se desverte a lembrança do passado; o tempo da nossa infancia com todos os seus encantos e attractivos; os logares que testemunhas foram dos nossos primeiros ensaios da vida; os templos, as praças publicas, a casa paterna, tudo, emfim tudo, nesse momento de tropel se apresenta á nossa phantasia, para mais exacerbar a nossa saudade, e arrancar-nos lagrimas do coração, como estas que agora me regam as faces.

Não ha logar esquecido,
Que nesse instante saudoso
Se não mostre deleitoso,
Por encanto resurgido.
O pensamento embebido
Nessas scenas do passado,
Como que sonha acordado
Um sonho que o pranto excita;
E o coração mal palpita,
Pela angustia suffocado.

Foi assim que eu deixei pela primeira vez o meu Rio de Janeiro, na manhã do dia 3 de Julho de 1833. Ainda uma vez, e já dentro do navio, os Dous E d u a r d o s, dilatei os olhos pelo horizonte da patria, e impossivel me foi reter as lagrimas, quando com o coração nos labios soltei-lhe um adeos, como si ella me ouvisse. Serei feliz ao menos si depois de viajar a Europa, e aprender alguma cousa nesse grande livro, permittir Deos que eu volte, e possa servir o meu paiz como desejo. Porém...

Ainda as velas
Estão ferradas,
E as duras ancoras
No mar cravadas.

Fraco e contrario
Se mostra o vento,
Do sol o rosto
Stá macilento.

Um suor frio
Seu corpo rega,
Que em fina chuva
Á terra chega.

Mas pouco a pouco
Vai aclarando.
Propicia aragem
Já vem soprando.

Eis já se alegam
Os passageiros;
Sôa a celeuma
Dos marinheiros.

Do mar se colhem
Grossas correntes,
Onde se prendem
Os ferreos dentes.

As brancas velas
Soltam-se aos ares,
A dura quilha
Já rompe os mares.

Da patria a vista
Nos vai fugindo;
Da foz do Ríó
Vamos saíndo.

Como é majestosa e sublime a Bahia do Rio de Janeiro! Nunca a tinha visto desta altura. Hei de descrevel-a em um poema em que sonho; mas ainda não achei assumpto nacional que me inspire.

Um poema é cousa seria,
E péde assumpto elevado,
Estro ardente, grande engenho,
E estudo muito apurado.

Cabia aqui a pintura da immensa cadeia de montes, que em fórma de enormissimo gigante guarda barra da nossa terra; porê m o enjô o começa a fazer-me gyrar a cabeça, e vejo-me forçado a larrar a penna. Deixo isso para a volta; porque deves saber que tenho esperanças de voltar.

Passaram-se emfim tres dias
De afflicção e de amargura,
Em que andou em viva guerra
Toda a minha contextura.

Tive em completa anarchia
O apparelho digistivo.
Chamei tanto pela morte,
Que não sei como inda vivo.

Do apertado camarote
Os pratos tinnir ouvia,
E a tão molesto repique
Como um trombão respondia.

Meus companheiros comiam
Quanto alli se apresentava;

Bebiam bordéos em cima,
Só eu disso me enjoava.

Si teimoso pretendia
Engulir algum bocado ;
Quem dice que o supportava
Meu estomago irritado ?

Pensei que me acostumasse
A viver sem alimentos ;
Porém achei-me enganado
Depois de tantos tormentos.

Agora emfim pouco a pouco
Mêu estomago se aquieta ;
Já tenho algum appetite,
Como, porém com dieta.

Mas assim que me levanto,
Sinto logo tal tonteira,
Que volto, a fazer caretas,
Para a minha prateleira.

Não chamo assim ao beliche
Por precisão de uma rhyma ;

Que o meu leito é uma estante,
E tenho um vizinho em cima.

É provavel que aches esta descripção mais pathologica do que poetica; em tal caso nada perderá aos olhos de um filho de Esculapio, habituado a todas as especies de Pathos. Mas subamos ao tombadilho, para ver o céo. Que vida ha ahi mais monótona do que esta de andar sobre as ondas! Asseguro-te que gósto mais do mar visto de terra. Ora vá lá um Soneto para matar o tempo.

Só meus olhos enxergam céos e mares,
Velas e lenho, que me vão levando;
Mas que scenas se estão representando
Em minha alma engolphada em mil pezares!

A cara mãe lá stá enchendo os ares
De tristissimos ais, que o peito brando,
Em profunda tristeza suspirando,
Envia ao céo com lagrimas a pares!

O pai, ternos irmãos, os meus amigos,
A patria, tudo emfim me faz agora
Clamar contra meus fados inimigos,

Já brilhante porvir me não vigora,
Si a vida está sujeita a taes perigos,
E não tenho por certa nem esta hora.

Este Soneto bem mostra que ainda estou um pouco enjoado. Confesso que não me sinto de veia neste movel elemento; em terra teria feito um Soneto melhor rhymado do que este, que será o ultimo que faço.

Mas que corja de Tritões
Ao longe lá vem nadando,
E o salso argento em repuxos
Pelos ares assoprando!

Acaso será Neptuno,
Que com todo o seu cortejo,
Attrahido por meu nome,
Vem saber o que desejo?

Quererá nos seus abyssos
A um Magalhaens dar abrigo,
Lembrado desse primeiro
Que foi seu tão grande amigo.

Oh Manes dos meus maiores,
Vinde a mim neste momento;
Dizei-me como se falla
Ao gran rei do salso argento.

Esperemos que elle chegue.
Entretanto, oh Musa, acode,
Que saudar quero a Neptuno
Com uma estrondosa Ode,

Dá-me palavras esdruxulas,
E versos bem esquipaticos,
Estylo todo phosphorico,
Pensamentos enigmaticos!

Mas que! enganou-me a vista!
Foram-se as minhas idéas!
Não são Tritões, nem Neptuno,
São seis famosas baléas!

Ora o certo é que os poetas gregos, com a sua religião mythologica, que lhes permittia vêr uma multidão de numes por toda parte, tinham mais recursos do que nós para suas ficções e allegorias; sem deixar de parecer religiosos a seu modo. O seu maravilhoso estava feito, e tinha por base a crença popular, e tendo desaparecido essa crença, desaparecêo para nós esse maravilhoso, reduzindo-se esse polytheismo a uma allegoria sedição, e os nomes desses numes fabulosos a velhas metaphoras. Outro deve ser o maravilhoso da poesia moderna; e si eu tiver forças para escrever um poema, não me servirei dessas caducas fabulas do paganismo, custe-me o que custar: apezar da auctoridade do grande Camões, que enchendo os seus *Lusiadas* com essas figuras allegoricas, põe na bocca de uma d'ellas a negação da sua propria existencia, fazendo-a dizer:

Eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano;
Só para fazer versos deleitosos
Servimos

E eu creio que já nem para isso servem hoje, excepto em alguma composição jocosa, ou de assumpto grego, e romano. Talvez te pareça que este juizo sobre a Mythologia vem aqui encaixado a martello; pois te enganas; vem muito a proposito; porque nisso penso, por causa do maravilhoso do meu futuro poema, que é uma das difficuldades com que lucto, e sabe Deos como me sairei d'ella.

Mas o que é isto? Estamos parados! Que cruel posição para quem tanto deseja chegar a Pariz, e ir abraçar os nossos amigos Torres-Homem e Porto-alegre, que por mim de certo não esperam.

Languido o vento,
Tão pachorrento
Nos vem soprando,
Que dormitando
Parece estar.
As velas todas
Já bambaleam,
E descançada,
No mar grudada,

Teimosa quilha
Nem uma milha
Quer deslizar.
Pelas enxarcias
Escorregando,
E bocejando
A calma ardente,
E o molle somno,
Impertinente,
Espalham, ás mãos cheias, sobre nós
De papoulas, e de opio finos pós.

Sinto não poder dar a meus versos toda a molleza, todo o aborrecimento da nossa posição. Para ajudar a onomatopéa lê bocejando estes versos; e si dormires, não me darei por enfadado, porque também estou quasi dormitando; não pela virtude soporifica dos versos, que já me habituei com esta especie de opio, que me tira o somno, em vez de favorecel-o, mas pela calma que me amollenta, e me convida . . . ia quasi dizendo — a lançar-me nos

braços de Morpheo; mas deixemo-nos de metaphoras. Que maldita calma.

Dormio tres dias inteiros,
Até que enfim acordou;
Já o vento com seu sopro
De nós a calma levou;
E que a leve para sempre,
Que saudades não deixou.

Que bella noite! Como o ar está puro! Como o céo está estrellado! E que lua! Parece um sol desfarcado em astro da noite! Deitado resupino sobre o tombadilho; olhando para esse céo immenso, recamado de nitidas estrellas; no meio deste vasto Oceano, que as reflecte como um espelho de prata, parece que estou suspenso no espaço, docemente embalado no dorso de uma nuvem, que me vai levando por esses ares; e sinto cá dentro uma ineffavel poesia de puro sentimento, que não poderei exprimir com palavras! Oh como é poetica a noite no meio da solidão do Oceano!

Eu amo-te, oh noite,
Serena, estrellada,
Que a Deos arrebatas
Minha alma encantada.

O dia nos mostra
Da terra as bellezas,
E aos olhos occulta
Dos céos as riquezas.

Excita os sentidos
Do sol a luz clara ;
Ao mundo nos prende,
De Deos nos separa.

A humana sciencia
Que Deos não descobre,
É como esse lume
Que o céo nos encobre.

Em noite tranquilla
Dos céos a harmonia
Mais falla á nossa alma
Que o brilho do dia.

Foi vendo esses orbes,
Da noite á luz calma,
Que o amor do infinito
Surgio em nossa alma.

No enlevo sublime,
Que só o homem sente,
A idéa do Eterno
Brilhou-lhe na mente.

Eu amo-te, oh noite,
Serena, estrellada,
Que a Deos arrebatas
Minha alma encantada.

Que importa, oh Deos, aos olhøs meus te occultes,
Si na razão te vejo,
Quando contemplo esses milhões de mundos,
Em arroubado adejo!

Quem do nada os tirou? Quem móto dêo-lhes
No infindo firmamento?
Quem nos dêo, para vêr taes maravilhas,
Sublime pensamento?

Occulta como tu aos olhos todos
Minha alma pensa agora,
E nesse seu pensar seu ser descobre,
E pasmada te adora.

Tu és o Eterno Ser que se revela
Na criação immensa;
Omnipotente e sabio; e de ti veio
Esta alma que em ti pensa.

Assim poetizando, bafejado pelo relento, embalado
pelo navio, como a criança no berço, fui adorme-
cendo, e não me lembro do resto. Sirva este somno
de transição para o mais que vier.

Estamos perto da linha equinocial. Que calor!
E que sede! Si ao menos tivéssemos bôa agua!
Ah minha doce Carióca, quanto de ti me lembro
neste vasto mar sal gado!

Oh! como o homem
É desgraçado!
A quantos males
Está ligado!

Quando, oh Domingos,
Tu pensarias
Que beberias
Uma agua assim,
Que de ruím
Até já fede,
E não aplaca
A dura sêde?
Ah, si eu podesse
Me ver agora
No meu Brasil,
Sem mais demora,
D'agua gostosa
Do carioca
Levára á bocca
Logo um barril.
De que nos serve
Todo este mar,
Si elle não póde
Nos saciar?
A Providencia
Melhor fizera

Si em doce río

O convertera.

Não sei como ainda não inventou a chimica algum meio facil de dessalgar as aguas do mar, de modo que não precisassem os navios de fazer aguada. Faço votos para que isso aconteça enquanto estou por este mundo, e que me sirva para a volta. Entretanto contentemo-nos com a agua que ha, com gosto e cheiro de madeira podre, que peor fôra si nenhuma houvesse; e não murmuremos da Providencia, que bem sabe porque fez o mar salgado. Queixo-me da falta de bôa agua, e o que te direi da mesa? Merece um programma em verso da mesma diminuta especie.

Pão como um bolo,

Côr de tijolo,

Petrificado

Té ao miolo.

Café suspeito

De favas feito,

E muito aguado.

O cha castanho,
Com o amarujo
Do bule sujo
De velho estanho.
Sopa abundante,
Mas repugnante.
Carne salgada,
Com batatada
Mal amassada.
Duras lentilhas;
Velhas ervilhas,
Já com caruncho;
Couves cortidas,
Mal aquecidas,
Cheirando a funcho.
Magros franguinhos,
Em pedacinhos,
Bem miudinhos.
O que apparece
Tudo se come,
E mais acrece
A dura fome.

Por sobremesa,
Um bolo á ingleza,
Ensosso e ruim,
Dito — pudim.
Passas e nozes
Em poucas dozes;
Eis o festim.

Ninguem se queixa aqui, co'o ventre erguido,
Que arrebenta por ter muito comido.

Mas que é isto? Temos novidade a bordo?

Eis pelo mastro
Sóbe ligeiro
Um marinheiro,
E lá de cima
Um buzio embocca,
E com voz rouca
Já nos intima
Que prompto lhe digamos
Para onde navegamos.

Satisfez o piloto á tal pergunta;
E o marmanjo outra vez continuando,
Da parte de Neptuno nos avisa
Que dos dous hemispherios na divisa
Nosso baixel já vai atravessando;
E que por um costume justo e antigo,
Quem não tivesse a linha inda passado,
Devia ser primeiro baptisado,
Si quizesse a Neptuno por amigo.

Temos comedia a bordo; não a veremos de graça.
Tudo isto é uma armadilha destes hereges a alguns
francos dos passageiros.

Armado de espada velha,
Vem um barbado intimar-me
Que me cumpre ir a Neptuno
Sem demora apresentar-me.

Eu o sigo receioso,
E na prôa dêo-me entrada
N'uma especie de barraca,
De rotas vélas formada.

Sobre uma âncora encostado,
Com semblante contrafeito,
Estava o senhor Neptuno,
De barbas até o peito.

Ordenou que me sentasse,
Promptamente obedeci.
Engrolou certas palavras,
Por signal nada entendi.

Os mais marujos estavam
De um lado e de outro sentados,
Vestidos co'a melhor roupa,
E os rostos apolvilhados.

Um d'elles, que alli fingia
Ser o padre, por divisa,
Em vez de sobrepelliz,
Tinha de fóra a camisa.

Começou este um discurso,
E me ordenou que jurasse
Que á mulher de marinheiro
Sempre respeito guardasse.

Não pude deixar de rir-me,
E o juramento prestei.
Com damas alcatroadas
Meu tempo não perderei.

Depois com-agua salgada
A cabeça salpicou-me;
Acabou o baptisado,
E um pratinho apresentou-me.

Então puxei pela bolsa,
E paguei o baptisado;
Satisfeito do brinquedo,
Por não voltar bem molhado.

Presente agora temos o rochedo de São-Pedro,
que ao norte da linha se levanta do mar como um
phantasma com tres notaveis cabeços, pelo que me
parece a quatro milhas de distancia. Nada tenho
que dizer a seu respeito: passemos adiante em
quanto nos é favoravel o vento, que riço sopra.
Oh lá!...

Medonha tempestade se appropinqua;
Ronca o rouco trovão sôlto nos ares;
Sibila o duro vento; as vergas gemem,
E o mar bramando contra a prôa esbarra!
Cambaleia o baixel de um lado e de outro,
Ora as ondas o sobem no seu dorso,
Ora ao abysmo o levam.

Assegura-nos o Capitão que isto não é borrasca
que metta medo, e que mesmo será util pela falta de
agua que experimentamos a bordo.

E eu que não minto,
Nem mesmo a brincar,
Terror que não sinto,
Não quero affectar.

Com effeito, desfez-se a tempestade em chuva,
e tanto se acalmou o vento que exhalou o ultimo
suspiro. Estamos de novo em calma. Exactamente
como um homem que depois de desabafar a sua
colera, chora e se acalma. Para vingar-me não
gastarei com ella um só versinho. Vou ler, até que
volte o vento.

Oh que linda perspectiva!
Oh que scena majestosa,
Nos offrece o sol que esconde
Sua face luminosa!

N'uma faxa mais luzente
Que o ouro fino e polido,
Inda mostra meio rosto,
Tem no mar meio escondido.

Que grupos tão pitorescos
De varia côr matizados;
Ricos camafêos parecem,
Em aureo metal cravados.

Mas já no mar, que se encrespa,
De todo o sol occultou-se,
E a scena que se offrecia
Aos nossos olhos mudou-se.

Agora o céu me parece
Um azul-claro setim,
De mil nuvens ondulado,
Orladas de carmesim.

Outras nuvens mais ao longe
Fingem bosques e cidades;
É um vasto cosmorama
De milhões de variedades.

Já propicio, brando vento
Vem as velas enfunando,
Que em cinco dias de calma
Estiveram descançando.

Emfim, agora já temos
Um momento de prazer;
Momento que só se alcança
Depois de muito soffrer.

Ora amanhecêo o dia 13 de Agosto, que de certo raiára ao som de estrondosa artilheria e de bellicos instrumentos, si eu fosse um potentado da terra. Que campanudas Odes recheadas de Apollo e de Minerva, e de um sem numero de mentiras; que Sonetos cheios de invocações ás Musas não receberia eu neste faustissimo dia! Que carruagens á minha porta, que banquetes, que bailes! Como nada sou,

tudo está tranquillo, graças a Deos. Farei comtudo uma Odezinha que sirva de episodio a esta carta; porque emfim é a primeira vez que faço annos a bordo de um navio, e de mais, no hemispherio do Norte. Creio que são razões de algum peso; e si não bastam estas razões, acrescentarei que sinto-me com vontade de versejar, e não quero morrer embuçado por causa de uma Ode supprimida. Lá vai Ode.

Como em rapido gyro a Natureza,
Movida pela mão do instavel tempo,
Após uma estação outra apresenta,
Uma idade após outra.

Qual río que da rocha se despenha,
Pedras e troncos no seu curso rola,
Tal sem arrepiar caminho o tempo
Tudo comsigo arrasta.

Si um pouco volvo reflexivos olhos
Sobre mim, sobre o dia dos meus annos,
Vejo que ainda hontem ria, e me aprazia
Com infantis brinquedos.

Não longe vai de mim aquelle dia
Em que eu tenro botão saí do calix,
E já perdido tenho as galas todas
Da minha primavera.

Agostos vinte e dous hoje completo
Que entre os homens errante os passos movo;
E de Agosto em Agosto ao final termo
Ir-me-hei approximando.

Aqui agora vou por estes mares
Que engolido já tem baixéis sem conta,
Sem saber o futuro que me aguarda,
Á Providencia entregue,

Vou ver a estranhas terras si me é dado
Alguns favos colher da sapiencia,
Com que possa prender á Patria minha,
E aos meus ser proveitoso.

E basta de Ode. Que linda noite. Veloz marcha
o navio impellido por um prospero vento. Passamos
pelos Açores, na distancia de 60 milhas da ilha
Graciosa, que nos obsequia com o mais grato cheiro

de jasmim. Cousa admiravel! Si estivessemos no meio do mais florido jardim, não sentiríamos mais activo perfume! Como essas particulas imperceptiveis, de tão longe ondulado por tão vasto espaço, diffundidas em tão agitados ares, veem impressionar o nosso olfacto! Como essas impressões subtilissimas, que não passam dos órgãos dos sentidos, e talvez os não toquem immediatamente, occasionam n'alma essas sensações que se objectivam fóra d'ella, como si fossem qualidades reaes das cousas, e criam, por assim dizer, um mundo tão diverso do que elle é! Que maravilhas! Hei de acabar por convencer-me que este mundo é uma phantasmagoria das nossas proprias idéas, e a nossa cabeça uma especie de lanterna magica, que mostra fóra as imagens que estão dentro. Passemos avante, que isto não é assumpto para uma carta escripta a bordo, com o fim de matar o tempo o melhor que posso.

Adeos, oh ilha,
Que ao nosso olfacto
Gostar fizeste
Cheiro tão grato.

Quizera agora
Que fosse dia,
Pois de avistar-te
Gosto teria.

Si quantos passam
Por estes mares
Sentem teus doces,
Odoros ares;

Chamar-te devem
Ilha Cheirosa,
Que não é menos
Que Graciosa.

Quem se póde fiar no tempo? Quem esperava por
mais esta tempestade? Como está negro o céo!
Como furiosos estão os ventos! Apenas se conservam
duas pequenas vélas para equilibrar o navio; as
mais estão ferradas. Tudo anda em uma dubadoura.

De um lado e de outro o mar enfurecido
Em montanhosas ondas se levanta,
Salta sobre o convez, e tudo alaga;
Parece que abysmar quer o navio!

Lá se foi o meu chapéo de Chile! Lá vai elle a
perder de vista.

Assim me deixas,
Chapéo fugaz?
Ah, por bem pouco
Não fui atraz!

Asseguro-te que por um triz não segui o rumo
do meu pobre chapéo, querendo apanhal-o logo que
o vento, com a maior insolencia, m'o arrancou da
cabeça. Ainda me bate o coração! Digo-te isto em
prosa, porque em verso pareceria exageração
poetica; como si por ahi não houvesse tantas men-
tiras em bôa e má prosa.

Mas esta tempestade está pedindo uma descrip-
ção pomposa. Isto agora sim, é que se póde chamar
tempestade poetica, acompanhada de trovões e raios,
que é uma verdadeira imagem do inferno, segundo
penso. Vejamol-a bem, para pintal-a ao vivo. Tenho-a
toda na cabeça; com mais vagar a escreverei, que
a sua horrenda majestade me impõe silencio agora,
e quem sabe si para sempre. O caso é serio; já o

Capitão nos manda para baixo. Que dias e que noites.

Mas que contraste! Terminou o temporal, que durou dous dias, deixando o navio a fazer agua, o que obriga a todos a dar á bomba, e ficamos de novo em calmaria! Parece que não ha tormenta sem calma. Vou escrever a minha tempestade, em quanto a tenho na cabeça. . .

Ora graças a Deos que estamos no canal da Mancha! Os olhos só cubiçam agora ver terras de França. Lá esta ella! Alli as costas de Inglaterra.

Dessa soberba Inglaterra,
Dessa patria dos banqueiros,
Que se mostram altaneiros
Em qualquer parte da terra,
Por causa dos seus milhões;
Impondo a paz ou a guerra
A todas as mais Nações.

Como é agradavel ver terra depois de tão longa viagem. Setenta dias de mar, com máo passadio, não é brincadeira!.. Que navio ronceiro!

Já o piloto da barra
Saltou dentro do navio,
E as vélas todas se movem
Ao som do seu assobio.

Mil graças á Providencia,
Que ao Havre nos fez chegar ;
Hoje, onze de Setembro,
Devemos desembarcar.

Já de alegria
No peito pula
O coração,
Que se nutria
Só de afflicção ;
Ruim iguaria,
Má nutrição,
Que bem quadrava
Co'a que nos dava
O Capitão.

Espero em terra tirar o meu ventre da miseria.
Estamos emfim no Havre de Graça. Esta pequena
cidade, cortada de canaes e de bacias, parece edi-

ficada no mar. Seus canaes, que se prolongam no meio de largas ruas guarnecidas de casas, estão coalhados de grandes navios de todas as Nações, dispostos em quatro linhas, encostados uns aos outros. Em suas muralhas lê-se o nome de Napoleão, nome que ainda ha de fazer barulho no mundo. Estou em terra, meu amigo; dize adeos aos mares, e ao meu chaveco, e ponho fim a estes disparates.

Amanhã sigo para Pariz.

Concluirei dizendo-te, que o melhor remedio que conheço para hepatites chronica, é uma longa viagem de mar bem enjoada; do que experimento toda a efficacia. Asseguro-te que tambem convêm aos phthisicos, segundo observei em um companheiro de viagem, que ao principio tossia como um desesperado, e olhava para o mar com cara de quem tinha medo de servir de pasto aos tubarões, e aqui chegou com bochechas; de modo que, si a viagem durasse mais alguns dias, chegaria eu sem figado, e elle com os bofes inteiros, e poderia então esbofar-se a seu gosto, entoando um hymno ao grande oceano, — Si a tanto lhe ajudasse o engenho e a arte. — E com isto te digo adeos.



F I M.

INDICE.

PROLOGO.	Pag.	1
----------	------	---

LIVRO PRIMEIRO

PRIMEIRAS POESIAS.

ODES.

Ao Amor da Patria	13
Á Liberdade	18
Á Vida Campestre	25
Á Guerra	29
Ao Dia 25 de Março	33
Ao Dia 7 de Abril	37
A Volta do Exilio	42
Á Virtude	45
Á Saudade	50
Á Tranquillidade d'Alma	53
Á Philosophia	55
A Fr. F. do Monte-Alverne	61
A. J. B. De-Bret	66
A Despedida de J. B. De-Bret	69
Á Fortuna	74
Póde o Tempo	76
Á Noite	79

CANTATAS.

À Morte de Lindoya	81
À Aurora	89
A Despedida	93
Ecloga	101
Nenia, á Morte de Ignez de Castro	107
Elegia á Morte do Orador Sampaio	113
Epicedio á Morte de J. M. Nunes Garcia	120
Epicedio á Morte do Bispo D. José Caetano	125

SONETOS.

Oh sagrado orador, da patria gloria	119
Da Morte ao gran poder ninguem resiste	124
De Troia eu vejo os muros abatidos	131
Entre raios, trovões la sai do Averno	132
Adeos, porção de mim, adeos, amigo	133
Si um pouco contemplarmos sabiamente	134
Que dôr pungente, oh céo, sinto no peito	135
Terna Venus, de amor mãe carinhosa	136
No gremio do prazer e da alegria	137
Pôde o terno Dircêo, tangendo a lyra	138
Co'o tempo passa um anno, um mez, um dia	139
Oh tu encanto meu, oh tu meu nume	140
Não choro mais de amor a crueldade	141
Amor, aura vital da Natureza	142
Que magico pincel, mimo de Apollo	143
Si Marilia os meus versos acolhesse	144
Mimoso sabiá, terno e canoro	145
Oh como se ergue o mar encapellado	146

	Pag.
Sereno estava o céo, e n'um momento	147
De amor preocupada a phantasia	148

LYRAS.

I. Resurge Phebo	149
II. Pintar eu quero	153
III. Doce paz, terna alegria	156
IV. Eu ameí a Marcia	159
V. Lilia querida	162
Decimas glosadas	165

EPISTOLAS.

Á Marilia	169
Ao D ^r A. Felix Martins	176
Á Notanio	179

SATYRAS.

Os Lunetistas	183
Os Vicios	195
As mangas de Gigot	201
Epigrammas, 15, desde a pagina	208
ate á pagina	215

NOITES MELANCOLICAS.

Noite I	219
Noite II	225
Noite III	230
Noite IV	237
Elogio Dramatico, A Independencia do Brasil	243

LIVRO SEGUNDO.
POESIAS VARIAS.

	Pag.
Saudação á Patria	259
Ao Dia 7 de Setembro	263
Apologo	267
A Innocencia	270
Aos Montes Guararapes	271
O Alarma	275
Ao Pacificador do Maranhão (ode pindarica)	283
Saudação á S. M. O Imperador, no dia da sua coroação	295
A Paz da Provincia do Rio-grande do Sul (ode pindarica)	299
Ao Imperador, por occasião da sua visita á Provincia do Rio-grande do Sul	313
Ao Vapor Affonso	319
A inauguração do Estatuta equestre	326
Carta ao meu amigo C. B. Monteiro	331



CATALOGO

DA LIVRARIA

DE B. L. GARNIER

RIO DE JANEIRO
69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS, MESMA CASA, RUA DES SAINTS-FÈRES, 6, E PALAIS-ROYAL, 215

Todos os livros mencionados neste catalogo poderão tambem ser mandados pelo correio mediante o augmento de 15 % sobre o preço dos mesmos

Nº 23

OBRAS PRINCIPAES

JORNAL DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO MENSAL, ILLUSTRADA, LITTERARIA, ARTISTICA, RECREATIVA, ETC.

ORNADO DE FIGURINOS, VINHETAS, GRAVURAS SOBRE AÇO,
AQUARELLAS, SEPIAS, PEÇAS DE MUSICA, DESENHOS DE TRABALHOS SOBRE TALAGARSA,
DE CROCHET, DE PONTO DE MEIA, LÃA E BORDADOS,
MOLDES DE VESTIDOS, CAPAS, E EM GERAL DE TUDO O QUE É CONCERNENTE
A TRABALHOS DE SENHORAS.

A redacção d'esta linda publicação, unica no seu genero em portuguez, é a mesma que a da *Revista Popular*, já conhecida de ha quatro annos pelo seu talento e pela moralidade que preside aos seus escriptos, que serão sempre variados, instructivos e amenos. A confecção material tambem nada deixa a desejar; a impressão é feita com muito esmero, e das gravuras musicas, etc., estão encarregados os melhores artistas de Paris.

AS ASSIGNATURAS SÃO ANNUAES :

Para a côrte e Nitherohy.
Para as provincias

10 \$ 000
12 \$ 000

A BIBLIA

SAGRADA

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ SEGUNDO A VULGATA LATINA

ILLUSTRADA COM PREFAÇÕES

POR ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

OFFICIAL QUE FOI DAS CARTAS LATINAS DE SECRETARIA D'ESTADO
E DEPUTADO DA REAL MESA DA COMMISSÃO GERAL SOBRE O EXAME E CENSURA DOS LIVROS

SEGUIDA

DE NOTAS PELO REV.^o. CONEGO DELAUNAY

CURA DE SAINT-ETIENNE-DU-MONT, EM PARIS

D'UM DICIONARIO EXPLICATIVO DOS NOMES HEBRAICOS, CHALDAICOS, SYRIACOS E GREGOS
E D'UM DICIONARIO GEOGRAPHICO E HISTORICO

E APPROVADA

POR MANDAMENTO DE S.^a. EXC.^a. REV.^{ma}. O ARCEBISPO DA BAHIA

EDIÇÃO ILLUSTRADA COM GRAVURAS SOBRE AÇO

ABERTAS POR ED. WILMANN

SEGUNDO

**RAPHAEL, LEONARDO DE VINCI, O TICIANO, POUSSIN
HORACIO VERNET, MURILLO, VANLOO, ETC.**

2 bellos volumes ricamente encadernados em Paris.

HISTORIA DO BRASIL

TRADUZIDA DO INGLEZ DO ROBERTO SOUTHEY

PELO

D.^o. LUIZ JOAQUIM DE OLIVEIRA DE CASTRO

E ANNOTADA PELO CONEGO

D.^o. J. C. FERNANDES PINHEIRO

6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris. 36 \$ 000

LIVRO DE LEMBRANÇAS

Ou memento diário, dando por cada dia do anno meia folha de papel em branco para fazer qualquer assento ou lembrança, e contendo : Uma lista dos principaes habitantes da côrte com suas moradas e profissões, um calendario, os ministerios, os dias de gala e feriados, todos os detalhes relativos á partida dos correios, com a tabella do porte para fóra do imperio, segundo a convenção feita com o governo francez, a taxa dos preços dos carros publicos, as horas de sahida dos vapores tanto do exterior como da côrte, a taxa do sello das lettras, um quadro do anno civil para facilidade de calcular-se os dias entre duas datas, e um de reduccão dos pesos e medidas, uma taboa do cambio da moeda ingleza em reis, um quadro de juro de qualquer somma de 1 a 24 9/10, etc., etc.

Todos reconhecem a utilidade d'este livro. Como memorial, tem-se sempre á vista, *dia por dia*, qualquer assento ou lembrança de qualquer cousa que se tenha de fazer ou que esteja feita; e assim é o unico meio de evitar esquecimentos muitas vezes prejudiciaes, tornando-se por isso indispensavel a todos os particulares, casas de commercio, escriptorios, administrações, etc., etc.

1 volume elegantemente encadernado.. 2 \$ 000



RELIGIÃO

- CASTIGO DE DEOS.** 1 vol. brochado. 5 \$ 000
- DEVERES DOS HOMENS,** ou Moral do christianismo explicada por SILVIO PELLICO.
1 vol. brochado. 1 \$ 000
Encadernado. 1 \$ 500
- † **LIÇÕES SOBRE A INFALLIBILIDADE** e o poder temporal dos papas, pelo Dr. APRIGIO JUSTINIANO DA SILVA GUIMARÃES. 1 vol. brochado. 2 \$ 000
- NENIA IMPROVISADA,** recitada e offerecida a SS. MM. o Imperador e a Imperatriz do Brasil por occasião de celebrar-se a missa pelo anniversario do passamento da Senhora D. Maria II, pelo Dr. JOSÉ THOMAZ D'ÁQUINO. 1 vol. br. 2 \$ 000
- NOVISSIMAS ORAÇÕES SACRAS** e panegyricas, por um Benedictino. 2 vol. brochados. 2 \$ 000
Encadernados 3 \$ 000
- RESPOSTA DE UM CHRISTÃO ÁS PALAVRAS D'UM CRENTE,** pelo padre Bautain. 1 vol. brochado. 5 \$ 000
- SERMÕES DO PADRE JOAQUIM DA SOLEDADE PEREIRA.** 2 vol. in-4 brochados. 5 \$ 000

TENTATIVA DE PONTIFICIDIO, ou o atestado dos Jesuitas contra a vida do papa Pio IX, opusculo manuscripto expedido de Roma para todas as cidades catholicas, relatando todos os precedentes e circumstancias que attingirão a este doloroso e horrivel acontecimento. 1 vol. brochado. 4 \$ 000

LIVROS DE EDUCAÇÃO, CLASSICOS DE INSTRUÇÃO, ETC.

ADAPTAÇÃO DO NOVO CURSO PRATICO, ANALYTICO, THEORICO E SYNTHETICO DA LINGUA INGLEZA, de T. ROBERTSON, ao ensino da mocidade brasileira e portugueza, por JOAQUIM RUSSELL. 3 vol. in-4. 10 \$ 000
Cada volume contendo 20 lições vende-se separadamente ao preço de. 4 \$ 000

ADAPTAÇÃO do novo curso pratico, analytic, theoric e synthetic da lingua ingleza, de T. ROBERTSON, ao ensino da mocidade brasileira e portugueza, por JOAQUIM RUSSELL, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica para uso do Imperial Collegio de Pedro II, 5ª edição, 3 vol. in-4 encadernados. 15 \$ 000
Cada volume vende-se em separado. 5 \$ 000

Inutil seria fazer a apologia do methodo de Robertson, hoje quasi que geralmente adoptado para o ensino das linguas vivas, e ainda para o das mortas; conviinha porém que accomodado fosse elle á mocidade que falla o idioma portuguez, e para esse fim importava que houvesse quem, possuindo amplo conhecimento das duas linguas, mostrasse as relações que entre ellas existem, e quaes as suas differenças caracteristicas. D'esse trabalho incumbio-se o Sr. Dr. Joaquim Russell, a quem longa pratica do magisterio habilitára para intoduzir entre nós um systema cuja proficuidade é reconhecida por todo o mundo civilizado. Desapparecerão as difficuldades, out'ora quasi que insuperaveis, que se oppunhão ao estudo do inglez, e hoje qualquer pessoa, ainda sem o soccorro de mestre, poderá, graças a Robertson e ás judiciosas applicações que do seu methodo fez o Sr. Dr. Russell, aprender com perfeição e em muito pouco tempo uma das mais necessarias linguas que se fallão nas cinco partes do mundo.

† **A LINGUA FRANCEZA ENSINADA PELO SYSTEMA OLLENDORFF**. Novo methodo pratico e theorico confectionado para os Brasileiros pelos professores CARLOS JANSEN e FRANCISCO POLLY. 1 vol. in-4º encadernado.

Este Methodo, o mais seguido hoje na Europa, recommenda-se á primeira vista pela singe-liza da forma, e pelo desenvolvimento facil, mas constante, de seu abundante material.

Diz o Sr. Ollendorff no prefacio de suas obras :

« Meu systema de ensinar uma lingua moderna tem por base o principio que quasi toda a pergunta encerra o material da resposta que se deve ou póde dar. A pequena differença entre a pergunta e a resposta explica-se previamente de maneira que o alumno nenhuma difficul-dade encontrará em responder ou mesmo em formar outras semelhantes phrases. Como per-gunta e resposta são analogas, o alumno, ouvindo proferir a primeira, facilmente saberá pronunciar a segunda. Este principio é tão evidente, que salta á vista ao abrir este methodo. »

AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ, traduzidas do original inglez por DE FOË. 5 \$ 000

Robinson Crusoe é uma d'essas obras primas que chegarão ás extremidades do mundo conhe

cido e forão traduzidas em todas as linguas. A obra de Daniel de Foë é, na verdade, uma das mais interessantes e úteis que se possa offerecer á mocidade. « E' impossivel, disse um crítico judicioso, achar uma lição mais seguida, um interesse mais vivo, lições mais aproveitaveis. »

Uma boa traducção d'esta obra prima não pôde portanto deixar de ser bemvinda. A que acabou de dar á luz os Srs. Garnier irmãos' merece a todos os respeitoos ser bem acolhida pelo publico. Consta de dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras.

AVILA (JOSÉ JOAQUIM DE). Elementos de Algebra. 1 vol. in-4.. 2 \$ 600

— **Elementos de Algebra** para uso dos collegios de instrucção secundaria. 1 vol. in-4. . 3 \$ 000

— **Elementos de Arithmetica.** Compendio approved pelo conselho de Instrucção Publica, e adoptado pelo Imperial Collegio de Pedro II, pelas escolas publicas, e por muitos collegios da côrte e do interior. 1 vol. in-4.

— **Elementos de Arithmetica (Resumo),** Compendio adoptado pelo conselho director da Instrucção Publica, com approvação do governo, para uso dos collegios de instrucção primaria. 1 vol. in-4.

Sendo as sciencias mathematicas um dos ramos de conhecimentos mais necessarios para o uso da vida, indubitavel é que presta relevante serviço quem põe-nas ao alcance das juvenis intelligencias. E' por certo um d'esscs felizes iniciadores o Sr. major do corpo d'engenheiros e lente jubilado da escola de marinha José Joaquim d'Avila, autor da obra supramencionada. Conforme o juizo de pessoas competentes, consultadas officialmente, as obras do Sr. major Avila que de preferencia deve consultar a juventude para a boa comprehensão d'estas materias, servindo de prova d'esta apercão o benigno acolhimento com que foi recebido, e a sua adopção não só para o Collegio de Pedro II e Escolas militares, como ainda para as classes d'instrucção primaria ao municipio da côrte e da provincia ao Rodizantino.

† **BARKER (ANTONIO MARIA). Compendio da doutrina christãa,** que, para se salvar, deve cada um saber, crer e entender. 1 vol. brochado 2 \$ 000

— **Compendio de civilidade christãa,** para se ensinar praticamente aos meninos. 1 vol. brochado 2 \$ 000

— **Rudimentos arithmeticos,** ou taboadas de sommar, diminuir, multiplicar e dividir, para por ellas se ensinarem aos meninos pratica e especulativamente as quatro operações dos numeros inteiros, com as principaes regras dos quebrados e decimaes. 1 vol. brochado 2 \$ 000

— **Syllabario portuguez,** ou Arte completa de ensinar a ler por methodo novo e facil, 2 partes. 4 \$ 000
Cada parte vende-se em separado. 2 \$ 000

— **Bibliotheca juvenil,** ou Fragmentos moraes, historicos, politicos, litterarios e dogmaticos extrahidos de diversos autores e offerecidos á mocidade brasileira. 1 vol. in-8 encadernado. 2 \$ 000

CATECHISMO DE NOÇÕES GERAES explicadas á primeira infancia, publicado para uso das crianças em Portugal, nas provincias ultramarinas e no Brasil, pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

COMPENDIO DA GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA, da primeira idade, por CYRILLO DILERMANDO DA SILVEIRA, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado 2 \$ 000

D'entre as numerosas grammaticas que se tem escripto para o ensino da lingua portugueza nem uma pôde competir em clareza, methodo e concisão com a que ora annunciamos. D'esta verdade convencêrão-se o Conselho director da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte e a Directoria geral da instrucção publica da provincia do Rio de Janeiro, adoptando-a

para o uso das escolas primarias. Pondo em contribuição as doutrinas dos melhores grammaticos, souhe o Sr. Cyrillo Dilermando extrahir d'ellas o que era absolutamente indispensavel e comprehensivel á primeira infancia, a quem particularmente consagra o seu livro. Enumerando com rara precisão as regras, colloca embaixo de cada pagina, com as respectivas referencias, um questionario; satisfeito o qual, fica o alumno por si mesmo convencido de saher a sua lição sem que necessite recorrer a outro. Numa palavra o *Compendio de Grammatica portugueza* do S. Cyrillo é uma das obras mais elementares que possuimos, e cujo merito abo-não não só as approvações que acima citámos, como o favoravel acolhimento que tem recebido tauto nesta como nas demais provincias do imperio.

DICCIONARIO ITALIANO-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-ITALIANO, por ANTONIO BORDO. 2 fortes vol. in-8 grande, bem encadernados. 14 \$ 000

Ficou por muitos annos esquecido entre nós o estudo da lingua italiana, apesar de sua reconhecida utilidade, da sua nomeada belleza, e da facilidade com que, em razão da sua analogia com o idioma hrasileiro, podia ser adoptada pelos litteratos de nossa terra: não faltáráo recommendações de homens illustrados, que, compenetrados da necessidade de popularisar no Brasil a litteratura classica italiana, a mais rica talvez entre todas, para desenvolver no paiz o genio litterario e apurar o nosso gosto, conseguirão por fim que fosse ensinada em cadeiras publicas; hoje portanto tornou-se a lingua italiana de uso geral, e necessaria entre pessoas illustradas; nenhuma das senhoras brasileiras de delicada educação pôde ignorar um idioma que adquire, fallado por ellas, ainda maior graça e suavidade. O Diccionario do Sr. Bordo, composto á vista dos mais distinctos escriptores da Italia, e em conformidade com o grande Diccionario *della Crusca*, offerece não sómente o mais rico thesouro de vocabulos exactamente traduzidos, como as regras de sua verdadeira pronuncia, e torna-se sufficiente para perfeita intelligencia de qualquer obra italiana, sendo, além d'isso, o primeiro e unico auxilio para a tradueção da lingua italiana em portuguez ou da portugueza em italiano.

DICCIONARIO DAS PALAVRAS DE CORNELIO NEPOS, pelo Dr. JOAQUIM MARCOS DE ALMEIDA REGO, obra approvada pelo conselho de instrucção publica e adoptada no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-12 encadernado. 1 \$ 500.
A mesma obra com o Cornelio. 1 vol. encadernado. 2 \$ 000

ELEMENTOS DE ARITHMETICA para instrucção primaria, por JOAQUIM ROMÃO LOBATO PIRES. 1 vol. encadernado. 1 \$ 500

ELEMENTOS DE GEOMETRIA, Trigonometria rectilinea e espherica, por BEZOUT. 1 vol. in-8 com estampas, encadernado. 3 \$ 000

ELEMENTOS DE PHILOSOPHIA, compendio apropriado á nova forma de exames da escola de medicina do Rio de Janeiro, por MORAES E VALLE. 2 tomos encadernados em 1 vol. in-4. 6 \$ 000

ENCYCLOPEDIA DA INFANCIA, ou primeiros conhecimentos para uso dos meninos. 1 v. in-12, illustrado com muitas lindas gravuras.

Esta pequena obra é uma d'aquellas cuja leitura pôde ser de mais proveito para os meninos. É illustrada com lindas gravuras, e contém. soh uma forma agradável, os elementos dos primeiros conhecimentos. Pelos titulos de alguns capitulos d'este livro poder-se-ha apreciar a sua utilidade: Aos meninos que começo a ler. — Deos creador de todas as cousas. — O universo. — O sol. — As estrellas. — Os planetas. — A terra. — A lua. — Eclipses da lua e do sol. — O homem. — Homens de diferentes côres. — Os animaes. — Os quadrupedes. — As aves. — Principaes povos e cidades da Europa. — Principaes povos e cidades da Africa. — Principaes povos e cidades da America. — Principaes povos e cidades da Oceania. — Povos mais celebres da antiguidade. — Religião dos Gregos e dos Romanos ou a Mythologia. — Divisião do tempo. — Principaes linguas antigas.

ENSAIO SOBRE ALGUNS SYNONYMOS da lingua portugueza, por D. FR. F. DE S. LUIZ, 2 tomos encadernados em 1 vol. 4 \$ 000

† **ESTUDOS SOBRE O ENSINO PUBLICO**, pelo Dr. APRIGIO JUSTINIANO DA SILVA GUIMARÃES. 2 vol. brochados. 7 \$ 000

GRAMMATICA DA LINGUA ITALIANA, seguida de algumas observações por ordem alphabetica, por FALLETTI. 1 vol. brochado. 2 \$ 000

LIÇÕES MORAES E RELIGIOSAS, para uso das escolas de instrução primaria, com approvação do Ex^{mo} Bispo CAPELLÃO-Mór conde de Irajá, e do conselho e directoria da instrução da provincia do Rio de Janeiro, por JOSÉ RUFINO RODRIGUES VASCONCELLOS, chefe de secção da 4^a directoria geral da secretaria de estado dos negocios da guerra, cavalleiro da ordem de Christo, membro fundador e ex 1^o secretario do Conservatorio Dramatico Brasileiro. 1 vol. in-8. 2 \$ 000

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA. Excerptos dos principaes autores portuguezes de boa nota, assim prosadores como poetas; obra collaborada por muitos dos primeiros escriptores actuaes da lingua portugueza, e dirigida por ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO e JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO; 2^a edição publicada sob os auspicios de S. M. F. el-rei D. Fernando, de Portugal.

MANUAL DA CONVERSAÇÃO E DO ESTYLO EPISTOLAR para o uso dos viajantes e da mocidade das escolas; **Portuguez-francez**; por CAROLINO DUARTE. 1 vol. elegantemente cartonado. 1 \$ 000

— **Portuguez-inglez**, por CAROLINO DUARTE e CLIFTON. 1 vol. elegantemente cartonado. 1 \$ 000

MANUEL DE LA CONVERSATION et du style épistolaire à l'usage des voyageurs et de la jeunesse des écoles; en six langues: **Français-Anglais-Allemand-Italien-Espagnol-Portugais**, por CLIFTON, VITALI, EBELING, BUSTAMANTE e DUARTE. 1 vol. relié 3 \$ 000

‡ **METHODO FACIL PARA APRENDER A LER**. 1 vol. encadernado.. 500

NOÇÕES PRATICAS E THEORICAS DA LINGUA ALLEMÃA, compostas para servirem de compendio no Imperial Collegio de Pedro II, por BERTHOLD GOLDSCHMIDT, professor no mesmo collegio. 2 vol. in-8 brochados. 7 \$ 000

Encadernados 8 \$ 000

Em duas partes divide-se esta interessante obra: na primeira busca o autor familiarisar o alumno com a lingua allemã por meio de dialogos, exercicios e trechos litterarios. Buscando de preferencia para assumpto d'esses dialogos objectos triviaes, chama d'esta arte sobre elles a *atenção*, ao passo que fixa-os na memoria fazendo-os decorar e copiar repetidas vezes. Consagra a segunda parte ao estudo das regras, acompanhando-as logo da necessaria applicação. O emprego dos exames, ou questionarios, collocados no fim de cada regra, tem a summa vantagem d'adestrar os alumnos na conversação, obrigando-os a estudarem e repetir essas mesmas regras. O methodo do Sr. professor Goldschmidt tem todas as vantagens do ensino pratico sem participar de nenhum dos seus vicios, habilitando o alumno desde a primeira lição a construir orações semelhantes ás que são dadas para modelo.

Importante é a segunda parte d'estas *Noções*; porquanto nellas encontrar-se-hão com a maior simplicidade as regras fundamentaes da grammatica, com a mais completa maneira de declinar os substantivos, assim como de conjugar os verbos regulares e irregulares, que, como é geralmente sabido, constituem a maxima difficuldade no estudo de qualquer lingua.

Reconhecida, como está, a vantagem de cultivar-se o idioma de Goëthe e de Schiller, nem um methodo nos parece *pari passu* mais azado do que o do esclarecido professor do Imperial Collegio de Pedro II.

NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA-FRANCEZA, ou Methodo pratico para aprender a lingua franceza, seguida de um Tratado dos verbos irregulares e de

exercícios progressivos para as diferentes forças dos discipulos, por EDUARD DE MONTAIGU. 2 nitidos vol. in-8 encadernados. 4 \$ 000

Esta grammatica, fructo de muitos annos de pratica e experiencia, foi acolhida com applauso á sua appareição, não só pela imprensa brasileira, como tambem pelos professores.

Muito longo seria enumerar tudo quanto se disse a seu respeito; limitar-nos-hemos pois a transcrever aqui a opinião do *Jornal do Commercio* do 21 de novembro de 1861.

« O Sr. Garnier acaba de prestar mais um serviço ao ensino publico, imprimindo um d'esses livros uteis que nunca serão de mais, por maior que possa ser o seu numero. E' uma *nova grammatica franceza* escripta em portuguez pelo Sr. Eduardo de Montaignu, cuja longa pratica do magisterio o habilitava a conhecer a fundo as necessidades d'esta especie de ensino. Já tinhamos, é verdade, alguns bons trabalhos nesta especialidade; mas como nunca será possível attingir a perfeição, sempre ha de ser um verdadeiro serviço apresentar outros novos, que, aproveitando o que nos anteriores houver aproveitavel, lhes vão pouco a pouco corrigindo os defeitos.

« A obra que temos presente recommenda-se pela clareza da exposição, e sobretudo pelo desenvolvimento dado a todas as partes do discurso, e especialmente aos verbos, que, como diz o autor, são a chave da lingua. Encontramos tambem a conjugação completa de todos os verbos irregulares simplicies, com a indicação dos compostos que por elles se conjugão, o que é sem duvida um grande auxilio para os principiantes, e mesmo para os que já sabem alguma cousa.

« O methodo seguido é o que tão geralmente vai sendo adoptado, e que consiste em logo em seguida ás regras offerer exercicios, por meio dos quaes o discipulo, applicando-as, fique insensivelmente com ellas gravadas na memoria, sem o ahorrécido e enfadonho trabalho de decora-las, que é o que tantas vezes faz esmorecer o alumno.

« A obra divide-se em dous volumes, dos quaes o primeiro contém o que em rigor compõe uma grammatica, comprehendida a syntaxe, assaz minuciosamente explicada, alóra um vocabulario das palavras mais usadas nas duas linguas, enquanto o segundo é exclusivamente dedicado a progressivos exercicios praticos, que, ao passo que vão gradualmente iniciando os discipulos nas especialidades e sinuras da lingua, o familiarisão com o estylo e os nomes dos mestres da litteratura, de cujas obras são tirados os diferentes modelos que se apresentam.

« Obras como esta com prazer as registramos, abstando-uos todavia de fazer comparações e estabelecer preferencias, que só podem ser dictadas pela pratica e exercicio do professorado. »

NOVA RHETORICA BRASILEIRA, pelo Dr. ANTONIO MARCIANO DA SILVA PONTES, obra approvada pelo conselho director e adoptada para o Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-4 brochado. 5 \$ 000
Encadernado. 6 \$ 000

NOVO SYSTEMA PARA ESTUDAR A LINGUA LATINA, por ANTONIO DE CASTRO LOPES. 2 edição melhorada. Autorisado pelo Conselho de Instrucção Publica, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, e em muitos outros da côrte e das provincias. 1 vol. in-8. 5 \$ 000

PINHEIRO (CONEGO DR. J. C. FERNANDES). Catechismo da Doutrina Christãa, composto para o ensino dos alumnos do Instituto dos Meninos Cegos; obra adoptada pelo Conselho de Instrucção publica para as escolas primarias da côrte, pelo Imperial Collegio de Pedro II, e muitos outros da côrte e do interior, approvada pelo Ex.^{mo}. e Rev.^{mo}. SR. BISPO DO RIO DE JANEIRO. 1 vol. in-8 grande. 1 \$ 000

Bem ardua é a missão do que tem d'explicar ás enfantis intelligencias os sublimes mysterios da religião do Christo; e por isso, apezar da grande abundancia de catechismos e cartilhas, poucos ha que preenção o seu fim. Neste ultimo caso está incontestavelmente o quo para o uso dos jovens cegos compoz o Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, quando foi pelo governo imperial incumbido de lecciona-los. Espargindo o perfume da elegancia e das graças do estylo, plantou a fé nesses corações que só á descrença parecião condemnados, e por veredas semeadas de flores conduziu seus neophytos ao redil da Igreja. Numa mui lisongeira carta que lhe dirigio, e da qual por modestia apenas dá-nos um extracto, reconhece o sabio bispo do Rio de Janeiro a excellencia do methodo do douto ecclesiastico, e recommenda o seu catechismo, cuja orthodoxia solemnemente proclama. Accedendo ao convite do santo prelado fluminense, apressou-se o Conselho da instrucção publica do municipio da côrte, e a Directoria das aulas da provincia do Rio de Janeiro, d'adopto-lo para o uso das classes primarias, exemplo este seguido por grande numero de collegios e casas d'educação. A terceira edição, que ora an-

nunciamos, foi consideravelmente melhorada pelo autor, refundindo o seu plano em ordem a toda-lo cada vez mais apropriado ao seu fim, e annexando ao catechismo um appendice com as orações mais necessarias á vida d'um verdadeiro christão.

— **Curso elementar de litteratura nacional.** 1 vol. in-4 nitidamente impresso e encadernado em Paris. 7 \$ 000

De ha muito que sentia-se a necessidade d'um livro destinado á analyse das obras que no rico idioma de Camões e de Caldas se tem escripto.

Incompletos, e pela mór parte compostos em linguas estranhas, erão os trabalhos até agora entregues ao dominio publico, e vergonhoso era que, possuindo a mocidade brasileira e portugueza noções mais ou menos completas das litteraturas antigas e modernas, ignorasse quasi que completamente o que de bom possuia na sua. Para encher esse vazio, que por experiencia conheceo no magisterio exercido no Imperial Collegio de Pedro II, emprehendo o Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro a confecção d'um *Curso elementar de litteratura nacional*. Desjoso de comprehender em limitado espaço abundancia de materia, incluiu o illustre professor no seu trabalho a historia litteraria portugueza e brasileira, a bibliographia e a analyse summaria das obras de maior vulto escriptas num ou noutro lado do Atlantico. A maior imparcialidade dicta os seus juizos, e nem uma animosidade, nem um falso patriotismo envenena suas apreciações. Composta para o uso dos alumnos do ultimo anno do Imperial Collegio de Pedro II, tem a obra o cunho didactico, reunindo em si todas as vantagens de semelhantes escriptos.

— **Episodios da historia patria** contados á infancia, obra adoptada pelo conselho director da instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado. 2 \$ 000

Derramar os conhecimentos uteis por todas as classes da população é por certo tarefa digna d'encomios; muito maior porém é o serviço ao paiz prestado, quando, deixando a sua cadeira academica, vem sentar-se um litterato no banco das escolas, ensinando aos meninos os primeiros rudimentos da historia patria. Neste ultimo caso acha-se o Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, que, na phrase do S. Norberto, *ao passo que escreve para os sabios, com elles repartindo suas lucubraciones, não se esquece da infancia, esboçando-lhe sem aparato d'erudição, ou alarde d'historiador, esses quadros da historia patria que tão facilmente se prestão á comprehensão infantil pelo seu colorido tão natural e tão cheio de novidade.*

Em trinta capitulos dividem-se a obrinha que annunciamos, e nelles se enumera o que ha de mais notavel nos annaes brasiliços, expostos com a maior simplicidade, e destinados a serem lidos com prazer, e, se possivel, fór, decorados pela infancia d'ambos os sexos. É um admiravel diorama, que, variando sem cessar de vistas, recreia a imaginação e fortalece o espirito.

RECREAÇÃO BRASILEIRA, scientifica e moral, dedicada á mocidade de ambos os sexos, por SEBASTIÃO FABREGAS SURIGUÉ. 1 vol. brochado. 320

THEOURO JUVENIL, ou noções geraes de conhecimentos uteis para uso das escolas, por LUIZ FRANCISCO MIDOSI. 1 vol. brochado 6 \$ 000

TRINOCQ (CAMILLO). CURSO DE ESTUDOS ELEMENTARES. Collecção de Tratadinhos separados, contendo as mais uteis noções acerca dos principaes ramos de conhecimentos, comprehendendo :

— **Primeiro Livro de Leitura**, contendo : Syllabario, Orações, Historietas, Noções de Arithmetica, Modelos de Letra manuscripta. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

— **Resumo da Geographia Geral**, antiga e moderna, 1 vol. in-8. 1 \$ 000

— **Mythologia.** 1 vol. in-8. 1 \$ 000

— **Resumo da Historia Santa**, contendo o Antigo e o Novo Testamento. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

— **Resumo da Historia da Europa Antiga.** 1 vol. in-8. 1 \$ 000

— **Resumo da Historia da Europa**, durante a Idade Media. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

— **Resumo da Historia da Europa Moderna.** 1 vol. in-8. 1 \$ 000

— **Resumo da Historia da America.** 1 vol. in-8. 1 \$ 000

— **Elementos de Algebra.** 1 vol. in-8. 1 \$ 000

- **Elementos de Geometria.** 1 vol. in-8, comestampas.. 1 \$ 000
- **Elementos de Astronomia,** seguidos de uma noticia ácerca do Calendario. 1 vol. in-8, com um Planisphero celeste. . 1 \$ 000

Resumir em estreito quadro os factos que mais convem ao joven conhecer; coordenar o todo de maneira a ter entre suas partes relação e nexa; pôr estes conhecimentos ao alcance de todas as intelligencias pela simplicidade e concisão da redacção, eis o trabalho que o Sr. Camillo Trinocq emprehendeo. A experiencia do autor durante os muitos annos que se dedicou ao ensino tem-lhe provado que o melhor modo de apresentar á mocidade os elementos da sciencia era de tornar-lhe interessantes as noções. muitas vezes fastidiosas, por conterem desenvolvimentos fóra de seu alcance. Afim de exercer a memoria e a intelligencia dos alumnos sem cansaço, cada obra que compõe esta collecção acha-se dividida em capitulos, os capitulos em secções ou paragraphos de poucas paginas, e cada uma das divisões é seguida de um questionario por onde o pai de familia, o mestre ou mestra, podem conhecer se o discipulo tem comprehendido o conteúdo de suas lições. Ora essa interrogacão frequentemente repetida, e feita com desvelo, tem a vantagem de habituar cedo o alumno a exprimir-se com facilidade, de gravar sem esforço os factos em seu espirito, e, devendo elle dar conta da lição, de volvelo mais attento, e por consequencia de abrir-lhe assim melhor as ideias: a reflexão é o ponto capital de um bom methodo. Posto em pratica nas escolas, este modo de ensino, tão simples quão facil, ha de amenisar a tarefa do professor, ao mesmo tempo que ha de tornar mais proveitosos os estudos do alumno. Pois os Srs. directores de estabelecimentos de educação, e os pais de familia, não podem e-colher obras mais apropriadas para um bom ensino elemental, porque na realidade não ha ainda um curso tão methodico e tão claro e que offereça num quadro tão limitado uma reunio de conhecimentos e de factos tão variados.

VOCABULARIO BRASILEIRO para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza, por BRAZ DA COSTA RUBIM. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

HISTORIA, GEOGRAPHIA, ETC.

ATLAS DE GÉOGRAPHIE ANCIENNE ET MODERNE à l'usage des collèges et de toutes les maisons d'éducation, dressé par C. V. MONIM ET A. VUILLEMIN. 1 vol. in-fol. relié. 8 \$ 000

BRASILEIRAS CELEBRES, pelo Sr. J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 vol. cnca-dernado. 2 \$ 000

Forma esta galeria de quadros historicos consagrada ao sexo feminino a primeira parte d'uma monumental obra que com o accordo e collaboração do Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro vai ser publicada com o titulo de PANTHEON BRASILEIRO, na qual serao admittidos todos os que pelo seu saber, serviços e virtudes, tornárão-se credores da gratidão nacional. O livro do Sr. Norberto, de que fazemos menção, forma o proscenio d'esse magestoso templo da gloria patria.

CASTRIOTO LUSITANO, ou Historia da guerra entre o Brasil e a Hollanda durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitancias confinantes: obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Vieira, e dos valorosos capitães que com elle conquistárão a independencia nacional; por FR. RAPHAEL DE JESUS. 1 vol. in-4. ornado com o retrato de João Fernandes Vieira e duas estampas historicas. 5 \$ 000

COMPENDIO DE GEOGRAPHIA offerecido ao governo de S. M. I., e por elle

aceito, para o estudo dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol. in-8. encadernado 2 \$ 500

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol. in-4, encadernado. 2 \$ 400

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo mesmo. 1 vol in-4, encadernado. 2 \$ 400

O pensamento que levou este distincto publicista a escrever um curso d'historia universal, cujas duas primeiras partes ora annunciamos, foi por certo mui louvavel e digno d'incitação. Quix o Sr. Dr. Rocha subtrahir seus jovens compatriotas á exclusiva influencia dos livros francezes, que, além de corromperem a linguagem vernacula pela falta que tem a mocidade do necessario antidoto, apresentão desfigurados os factos historicos quando a gloria ou o interesse do seu paiz a isso os convida. Acresce que nos compendios francezes occupa a historia de França um lugar tão saliente, tão grande desenvolvimento se lhe dá, que quasi desaparece a dos outros povos. Para sanar este inconveniente, compoz o autor a que nos referimos um resumo historico dos tempos antigos e medios, abrangendo os factos de maior magnitude, e que por isso mais facilmente se guardão na memoria da mocidade. Realçando a lucida exposição do seu assumpto com graças do estylo, conseguiu fazer uma obra que não só se torna de absoluta necessidade nas aulas, como ainda deve ornar todas as livrarias.

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, ornado de um grande e magnifico mappa da invasão dos barbaros, e de quadros synchronicos, por J. B. CALOGERAS, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica, com approvação do Governo Imperial. 2 vol. in-8, encadernados. 6 \$ 000

O mappa vende-se em separado, preço. 2 \$ 000

É o periodo da idade media o mais importante da historia por ser nelle que apparecêrão os povos que podemos considerar como progenitores dos que hoje capitaneão a civilisação. Distinctos escriptores hão consagrado suas pennas em diffundir luzes sobre o chaos que occulta a embryologia da moderna civilisação, e obras verdadeiramente monumentaes hão apparecido, principalmente em nosso seculo, quando os estudos d'erudição historica começãrão a ser cultivados com ardor. Difficil porém sendo a acquisição de semelhantes obras, escriptas todas em linguas estranhas, ficava a juventude privada do fio conductor para penetrar em tal labyrintho. Conhecendo essa deficiencia, incumbio-se o Sr. J. B. Calogeras de suppri-la, organisando um compendio, onde, a par de solida erudição espargida em paginas de brilhante colorido, depara-se com a clareza e ordem indispensaveis nos livros elementares. Para que melhor comprehendida fosse a exposição que fazia, enriqueceo o seu compendio com quadros synopticos que num relance d'olhos despertão as reminiscencias e fortificão a memoria. Recommendamos esta obra aos estudiosos da historia.

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, e particularmente da Historia Grega, seguido d'um compendio de Mythologia. 1 vol. in-8, encadernado. 2 \$ 000

COMPENDIO DA HISTORIA ROMANA. 1 vol. in-8, encadernado. 2 \$ 000

COMPENDIO DA HISTORIA SAGRADA, com as provas da religião por perguntas e respostas, para o uso das escolas. 1 vol. in-12, encadernado. 1 \$ 000

† **COMPENDIO DA HISTORIA UNIVERSAL**, por VICTOR DURUY, ministro da Instrucção Publica de França e ex-Professor de Historia no Lyceo Napoleão; traduzido pelo padre FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA, Professor no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-8.

ECHO DA GUERRA (0): **Baltico, Danubio, Mar Negro**, por LÉOUZON LE DUC; traduzido por D. P. E SILVA, ornado de 4 retratos. 1 vol. in-8 brochado. 2 \$ 000
Encadernado. 2 \$ 500

EPITOME CHRONOLOGICO DA HISTORIA DO BRASIL, para o uso da mocidade brasileira, composto pelo Dr. CAETANO LOPES DE MOURA, dedicado (com per-

missão especial) pelos editores a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, ornado do seu retrato e d'um mappa do Brasil. 1 vol. in-8 encadernado. 3 \$ 000

† **HISTORIA DA FUNDAÇÃO DO IMPERIO BRASILEIRO**, por J. M. PEREIRA DA SILVA. Esta obra formará de 4 a 5 volumes, ao preço cada um de 5 \$ 000

HISTORIA DO BRASIL, traduzida do inglez de ROBERTO SOUTHEY pelo Dr. LUIZ JOAQUIM DE OLIVEIRA E CASTRO, e annotada pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris 36 \$ 000

A obra de Southey sobre o Brasil é um monumento historico de que se deve ufanar a terra de Santa-Cruz. O autor é um dos escriptores mais distinctos da soberba Inglaterra, e gozou dos fôros de poeta laureado. A sua historia, escripta imparcialmente e á vista de numerosos documentos ineditos que seu tio obtivera em Portugal, além das melhores obras dos autores portuguezes e brasileiros, vem preencher uma falta sensivel, e que descuido fôra deixar existir por mais tempo.

A traducção, devida á penna do Sr. Dr. Luiz de Castro, é digna de ser apreciada pelos puristas da lingua portugueza.

Apesar de ter bebido as suas informações em fontes puras, a obra de Roberto Southey reente-se de alguns erros devidos á falta de informações que forão reveladas posteriormente. Esses pequenos senões desaparecem ante as elucidações do Sr. J. C. Fernandes Pinheiro, abalizado archeologo brasileiro.

A imprensa da capital e das provincias do imperio recebeu com applauso a noticia da publicação d'esta obra, e a transmittio d'este modo a seus leitores:

« O livro que o Sr. Garnier vai publicar brevemente é uma traducção da *Historia do Brasil* de Roberto Southey.

« De tudo quanto se tem escripto sobre o Brasil, a obra de Southey é talvez a unica digna de attenção; dista tanto dos panegyricos de Reybaud como das petas aleivosas que á nossa custa o pintor Biard impinge aos Parisienses.

« Southey observou com criterio e escreveu quasi sempre com imparcialidade; apreciou justamente os factos, fallou com independencia. A edição ingleza da *Historia do Brasil*, hoje quasi esgotada, encontra-se difficilmente, e só pôde adquirir-se por um preço fabuloso. Vertendo-a para o portuguez, não sei se o Sr. Garnier faz bom ou máo negocio, mas incontestavelmente presta um serviço aos Brasileiros.

« O Sr. conego Fernandes Pinheiro incumbio-se de rectificar em algumas notas uma ou outra apreciação menos exacta do escriptor inglez, corrigindo, em face de documentos posteriormente descobertos, pequenas faltas que se encontrão no livro de Southey. E' mais uma riqueza para a nova edição. Além de tudo isso, teremos a satisfação de ler a historia de Southey na lingua vernacula, que é para nós mais facil do que a ingleza. »

(*Correio Mercantil.*)

- Vamos finalmente ter uma traducção da *Historia do Brasil* de Roberto Southey.

« E' o melhor trabalho que tem sahido de uma penna estranha a respeito da nossa historia patria, e a falta que agora se repara constituia uma vergonha para nós.

« Roberto Southey prestou-nos um serviço, que nunca lhe agradecerão.

« A traducção é feita pelo Sr. Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro.

« A edição, nitida e elegante, foi mandada fazer pelo Sr. B. L. Garnier. »

(*Diario do Rio de Janeiro.*)

« Brevemente será publicada pelo Sr. Garnier a excellente *Historia do Brasil* de Roberto Southey, traduzida em portuguez, e annotada pelo Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, cujo nome é tão vantajosamente conhecido na litteratura do paiz, cuja historia lhe é devedora de uteis e importantes trabalhos. »

(*Correio da Tarde.*)

« Ninguem ha que deixe de ter conhecimento d'este magestoso monumento erguido á gloria nacional por mão estranha : poucos paizes são os que conhecem por propria leitura e que contém esta excellente obra em suas estantes. Para isto concorria não só a sua carestia, por tornar-se cada vez mais rara, como por ella ser escripta em inglez, idioma infelizmente pouco cultivado entre nós.

« Graças, porém, á solicitude do Sr. B. L. Garnier pelo desenvolvimento litterario de nossa patria, vai ser dada ao prelo e proxivamente será distribuida aos assignantes uma excellente versão da referida historia, devida á classica e elegante penna do Sr. Dr. Luiz de Castro, vantajosamente conhecido pelas suas publicações na *Revista Popular*, assim como pelas versões das obras de Gilbert e Wilson a respeito dos bancos e do credito publico.

« Cremos que, depois d'esta transformação por que vai passar a historia de Southey, será ella mais lida pelos Brasileiros e Portuguezes, e ainda pelos povos que fallão a lingua castelhana, por isso que ahí depararão com muitos capitulos relativos aos annos dos povos hispano-americanos. Ganhando d'esta arte mais um boni livro para a nossa litteratura pelo que diz respeito á

linguagem, e desejaremos que lida e estudada seja a nossa historia em uma de suas mais puras onies.

« Como complemento de tão util obra, incumbio-se das notas e esclarecimentos de que carece o texto do Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. O nome de S. S., o ardente zelo que tem constantemente mostrado pelas cousas patrias, abonão sufficientemente a perfeição do trabalho que sobre elle fez, e fazem-nos esperar que rectificadas sejam as inexactidões que escapáram ao illustrado historiador inglez, já pela carencia de documentos, já pela sua manifesta antipathia contra a religião catholica, já finalmente pelo resentimento que voia contra as nações rivaes da sua, como a hespanhola, a hollandeza e a franceza.

« Dando aos leitores tão agradável noticia, congratulamo-nos com o digno editor pelo pensamento que acaba de levar a effeito.

(Correio Paulistano.)

HISTORIA DO CONSULADO E DO IMPERIO, por A. THIERS. 11 vol. in-4 ornados de numerosas estampas, brochados.

	35 \$ 000
Encadernados .	44 \$ 000

HISTORIA SAGRADA ILLUSTRADA para o uso da infancia, seguida d'un appendice; contendo : 1º uma relação analytica dos livros do Antigo e Novo Testamento; — 2º uma tabella chronologica dos principaes acontecimentos; — 3º um vocabulario geographico explicativo dos nomes dos povos e paizes mencionados na mesma historia. — Composta pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. in-8.

	2 \$ 000
--	----------

MAPPAS DO IMPERIO :

— Pará e Alto Amazonas.	2 \$ 500
— Maranhão.	2 \$ 500
— Ceará.	2 \$ 500
— Rio-Grande do Norte e Parahyba.	2 \$ 500
— Pernambuco, Alagoas e Sergipe.	2 \$ 500
— Bahia.	2 \$ 500
— Espirito Santo. .	2 \$ 500
— Rio de Janeiro. .	2 \$ 500
— S. Paulo.	2 \$ 500
— Santa Catharina. .	2 \$ 500
— S. Pedro do Sul. .	2 \$ 500
— Minas Geraes (2 folhas)	5 \$ 000
— Goyaz (2 folhas).	5 \$ 000
— Mato-Grosso .	5 \$ 000
— Piauhy	2 \$ 500
— Imperio do Brasil (2 folhas).	7 \$ 000
— Planta do Rio de Janeiro , levantada pelo engenheiro inglez da Companhia do Gaz JOHN EDGAR KER, por occasião de fazer as medições para o estabelecimento do gaz na côrte; 1 magnifica e grande folha impressa sobre excellente papel e collada sobre panno, envernizada, com páos, propria para ser dependurada em casas de commercio, escriptorios, gabinetes de estudo, salas, etc.	
	7 \$ 000

PLANISPHERIO TERRESTRE, indicando as novas descobertas, as Colonias Europeas, e as linhas maritimas dos navios de vapor que fazem escala nos principaes portos de commercio, traçado por A. VUILLEMIN, geographo; traducção e

correção de CAROLINO DUARTE. (1 folha de 1 metro 30 cent. de comprimento sobre 90 cent. de largo.) 6 \$ 000

Este planispherio, executado com extremo cuidado por M. Vuillemin, facilita particularmente o estudo da geographia, e permite encerrar o todo do mundo em todas as suas partes.

Além de todas as novas descobertas que nelle figurão, está completamente ao nivel do progresso da sciencia.

Os diversos estados, suas possessões e colonias estão indicados por uma mesma côr, que torna a procura commoda e facil. Está preparado de manciira a pôder ser com vantagem collocado em uma sala de jantar, sala de espera, em um vestibulo, etc.

MEMORIAS PARA A HISTORIA DO EXTINGTO ESTADO DO MARANHÃO. cujo territorio comprehende hoje as provincias do Maranhão, Piauhy, Grão-Pará e Amazonas; colligidas e annotadas por CANDIDO MENDES DE ALMEIDA. Tomo 1°: **Historia da Companhia de Jesus** na extincta provincia do Maranhão e Pará, pelo padre JOSÉ DE MORAES, da mesma companhia. 1 vol. in-4 de 554 paginas, brochado 6 \$, bem encadernado. 7 \$ 000

Esta obra constará de quatro volumes de mais de 500 paginas cada um, de que só o primeiro se acha publicado. Os outros sahirão brevemente á luz.

É de muito interesse para as pessoas que cultivão a historia nacional, visto como formará uma colleção de todas as obras ineditas ou raras, de merecimento, que tratão da historia d'aquella parte do imperio.

Todas as obras que fizerem parte d'esta colleção serão acompanhadas de notas, e, sendo preciso, de mappas e planos indispensaveis á elucidação do texto, de modo a remover as duvidas e obscuridades ácerca da data de algum feito memoravel, do lugar do nascimento de algum Brasileiro illustre, da situação precisa de estabelecimento colonial ou aldeia hoje não existente, mas de interesse historico; bem como sobre a exactidão de nomes de individuos notaveis, hordas selvagens e povoações antigas, etc.

O primeiro volume publicado, e que se acha á venda na livraria Garnier, contém a primeira parte da obra do padre José de Moraes, da Companhia de Jesus, que trata da historia d'essa celebre corporação no Maranhão e no Pará. Esta parte foi a unica que escapou do confisco feito ha um seculo nos papeis e bens dos Jesuitas.

A par dos feitos notaveis dos filhos d'esta congregação, vem muitos outros sobre o descobrimento, povoação e progresso d'aquellas provincias do norte, de que não havia noticia nas obras que correm impressas; e bem assim sobre o estado dos indigenas que as habitavão, das missões que se emprehenderão para attrahi-los ao gremio do christianismo, e sobre as lutas que travarão os colonos já com as indigenas, já com os Jesuitas que defendião sua liberdade, sendo muitos factos comprovados com documentos ineditos e importantes.

As pessoas que não quizerem possuir toda a colleção podem comprar qualquer das obras que se colleccionarem, quando a materia comportar um volume ou exceder, tendo nesse caso a obra titulo peculiar que dispense o de *Memorias*, o que já aconteecc com o primeiro tomo, que pôde ser encadernado sem numeração, com o titulo de *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia de Maranhão e Pará*.

TRATADO DE GEOGRAPHIA ELEMENTAR, physica, historica, ecclesiastica e politica do Imperio do Brasil; obra inteiramente nova, composta pelo Dr. AMEDEO MOURE e pelo lente V. A. MALTEBRUN, dedicado a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, imperador do Brasil, e ornado de seu retrato. 1 vol. in-8, encadernado. 5 \$ 000

VARÕES ILLUSTRES (Os) do Brasil durante os tempos coloniaes, por J. M. PEREIRA DA SILVA. 2 vol. in-4, brochados, 8 \$ 000, encadern. 10 \$ 000

Esta obra, nitidamente impressa em Paris, mereceo elogios, pela sua materia e linguagem, de muitos jornaes francezes, portuguezes, italianos e alemães; é a historia politica, litteraria e scientifica do Brasil em quanto colonia.

DIREITO, ECONOMIA POLITICA, FINANÇAS COMMERCIO, ETC.

ANALYSE SOBRE A ESCRIPTURAÇÃO COMMERCIAL. 1 vol. in-4, brochado. 1 \$ 000

ASSESSOR FORENSE (0), ou formulario de todas as acções commerciaes segundo o regulamento commercial de 25 de novembro de 1850, contendo : os modelos de todas as petições, despachos, termos, autos, allegações, embargos, sentenças, e finalmente todos os termos dos processos; seguido do processo das quebras, quer no juizo commercial, quer no juizo criminal, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4, encadernado. 8 \$ 000

Esta obra, elaborada com muito cuidado e minuciosidade, é de incalculavel proveito, não só para todas as pessoas do fóro, como mesmo para as que se dão á vida do commercio. E um excellente guia para a propositura de qualquer acção, seu andamento e solução no fóro commercial.

CAPITAL, CIRCULAÇÃO E BANCOS, por JAMES WILSON, traduzido pelo Dr. LUIZ JOAQUIM D'OLIVEIRA CASTRO. 1 vol. in-4, impresso e encadernado em Paris. 6 \$ 000

Tal é o título da obra (complemento quasi indispensavel do Tratado dos Bancos de Gilbart), formada da serie d'artigos que nos annos de 1844-1847 publicou no *Economista* o illustrado James Wilson. Ninguem desconhece a subida importancia dos objectos de que tratou, importancia tanto mais reconhecida no Brasil, onde as questões financciras prendem-se ao futuro do paiz e constituem o principal embaraço para os estadistas. Assim pensando o Sr. Dr. Luiz Joaquim d'Oliveira e Castro, verteo para a linguagem vulgar a obra do economista inglez. prestando d'esta arte verdadeiro serviço aos que não possuem cabal conhecimento da lingua de Adão Smith para poder comprehender e apreciar o original.

CODIGO CRIMINAL DO IMPERIO DO BRASIL, contendo não só toda a legislação alterante ou modificante de suas disposições publicada até o fim do anno de 1860, como todas as penas de seus differentes artigos calculadas segundo os seus grãos e as diversas qualidades dos criminosos, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4, brochado 4 \$ 000, encadernado. 5 \$ 000

Tendo muitas vezes notado que a maneira generica por que forão redigidas as disposições doCodigo Criminal Brasileiro, subordinadas apenas a regras geraes applicaveis ás suas differentes hypotheses, dava lugar a graves enganos na imposição das penas, importando elles nullidades nos processos com incalculavel prejuizo da justiça, por isso emprehendo o Sr. Dr. Cordeiro a presente edição do mesmoCodigo, em que, sem alterar nem de leve o seu texto, designa no emtanto as penas em seus differentes grãos, e já proporcionadas á qualidade do criminoso, quer seja autor, quer complice, tentador, e ainda complice da tentativa.

Com elle qualquer pessoa pôde de momento salter a pena correspondente ao crime na autoria, na tentativa e complicitade, se, a qual fór o seu grão, e isto sem perda de tempo, sem fadiga de calculo, e sem receio de erro.

COLLEÇÃO DE ACORDAOS que contém materia legislativa proferida pelo supremo tribunal de justiça desde a epocha da sua installação, por A. X. DE BARROS CÔRTE REAL e J. M. CASTELLO BRANCO, bachareis em direito. 2 vol. in-4, brochados 8 \$ 000, encadernados. 10 \$ 000

COLLECÇÃO da Legislação Portuguesa desde o anno de 1603 até o de 1826, isto é, desde as ordenações philippinas até á carta constitucional, compilada por JOSÉ JUSTINO DE ANDRADE SILVA. A collecção completa é dividida em seis series, e formará 24 a 25 volumes in-folio. A primeira e segunda serie, que comprehendem, aquella a legislação de 1603 a 1640 em 5 vol., e esta a de 1641 a 1683 em 3 vol., estão publicadas; as outras series publicar-se-hão successivamente. Preço da assignatura, cada vol. brochado 6 \$ 000
Encadernação inteira. 8 \$ 000

COMPENDIO DE ECONOMIA POLITICA, precedido de uma introdução historica, e seguido d'uma Biographia dos Economistas, Catalogo e Vocabulario analytico, por BLANQUI. 1 vol. in-8, brochado 1 \$ 000, encadernado. 1 \$ 500

‡ **CONSULTOR CRIMINAL** ácerca de todas as acções seguidas no fóro criminal, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4. 8 \$ 000

‡ **CONSULTOR COMMERCIAL** ácerca de todas as acções seguidas no fóro commercial, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4. 8 \$ 000

‡ **CONSULTOR CIVIL** ácerca de todas as acções seguidas no fóro civil, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 grosso vol. in-4, encadernado. 8 \$ 000

Este interessantissimo trabalho foi feito pelo systema adoptado por Corrêa Telles em sua obra intitulada *Manual do Processo Civil*, com as suppressões, alterações e accrescimos exigidos pela legislação, estylos e pratica do fóro brasileiro.

Contendo toda a parte theorica e pratica do processo civil, e formulas de todos os seus incidentes, torna-se de summa vantagem para todas as pessoas da justiça, já por indicar os melhores meios de propôr-se e seguir qualquer acção, já por se encontrar os exemplos de todos os autos, termos e mais peças do processo.

Contendo, além d'isso, as attribuições de todos os juizes e tribunaes, suas incompatibilidades, e bem assim os deveres dos outros empregados do fóro, dispensa esta obra grande quantidade de praxistas e livros de legislação, por cita-la em todos os casos em que é mister.

‡ **CONSULTOR ORPHANOLOGICO** ácerca de todas as acções seguidas no fóro orphanologico, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4. 8 \$ 000

CORTEZÃOS (Os) e a Viagem do Imperador, ensaio politico sobre a situação, por L. M. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

DICCIONARIO JURIDICO-COMMERCIAL, obra muito util aos que se dedicao ao fóro e ao commercio, por J. FERREIRA BORGES, segunda edição augmentada. 1 vol. in-4, encadernado. 7 \$ 000

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas, por FELICIANO ANTONIO MARQUES PEREIRA. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

ENSAIO SOBRE A ARTE DE SER FELIZ, por JOSEPH DROZ, da Academia Franceza. 1 vol. brochado 1 \$ 000, encadernado. 1 \$ 500

ESTUDO SOBRE O CREDITO RURAL E HYPOTHECARIO, pelo Dr. L. P. DE LACERDA WERNECK. 1 vol. in-4, bem encadernado. 6 \$ 000

A importancia do credito territorial é conhecida hoje em todos os paizes onde elle tem sido posto em pratica. Ora, o autor d'este livro, reunindo em commodo volume toda a theorica dos bancos territoriaes exposta de uma maneira accessivel a todas as intelligencias, addicionou-lhe uma collecção de estatutos de bancos europcos, e outros documentos que tornão o livro de grande utilidade, não só aos profissionaes, como tambem aos lavradores, proprietarios urbanos, banqueiros, e em geral aos homens praticos.

ENSAIO sobre o direito administrativo, com referencia ao estado e instituições peculiares do Brasil, pelo visconde do Uruguay. 2 vol. in-4, brochados. 10 \$ 000
Encadernados. 12 \$ 000

Esta obra, fructo de muitos annos de experiencia, é sem duvida a mais importante que tenha sido publicada aqui sobre semelhante materia, como melhor se poderá julgar pelo indice de alguns capitulos.

Definições, e distincções. — Influencia da divisão territorial, população e riqueza. — Divisão do poder executivo. — Do gracioso e do contencioso. — Da responsabilidade ministerial no contencioso. — Do nosso contencioso administrativo. — Dos tribunaes administrativos.

Do processo e recursos administrativos. — Dos agentes administrativos. — Dos conselhos administrativos. — Do conselho de estado nos differentes paizes da Europa e no Brasil. — Do Poder moderador. — Da centralisação; suas vantagens e seus inconvenientes. — Applicação ao Brasil das instituições administrativas inglezas, americanas e francezas.

ESTUDOS SOBRE COLONISAÇÃO, ou considerações sobre a colonia do senador Vergueiro, por C. PERRET GENTIL. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

MANUAL DO EDIFICANTE, DO PROPRIETARIO E DO INQUILINO, ou novo tratado dos direitos e obrigações sobre a edificação de casas, e ácerca do arrendamento ou aluguel das mesmas, conforme o direito romano, patrio e uso das nações; seguido da exposição das acções judicarias que competem ao edificante, ao proprietario e ao inquilino, accommodado ao fóro do Brasil, por ANTONIO RIBEIRO DE MOURA. 1 vol. bem encadernado. 6 \$ 000

MANUAL DOS JUIZES DE DIREITO, ou colleccção dos actos, attribuições e deveres d'estas autoridades, por J. M. PEREIRA DE VASCONCELLOS. 1 vol. in-4, encadernado. 4 \$ 000

MANUAL DOS PROMOTORES PUBLICOS, pelo Dr. JOAQUIM MARCELLINO PEREIRA DE VASCONCELLOS. 1 vol. in-4, brochado. 3 \$ 000
encadernado. 4 \$ 000

MANUAL THEORICO-PRATICO DO GUARDA-LIVROS, seguido do roteiro dos correios terrestres entre esta côrte e as provincias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas Geraes, S. Paulo, Mato-Grosso e Goyaz, por JOÃO FRANCISCO DE ARAUJO LESSA. 1 vol. in-4 encadernado. 8 \$ 000

O curso theorico-pratico de escripturação mercantil composto pelo Sr. Lessa é assaz conhecido para que necessitemos de preconisa-lo. Todos os que hão lido este importante trabalho são concordes em reconhecer nelle uma clareza e brevidade que muito abonão os conhecimentos de seu autor. Reunindo ao conhecimento profissional da materia longa pratica de suas diversas applicações, conseguiu o Sr. Lessa escrever uma obra que será d'ora avante consultada por todos os que se entregão á contabilidade e escripturação dos livros de commercio.

METHODO FACIL DE ESCRIPTURAR OS LIVROS por partidas simples e dobradas, comprehendendo a maneira de fazer a escripturação por meio de um só registro, por EDMOND DEGRANGES; traduzido em portuguez por MANOEL JOAQUIM DA SILVA PORTO, e offerecido aos Portuguezes e Brasileiros que se dedicação ao commercio. 1 vol. in-4, com mappas. 5 \$ 000

PIMENTA BUENO (Dr. JOSÉ ANTONIO). Apontamentos sobre o processo civil brasileiro. 1 vol. in-4 encadernado. 6 \$ 000

— Apontamentos sobre o processo criminal brasileiro. 1 vol. in-4 encadernado. 9 \$ 000

— Direito publico brasileiro e analyse da constituição do Imperio, 2 tomos encadernados em 1 vol. in-4. 10 \$ 000

- PINHEIRO FERREIRA (SILVESTRE)**. *Indicações de utilidade publica*, offerecidas ás assembleias legislativas do imperio do Brasil e do reino de Portugal. 1 vol. in-8. 500
- **Projecto de um banco de soccorro e seguro mutuo**. 1 vol. in-4. 500
- **Breves observações sobre a constituição politica da monarchia portugueza**, decretada pelas côrtes geraes extraordinarias e constituintes, reunidas em Lisboa no anno de 1821. 1 vol. in-4. 500
- **Manual do cidadão em um governo representativo**, ou principios de direito publico constitucional, administrativo e das gentes. 3 vol. in-4. 6 \$ 000
- **Noções elementares d'ontologia**. 1 vol. in-4. 500
- **Projecto d'um systema de providencias** para a convocação das côrtes geraes e estabelecimento da carta constitucional. 1 vol. in-4. 500
- **Projecto de codigo geral** de leis fundamentaes e constitutivas d'uma monarchia representativa. 1 vol. in-4. 1 \$ 000
- **Observações sobre a carta constitucional** do reino de Portugal e constituição do imperio do Brasil. 1 vol. in-4. 1 \$ 000
- **Projecto de codigo politico** para a nação portugueza. 1 vol. in-4. 2 \$ 000
- **Constituição politica do imperio do Brasil** e carta constitucional do reino de Portugal. 1 vol. in-4. 3 \$ 000
- **Observations sur le guide diplomatique de M. le baron Ch. de Martens**. 1 vol. in-4. 1 \$ 000
- **Essai sur la psychologie**, comprenant la théorie du raisonnement et du langage, l'ontologie, l'esthétique et la dicéosyne. 1 vol. in-4. 2 \$ 000
- **Projet de code général** des lois fondamentales et constitutives d'une monarchie représentative. 1 vol. in-4. 1 \$ 000
- **Précis d'un cours de droit public**. 2 vol. in-8, reliés. 8 \$ 000
- **Qu'est-oe que la pairie?** 1 vol. in-4, broché. 500
- **Essai sur les rudiments de la grammaire allemande**. 1 vol. in-4 broché. 500
- **Principles of political economy**, by M. CULLOCH, abridged for the use of schools, accompanied with notes, and preceded by a preliminary discourse by PINHEIRO FERREIRA. 1 vol. in-8. 1 \$ 000

PRELEÇÕES DE ECONOMIA POLITICA, pelo Dr. PEDRO AUTRAN DA MATTA ALBUQUERQUE, lente da faculdade de direito do Recife, 2ª edição melhorada. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e elegantemente encadernado em Paris. 6 \$ 000

« Facilitar o conhecimento da sciencia economica aos que o desejarem ter, e mórmente aos alumnos das faculdades de direito do Recife e de S. Paulo, que são obrigados a estudar este ramo da sciencia social, foi o que moveo-me a compôr e publicar estas preleções. Compendiar o que se tem escripto sobre a sciencia, ligar os pensamentos e exprimi-los com clareza e precisão, não é tão facil como talvez pareça a muitos que se não derão a este trabalho. Não é tambem plagio, porque o resumo das doutrinas dos outros, a ordem e ligação das ideias, a clareza e propriedade dos termos, e a construcção regular da phrase, são do compendiador. Nisto esmerei-me, a fim de dar a estas preleções um *feito* meu que lhes desse alguma apparencia de novidade.

(Do prefacio do autor.)

RAMALHO (DR. JOAQUIM IGNACIO). **Elementos do processo criminal** para uso das

faculdades de direito do imperio. 1 vol. in-4 brochado.	4 \$ 000
Encadernado.	5 \$ 000
— Pratica civil e commercial. 1 nitido vol. in-4 brochado.	10 \$ 000
Encadernado.	11 \$ 000

Esta obra já é bastante recommendavel pelo nome bem conhecido de seu autor sem precisar de outro commentario. Diremos sómente que vem preencher uma grande lacuna na litteratura forense brasileira, pois que não havia para os estudantes um livro que de uma maneira clara e concisa determinasse os principios da competencia segundo a natureza de cada causa; prescrevesse o modo de instaurar o processo e a maneira de defender-se; expozesse as leis da discussão, as regras da prova; determinasse como se dão as sentenças, se reformão e se execução.

Diz o autor no seu prefacio :

« As alterações por que tem passado a legislação civil e commercial depois de nossa emancipação politica, mórmente quanto á organização judiciaria, já requerem um trabalho methodico e systematico, onde os principiantes encontrem facilmente quaes as innovações do direito e das formas que elle se reveste, dispensando-os do arduo trabalho de estudar, sem um guia, os escriptores de nosso fóro, que escreverão debaixo da influencia de uma legislação em parte abrogada por leis modernas.

« Foi pois nosso fim facilitar á mocidade estudiosa os meios de se habilitar para um dia servir melhor ao paiz.

REGULAMENTO PARA A CASA DE DEPOSITO DOS CADAVERES que fõem achados, approved. pelo aviso da secretaria da justiça de 4 de janeiro de 1854. 1 vol. brochado 200

REGULAMENTO PARA A COMPANHIA DE PEDESTRES DO MUNICIPIO DA CÔRTE, approved por aviso de 15 de novembro de 1853, 1 vol. brochado. 200

SYSTEMA FINANCIAL DO BRASIL, por CANDIDO BAPTISTA DE OLIVEIRA. 1 vol. brochado. 3 \$ 000

SYSTEMA METRICO DECIMAL considerado nas suas applicações, por PEDRO D'ALCANTARA LISBOA. 1 vol. brochado.. 4 \$ 000

THEORIA DO DIREITO PENAL applicada ao codigo penal portuguez comparado com o codigo do Brasil, leis patrias, codigos e leis criminaes dos povos antigos e modernos, offerecida a S. M. I. o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, por F. A. F. DA SILVA FERRÃO, 8 vol. in-4 brochados. 20 \$ 000
Encadernados. 28 \$ 000

TRATADO PRATICO DOS BANCOS, por JAMES WILLIAM GILBART, traduzido pelo Dr. LUIZ JOAQUIM DE OLIVEIRA CASTRO. 3 vol. in-4 impressos e encadernados em Paris. 16 \$ 000

Tanto alcance tem nas modernas sociedades a organização e theoria dos bancos, que pensamos que nem uma pessoa pôde ser estranha a ellas. Acabando-se felizmente o tempo em que guardados erão os peculios em chapeados cofres, e depositando hoje todas as classes da população as suas economias nesses estabelecimentos, fóra é de duvida que legitima veja a curiosidade que a todos instiga de estudar os principios pelos quaes são elles regulados. Se este conhecimento é em todos mui honravel e necessario, torna-se um dever de consciencia para ns que por alguma forma tem a gerencia da fortuna publica, os quaes não podem ignorar as regras por onde se dirigem as operações de credito, nem desconhecer a historia das causas e consequencias das crises commerciaes. Conscio d'estas verdades, e por outro lado sabendo de quão pouco vulgarizada seja entre nós a lingua ingleza o Sr. Dr. L. J. d'Oliveira e Castro, apressou-se em verter para a portugueza a melhor obra que sobre tal objecto existe em Inglaterra, quicá em toda a Europa e America, cuja applicação n'io pouco contribuiu para rectificar certos equívocos em que laboravão alguns dos nossos economistas e financeiros, contribuindo para que sob melhor aspecto se encarasse a questão bancaria, ainda ha pouco tão agitada, a qual em nada tem perdido d'interesse e gravidade.

MEDICINA, HOMŒOPATHIA

MAGNETISMO

† **AGENDA MEDICAL**, ou Memorial do medico pratico, que contém : 1° O emprego e dose dos medicamentos energicos e perigosos; 2° Os inedicamentos novos e recém-descobertos, as suas propriedades, seu emprego, suas doses; 3° Algumas formulas officinaes e magistraes; 4° A tabella dos venenos e contra-venenos; 5° Conselhos medicos para uso de todos; 6° Indicação dos medicamentos assignalados no Agenda; 7° As molestias em que são empregados; pelo Dr. CHOMET. 1 bonito vol. em forma de carteira, elegantemente encadernado. 2 \$ 000

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CHOLERA-MORBUS, pelo Dr. M. C. PEREIRA DE SÁ. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

GUIA THEORICA E PRATICA DAS MOLESTIAS VENEREAS, pelo Dr. CHOMET. 1 vol. in-8 encadernado. 3 \$ 000

Esta obra é o fructo de muitos annos de pratica e de experiencia. Com ella qualquer pessoa pôde se curar a si mesma sem o auxilio do medico.

HISTORIA E DESCRIÇÃO da febre amarella epidmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850, por JOSÉ PEREIRA REGO. 1 vol. brochado. 2 \$ 000

INSTRUÇÕES CONTRA A CHOLERA EPIDEMICA, ou conselhos sobre as medidas geraes que se devem tomar para preveni-la, seguidos do modo de trata-la desde sua invasão, pelo Dr. A. J. PEIXOTO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

MAGNETISMO E MAGNETOTHERAPIA, ou a arte de curar pelo magnetismo segundo a escola moderna, por perguntas e respostas, pelo conde Francisco de Szapary, magnetizador e magnetopatha; traduzido do francez por J. H. T. C. DE MIRANDA, maguetizador e magnetopatha. 1 vol. in-4 encadernado.. 4 \$ 000

MANUAL HOMŒOPATHICO, 3ª edição correcta e augmentada com um pequeno trabalho das molestias da pelle, e com a nova materia medica homœopathica; obra util aos medicos, boticarios, curas, pais de familia, chefes de estabelecimentos, fazendeiros, e a todos os praticos conscienciosos e esclarecidos, pelo Dr. EMILIO GERMON. 1 vol. in-4 brochado.. 3 \$ 000
Encadernado. 4 \$ 000

MEMORIA Á CERCA DA LIGADURA da arteria aorta abdominal, precedida de algumas considerações geraes sobre a operação do aneurisma, e seguida de uma estampa lithographada que representa um novo porta-fio e sua posição durante a operação, pelo Dr. CANDIDO BORGES MONTEIRO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

† **MESMER. APHORISMOS SOBRE O MAGNETISMO ANIMAL**, contendo a arte de magnetisar ensinada em 17 capitulos. 1 vol. in-4 brochado. 2 \$ 000
Encadernado. 2 \$ 500

PECCADOS DOS ALLOPATHAS e sua cegueira, ou falso systema que elles se-
guem ha tantos seculos. 1 vol. brochado. 320

POESIAS, LITTERATURA

ASSUMÇÃO (A), poema composto em honra da Santa Virgem, por Fr. FRANCISCO DE S. CARLOS; nova edição precedida da biographia do autor e d'un juizo critico sobre a obra pelo conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. in-8 encad. 3 \$ 000

Cada vez mais raro tornando-se o mui celebre poema de Fr. Francisco de S. Carlos, entendêmos que prestaríamos verdadeiro serviço ao publico se dessemos d'elle nova edição. Desejando porém que expurgada d'errros sahisse ella, e ao mesmo tempo fosse enriquecida d'algun trabalho previo congruente ao merito do autor e da sua obra, dirigimo-nos ao Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, que obsequiosamente prestou-se ao nosso anheilo, corrigindo o exemplar que lhe dêmos, e escrevendo, para serem collocados em frente da nova edição, um bellissimo estudo biographico sobre o seraphico poeta, assim como uma judiciosa e imparcial apreciação do poema. Assim melhorada, pensamos que mais digna do favor publico se tornará a obra.

CINZAS D'UM LIVRO, fragmentos d'um livro inedito, por BRUNO SEABRA. 1 vol. in-8. 500

DORES E FLORES, poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. 1 vol. in-4, br. 2 \$ 000
encadernado. 3 \$ 000

† **FLORES E FRUCTOS**, poesias de BRUNO SEABRA. 2 \$ 000

Esta linda e variada colleção de poesias confirmou plenamente o lisongeiro juizo que o publico já formava do talento poetico de Bruno Seabra. « Uma prova irresistivel do merecimento d'este volume de poesias (palavras de um juiz a toda a prova competente) é que ainda não houve quem encetasse a leitura d'elle e que a deixasse em meio. »

Todos tem lido as manifestações de apreço com que foi recebido o livro do joven e distincto Paraense; pois bem, junto o publico a essas manifestações a seguinte novidade: que no Rio de Janeiro, onde os livros geralmente envelhecem nas livrarias, tem tido as poesias de Bruno Seabra um grande successo.

† **FLORES ENTRE ESPINHOS**. Contos poeticos por J. NORBERTO DE S. S. 1 vol. in-8.

FLORES SYLVESTRES, poesias, por F. L. BITTENCOURT SAMPAIO. 1 vol. in-8. brochado 2 \$ 000, encadernado. 2 \$ 500

Um dos mais aproveitados e esperançosos discipulos da nova escola brasílica, um dos que melhor sabe extrahir do alarido romantico melodiosos sons, um dos mais estrenuos campeões da nacionalidade da litteratura brasílica, é por certo o Sr. Dr. Bittencourt Sampaio. Seu livro, a que appellidou de *Flores Sylvestres*, é o primeiro tentame d'um grande poeta, a primeira estrophe d'um immortal hymno, o primeiro sorrir do mancebo que já vê radiar-lhe sobre a nobre fronte a aureola da gloria. Isto dizendo, não fazemos senão repetir o que o Brasil inteiro proclamou pela voz dos seus mais legitimos orgãos na imprensa, e que está na consciencia de todos os que lerão e admirarão este bello livro.

FOLHAS CAHIDAS apanhadas na lama, por um antigo juiz das almas de Campanhan, e socio actual da assembleia portuense com exercicio no Palheiro. 1 vol. brochado. 500

† **GONZAGA**, poema por ***, com uma introduccão por J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 vol. in-8. 3 \$ 000

HARMONIAS BRASILEIRAS, cantos nacionaes, colligidos e publicados por ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES. 1 vol. in-4, br. 3 \$ 000, encad.. 4 \$ 000

† **LIVRO (O) DE MEUS AMORES**, poesias eroticas de J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 1 vol. in-4, broc. Encadernado..

Esta lindissima collecção de poesias, em que o Sr. Norberto inspira-se da musa d'Anacreonte e de Salomão, é dedicada a sua virtuosa esposa, bastando só esta circumstancia para tranquillisar os que se assustassem com a denominação d'*eroticas* que lhes dera. Nem um quadro ali se encontra d'esse amor physico, d'esse instincto imperioso que confunde o homem com o bruto, nem uma pintura licenciosa, nem uma expressão menos casta. O illustre poeta pinta mais vezes a formosa alma da sua *Armia* do que a sua beldade corporea, e unge o seu amor com o balmamo da religião e da virtude. É este um excellentes livro, cuja leitura afoutamente recommendamos.

MAGALHÃES (DR. J. G. DE). Factos do espirito humano, philosophia. 1 vol. in-4. 6 \$ 000

Não é só como poeta que se distingue o illustre diplomata, que longe da patria consagra-lhe com tanta gloria os seus lazeres; tambem como philosopho cabe-lhe merecida reputação, e se d'isso alguém podesse duvidar, vi-lo-hia convencer a bella obra que ora annunciamos, á qual fez justiça a culta Europa, sendo logo vertida na mais diffundida de todas as linguas. Assaz louvavel foi o pensamento do Sr. Dr. Magalhães quando pretendeo fazer chegar ao alcance do homem estudioso, mas pouco versado em estranhos idiomas, a crente das doutrinas philosophicas antigas e modernas, estabelecendo a respeito uma esclarecida critica, e submettendo-as todas (à gusa da escola escoceza) ao crisol do bom senso. É este um livro verdadeiramente popular, apezar de escripto numa linguagem pomposa, senão poetica, e cuja acquisição deve ser leita por todos os pais de familias que desejarem fornecer a seus filhos e filhas uma leitura util e substancial.

— **Suspiros poeticos e Saudades**, segunda edição correcta e augmentada. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e encadernado em Paris. 5 \$ 000

O illustre reformador da poesia brasileira tem demonstrado que sabe fructuosamente empregar seus lazeres diplomaticos, já compondo novas obras, já aperfeccionando as anteriormente publicadas. Neste caso achão-se os *Suspiros poeticos e Saudades*, que virão pela primeira vez a luz em 1856, e que tão salutar influencia exercêrão sobre a nossa litteratura brasileira. Conheceo mais tarde o Sr. Magalhães que alguns retoques se poderião fazer nesta obra de sua juventude, e que mais bem acabados poderião ser certos trechos que pela impaciencia propria dos mancebos não tinha podido polir. Além d'estes melhoramentos (por si bem recommendaveis), introduziu outros de menor saliencia, addicionando outrosim ao seu primitivo trabalho algumas composições mais serodias, e que dignas se fazião d'ali figurar. Inutil sendo recommendar este livro, que todos os Brasileiros conhecem e estimão, limitamo-nos a noticiar-lhes o apparecimento d'esta nova edição.

MARILIA DE DIRCEU, por THOMAS ANTONIO GONZAGA, nova edição dada pelo Sr. J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 2 vol. in-8, com estampas.

Não ha talvez no Brasil livro mais popular do que o de Marilia de Dirceu; todos conhecem essas famosas lyras, e raras são as pessoas que de cór não saibão algumas. Infelizmente porém introduzirão algumas notaveis alterações no texto primitivo, passando como legitimas produções do engulho de Gonzaga espurias e indignas imitações, ou antes parodias (quiz fazer cessar este sacrilegio o infatigavel litterato o Sr. J. Norberto, acuradamente colleccionando o que de genuino lhe parecia. enriquecendo a nova edição de notas e esclarecimentos, e fazendo-a preceder d'um minucioso estudo sobre Gonzaga, confeccionado em presença d'authenticos documentos. E para que mais completo fosse o seu trabalho, addicionou-lhe a lyria de Marilia a Dirceu, que compozera em respeito, attribuindo-a a D. Maria Dorothea de Seixas. Esta singela exposição basta para provar a excellencia e superioridade d'esta nova edição.

† **MEANDRO POETICO**, coordenado e enriquecido com esboços biographicos e nu-

merasas notas historicas, mythologicas e geographicas, pelo conego Dr. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. 2 \$ 000

Exhausta achando-se a edição das *Poesias selectas* do padre A. P. de Souza Caldas, adoptadas no Imperial Collegio de Pedro II, convidámos o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro para incumbir-se d'algum trabalho nesse genero. Em breve apresentou-nos 5^a. S^a. o manuscrito cujo titulo acima exáramos, que, a nosso ver, melhor satisfaz os fins a que se destináráo as *Poesias selectas* de Caldas; porquanto, ahrangendo o que de melhor existe da poesia brasileira, e dando assim maior variedade d'estylos e de metros, têm de mais a mais a vantagem de ser adaptada ao ensino da juventude pela excellente escolha dos assumptos, essencialmente moraes e patrióticos, e pelos esclarecimentos e notas biographicas, historicas, mythologicas e geographicas com que a illustrou, constituindo-o d'esta arte o melhor livro que nesta especialidade existe na lingua portugueza.

NOVAES (Faustino Xavier de). *Poesias*, segunda edição. 1 vol. in-4 encadernado.

— **Novas Poesias** acompanhadas de um juizo critico de CAMILLO CASTELLO-BRANCO, 1 vol. in-4 encadernado.

A satyra espirituosa, benefica e inoffensiva do eximio Nicoláo Tolentino achou um digno successor na pessoa de Faustino Xavier de Novaes, vantajosamente conhecido pelo sal attico com que sabe adubar todas as suas producções. Seus versos, cheios de graça e naturalidade, são a mais completa physiologia da sociedade, com todos os seus vicios, paixões e ridiculos, a mais perfeita escola de costumes, a mais fina e delicada lição que á juventude se possa offerecer para subtrahir-se aos escolhos submarinos que o oceano do mundo occulta. Com vigor são traçados alguns typos, com sombrias côres debuxados alguns paineis, e com a nemeses da indignação profligados vicios infelizmente hoje mui communs; nada ha porém de pessoal e directo, nada que pelos mais castos ouvidos deva deixar de ser ouvido. Esperamos com segurança que o juizo dos leitores seja consentaneo ao nosso.

OBRAS DO BACHAREL M. A. ALVARES DE AZEVEDO, precedidas de um discurso biographico, e acompanhadas de notas, pelo Dr. D. JACY MONTEIRO, terceira edição correcta e augmentada com as **Obras ineditas**, e um appendice contendo discursos e artigos feitos por occasião da morte do autor, 5 vol. in-8 primorosamente impressos e encadernados em Paris. 9 \$ 000

É um dos mais populares nomes da litteratura brasileira o de M. A. Alvares de Azevedo. Dotado de uma ardente imaginação, empregava as mais ousadas imagens, e possuidor de um cabedal de conhecimentos muito além do que em tão verdes annos se poderia esperar, fundiados no molde da sua poderosa individualidade. Bem caberia a Alvares de Azevedo o epitheto de *meniso terrível*, dado por Chateaubriand a Victor Hugo: era um gigante, cujos primeiros passos approximavão-o á meta. As obras de Alvares de Azevedo, tão bem aceitas no Brasil, não o foram meos em Portugal, como se pôde ver nas *Memorias de litteratura contemporanea*, do illustre litterato Lopes de Mendonça.

Esgotadas se achando as duas primeiras edições, que mal poderão satisfazer a avidez do publico, pensamos prestar um serviço ao paiz dando novamente á estampa essas tão almejadadas poesias. E é esta 3^a edição, além de correcta, de um preço mui diminuto e ao alcance de todos.

OBRAS POÉTICAS DE MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (Alcindo Palmireno), colligidas, annotadas e precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor, e acompanhada de documentos historicos, por J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 2 vol. in-8.

† **O OUTONO.** Collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 vol. in-4 brochado. 3 \$ 000
Encadernado. 4 \$ 000

PEREGRINAÇÃO PELA PROVINCIA DE S. PAULO — 1860-1861, — por AUGUSTO EMILIO ZALUAR. 1 vol. in-4. 7 \$ 000

POESIAS SELECTAS DOS AUTORES MAIS ILLUSTRADOS ANTIGOS E MODERNOS. 1 vol. in-4 encadernado. 2 \$ 500

Esta obra recommenda-se aos pais de familia e directores de collegios pela boa escolha das poesias que a compõem; até hoje sentia-se a falta de uma boa obra neste genero, que preenchesse o fim desejado; podemos asseverar que a mãe a mais extremosa pôde dar este livro a sua filha sem temer pela sua innocencia; os homens encarregados da educação da mocidade podem ter a certeza de encontrar nesta collecção as poesias mais proprias para formar o coração, ornar o espirito e apurar o gosto dos seus discipulos.

REVELAÇÕES. Poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que tem apparecido entre nós. O preço de cada exemplar encadernado é. 5 \$ 000

O nome do Sr. A. E. Zaluar é de ha muito tempo considerado como um dos mais sympathicos e conhecidos da nossa moderna litteratura.

Ha no emtanto muito tempo que os seus admiradores esperavão com anxiedade ver reunida em um tomo a preciosa collecção de seus versos escriptos depois do volume que publicou em 1851 com o titulo de DÓRES E FLORES.

Este desejo acaba de realisar o editor das REVELAÇÕES.

A obra que annunciamos, tendo apenas chegado da Europa, foi saudada unanime e lisongeiramente por toda a imprensa fluminense. É esta uma das provas mais inequivocas do seu merecimento.

As REVELAÇÕES é um volume de escolhidas composições poeticas, dividido em quatro partes — *O Lar, Ephemeris, Musa Fraternal e Harpa Americana*. É difficil escolher em tão rico e variado jardim quaes são as flores mais perfumadas e bellas.

ROMANCEIRO (0), por A. GARRETT. 3 vol. in-8 encadernados. 9 \$ 000

POESIAS TERNAS E AMOROSAS. 1 vol. in-8 brochado. 640

SOMBRA E SONHOS, poesias de JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO. 1 vol. in-4 encadernado. 4 \$ 000

URANIA, canticos, 1 vol. nitidamente impresso e encadernado. 5 \$ 000

URANIA. Collecção de cem poesias ineditas, por D. J. G. DE MAGALHÃES. 1 vol. in-8, nitidamente impresso sob a vista do autor e elegantemente encadernado 4 \$ 000

ROMANCES, NOVELLAS, ETC.

† **A MORTE MORAL.** Novella dividida em quatro partes: 1ª Cesar; 3ª Antonieta; 3ª Hannibal; 4ª Almerinda; Epilogo. Um livro preto, por A. D. DE PASCUAL. 4 vol. br. 8 \$ 000
Encadernado. 12 \$ 000

ANECDOTAS E HISTORIETAS, ou escolha de 650 tiradas de varios autores, que até ao presente muitas não sabirão á luz. 1 vol. brochado. 500

A QUANTO SE EXPÕE QUEM AMA, novella que em todo o seu contexto não admite a lettra A, composta por JOSÉ JOAQUIM BORDALO. 1 vol. brochado. 320

ARMINDA E THEOTONIO , ou a consorte fiel, historia portugueza verdadeira. 1 vol. brochado.	1 \$ 000
ARTE DE AMAR , dedicada ás damas. 1 vol. brochado.	200
BARBEIRO (O) GASCÃO e o toureador castelhano, facto historico, 1 volume brochado.	200
BRAVO (O) , romance de Fenimore Cooper. 1 vol. brochado.	1 \$ 000
CAMILLA , ou o subterraneo. 1 vol. brochado.	300
CARTAS DE ECHO E NARCISO , por ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, 1 volume brochado.	500
CASTELLO-BRANCO (Camillo) . <i>Anathema</i> , romance. 1 vol. in-4 encader- nado.	2 \$ 500
— A filha do arcediago . 1 vol. in-4 encadernado.	2 \$ 500
D. NARCISA DE VILLAR , legenda do tempo colonial, pela indigena do Ypi- ranga. 1 vol. brochado.	2 \$ 000
DOTE (O) DE SUZANINHA , ou o poder de si-mesmo, por J. FIÉVÉE. 1 volume brochado.	500
DOUS (Os) MATRIMONIOS mallogrados, ou as duas victimas do crime, romance historico tirado da viagem do Cusco ao Pará, pelo Dr. JOSÉ MANOEL VALDEZ, da qual é um episodio. 1 vol. brochado.	2 \$ 000
DRAMA NAS MONTANHAS (Um) , por X. DE MONTÉPIN. 1 vol. in-8.	1 \$ 000
DUMAS (Alex.) . <i>Aventuras de Lyderico</i> . 1 vol. brochado.	500
— A Casa Phenicia , ou Memorias de um edificio. 1 vol. brochado.	500
— Os Estudantes . 1 vol. brochado.	500
— Historia de um morto . 1 vol. brochado.	500
DUMAS (Alex., filho) . <i>Sophia Printemps</i> . 2 vol. brochados.	2 \$ 000
Encadernados.	3 \$ 000
ELISA , ou a virtuosa Castro, romance original portuguez. 1 vol. brochado.	500
FORÇA (A) de uma paixão , historia verdadeira de dous amantes, succedida em Lisboa. 1 vol. brochado.	300
GALATEA , egloga. 1 vol. brochado.	500
HISTORIA da donzella Theodora , em que se trata da sua grande formosura e sa- bedoria, traduzida do castelhano em portuguez por CARLOS FERREIRA LISBONENSE. 1 vol. brochado.	500

- HISTORIA DA IMPERATRIZ PORCINA**, mulher do imperador Lodonio de Roma, em a qual se trata como o imperador mandou matar a esta senhora por um testemunho que lhe levantou o irmão de Lodonio, como escapou da morte e dos muitos trabalhos e fortunas que passou, como por sua bondade e muita honestidade tornou a cobrar seu estado com mais honra que de primeiro. 1 volume brochado. 300
- HISTORIA DE D. IGNEZ DE CASTRO**, traduzida do francez. 1 vol. brochado. 400
- HISTORIA DE NAPOLEÃO**, traduzida em portuguez sobre a 21ª edição de Paris. 1 vol. brochado. 400
- INFORTUNIOS (Os)** e os amores de Luiz de Camões. 1 vol. brochado. 400
- ISABEL**, ou os desterrados de Siberia, por M^{me} COTTIN. 1 vol. encad. 1 \$ 600
- KOCK (Paulo de). Carotin.** 1 vol. in-8 brochado. 5 \$ 000
Encadernado. 5 \$ 000
- **Um Galucho.** 4 vol. in-8 brochados. 4 \$ 000
Encadernados. 6 \$ 000
- LISARDA**, ou a dama infeliz, novella portugueza, por ELIANO AONIO. 1 volume brochado. 320
- LIVRO (O) DAS PENSIONISTAS**, ou escolha de historietas traduzidas do francez por meninas estudiosas, offerecidas a suas camaradinhas. 1 vol. brochado. 520
- LIVRO DO INFANTE D. PEDRO de Portugal**, o qual andou as sete partidas do mundo, feito por GOMES DE SANTO ESTEVÃO, um dos doze que forão em sua companhia. 1 vol. brochado. 500
- MARQUEZ (O) de Pombal**, por CLÉMENCE ROBERT. 1 vol. in-8 br. 1 \$ 000
Encadernado. 1 \$ 500
- MARTHA**, romance, por MAX VALREY. 3 vol. brochados. 3 \$ 000
Encadernados. 4 \$ 500
- METUSKO**, ou os Polacos, por PIGAULT-LEBRUN. 1 vol. in-4 brochado. 1 \$ 000
- NOVAS CARTAS AMOROSAS**, por uma apaixonada, edição mui augmentada. 1 vol. brochado. 200
- † **O GUARANY.** Romance brasileiro por J. DE ALENCAR. 2ª edição correcta. 2 vol. in-4 nitidamente impressos e encadernados. 10 \$ 000
- OITO DIAS NO CASTELLO.** Romance por F. SOULIÉ. 1 grosso vol. in-4° brochado. 3 \$ 000
Encadernado. 4 \$ 000
- OURIKA**, ou historia de uma negra, historia verdadeira. 1 vol. brochado. 320

- PERIGO (O) DAS PAIXÕES**, conto muito moral, seguido de uma analyse sobre as paixões. 1 vol. brochado. 300
- RAPHAEL E A FORNARINA**, linda novella, por MÉRY. 1 vol. in-4 brochado. 800
Encadernado. 1 \$ 500
- ROLDÃO AMOROSO**, ou aventuras d'este famoso paladino. 2 vol. in-12 encadernados. 3 \$ 200
- ROMANCES E NOVELLAS**, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 vol. in-4 brochado.
Encadernado.
- O romance, disse Lamartine, é a poesia do povo; é por seu intermedio que póde-se diffundir pelas classes menos esclarecidas os grandes principios de religião, moral e amor da patria. E o vamo figurado por Tasso, cujas bordas são untadas de mel, é a realisação do preceito do velho Horacio quando mandava juntar o util ao doce. Entre os cultores d'este genero de composição cabe distincto lugar ao Sr. J. Norberto de Souza e Silva, que no volume supra-indicado escolhe assumptos brasileiros, derrama a instrucção religiosa e moral, e moldura seus quadros com descripções e pinturas tiradas da nossa natureza e inspiradas pelo nosso céu. Não prejudicão o erudito os arabescos da imaginação; assigna a cada cousa a sua parte, e, procurando delectar, instrue.
- SIMPLICIDADES DE BERTOLDINHO**, filho do sublime e astuto Bertoldo, e das agudas respostas de Marcolfa, sua mãe. 1 vol. brochado. 400
- SUE (Eugenio). A Inveja.** 1 vol. in-folio brochado. 4 \$ 000
Encadernado. 5 \$ 000
- **A Ira.** 1 vol. in-folio brochado. 2 \$ 000
Encadernado. 3 \$ 000
- **A Salamandra**, romance-maritimo. 3 vol. in-8 brochados. 3 \$ 000
Encadernados. 5 \$ 000
- **A Soberba.** 1 vol. in-folio brochado. 6 \$ 000
Encadernado. 8 \$ 000
- TESTAMENTO** que fez Manoel Braz, mestre sapateiro, morador em Malhorca, estando em seu perfeito juizo, approvado pelos senhores deputados da casa dos vinte e quatro, registrado pela casa do café da rua Nova. e visto por todos os curiosos. 1 vol. brochado. 200
- TRIFEIROS (Os)**, romance chronica do seculo XIV, por A. C. LOUSADA. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
Encadernado. 1 \$ 600
- ULTIMA (A) HORA** d'uma sepultada. 1 vol. brochado. 520
- ULTIMA MARQUEZA (A)**, par E. DE MIRECOURT. 1 vol. in-4 br. 1 \$ 000
Encadernado. 1 \$ 600
- VIDA E ACÇÕES** do celebre Cosme Manhoso, com os logros em que cahio por causa da sua ambição, seus trabalhos e suas miserias. 1 vol. brochado. 520

PEÇAS DE THEATRO

- BRUTO**, tragedia de VOLTAIRE. 1 vol. brochado. 640
- CASAL (O) DAS GIESTAS**, drama em 5 actos e 8 quadros, precedido de um prologo, por FRÉDÉRIC SOULÉ, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. br. 1 \$ 000
- CASTANHEIRA (A)** ou a Brites papagaia, entremez. 1 vol. brochado. 320
- CAVALLEIRO (O) DA CASA VERMELHA**, episodio do tempo dos Girondinos, drama em 5 actos e 12 quadros, por A. DUMAS e A. MAQUET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- CHICARA (Uma) DE CHÁ**, comedia em 1 acto, livremente traduzida do francez por A. P. DOS SANTOS LEAL. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- CLARA HARLOWE**, drama em 3 actos, entremeiado de canto, por DUMAÑOIR, CLAIRVILLE e GUILLARD, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- DOUS (Os) SERRALHEIROS**, drama em 5 actos, por FÉLIX PYAT, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. 1 \$ 000
- ENGAJAMENTO (O)** na cidade do Porto, comedia em 1 acto. 500
- ESTALAGEM (A) da Virgem**, drama em 5 actos, por H. HOSTEIN e TAVENET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- FECHAMENTO (O) DAS PORTAS**, farça dedicada ao caixeiro mais patusco do Rio de Janeiro. 1 vol. brochado.. 500
- GASPAR HAUSER**, drama em 4 actos, por ANICET BOURGEOIS e d'ENNERY, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- HEROISMO BRASILEIRO (O)**, ou o naufragio da corveta **D. Isabel**, drama maritimo em 5 actos, composto por D. JOSÉ JOAQUIM FRANCONI, offerecido e dedicado aos Srs. officiaes da Marinha e Exercito do Brasil no anno de 1861. 1 vol. brochado.. 2 \$ 000
- INGLEZES (Os) no Brasil**, comedia em 2 actos, por D. JOSÉ LOPES DE LA VEGA. 1 vol. brochado. 500
- MADemoisELLE DE BELLE-ISLE**, drama em 5 actos, por ALEX. DUMAS, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- MARIA DE CASTAGLI**, ou o rancor de vinte annos, drama em 3 actos, composição original do Dr. JOSÉ MANUEL VALDEZ e PALACIOS. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- MARIDO (O) APOQUENTADO**, comedia em 1 acto. 1 vol. . 500

ORPHÃOS (Os) da ponte de Nossa Senhora, drama em 5 actos e 8 quadros, por ANICET BOURGEOIS e MASSON, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. br. 1 \$ 000

PELAIO, ou a vingança de uma affronta, drama em 4 actos, por A. M. DE SOUZA. 1 vol. in-4 brochado. 1 \$ 000

PHENOMENO (O), ou o filho do mysterio, comédia em 1 acto. 500

POR CAUSA DE MEIA PATACA, comedia em 1 acto, por JOSÉ ALARICO RIBEIRO DE REZENDE. 1 vol. brochado. 500

QUEM PORFIA MATA CAÇA, comedia, por L. C. M. PENNA. 1 vol. brochado. 600

SIMÃO O LADRÃO, drama em 4 actos, por LAURENCIN, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

THEATRO DO DR. J. M. DE MACEDO. 3 vol. in-8 nitidamente impressos e encadernados. 9 \$ 000

Vol. 1° : Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.—Vol. 2 : A torre em concurso, O Cego, Cobé, Abrahão. — Vol. 3 : Lusbela, Fantasma Branco, Novo Othello.

O 1° volume vende-se separadamente brochado. 2 \$ 000

AS SEQUINTES PEÇAS TAMBEM VENDEM-SE SEPARADAMENTE :

A torre em concurso. 1 \$ 500

Lusbela. 1 \$ 500

Fantasma Branco. 1 \$ 500

Novo Othello. 500

‡ **TIRADENTES** ou **AMOR E ODIO**, drama historico em 3 actos, original brasileiro, por JOSÉ RICARDO PIRES DE ALMEIDA. 1 \$ 500

VESTIDOS (Os) BRANCOS, drama em 2 actos, ornado de canto, por L. GOZLAN, traduzido por A. M. LEAL. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

29, OU HONRA E GLORIA, comedia-drama de costumes militares, em 3 actos e 4 quadros, offerecida e dedicada a S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V, por JOSÉ ROMANO. 1 vol. in-8 brochado. 1 \$ 000

OBRAS DIVERSAS

AMAZONAS (O) e as costas atlanticas da America Meridional, pelo tenente F. MAURY. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

† **ARTE DO ALFAIATE (A)**, tratado completo do corte do vestuario, por TH. COMPAING, director do *Jornal dos Alfaiates*. 1 vol. in-folio brochado. 2 \$ 000
Encadernado. 3 \$ 000

ARTE DA COZINHA, dividida em 4 partes : 1º Modo de cozinhar varios guisados de todo o genero de carne, conservas, tortas, empadas e pasteis; 2º dos peixes, mariscos, frutas, hervas, ovos, lacticinios, doces, conservas do mesmo genero; 3º do pudim e das massas; 4º preparação das mesas para todo o anno, e para hospedar principes, embaixadores e qualquer pessoa; obra util e necessaria a todos os que regem e governão casa, corveta, etc. 1 vol. 1 \$ 000

ARTE DE GANHAR DINHEIRO, por PHILOGELUS. 1 vol. brochado. 1 \$ 000

CONFERENCIAS sobre a pluralidade dos mundos, por FONTENELLE. 1 vol. in-4 brochado. . 1 \$ 000
Encadernado. 1 \$ 600

† **CONTOS DE SCHMID**. Collecção de cem contos proprios para as crianças lerem. 1 vol. . 1 \$ 000

DICCIONARIO DAS FLORES, folhas, frutas, hervas e objectos mais usuaes, com suas significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido. 1 vol. brochado. 320

DICCIONARIO MUSICAL, contendo : 1º Todos os vocabulos e phrases da escripturação musical; 2º Todos os termos technicos da musica desde a sua maior antiguidade; 3º Uma taboa com todas as abreviaturas usadas na escripturação musical, suas palavras correspondentes; 4º A etymologia dos termos menos vulgares e os synonymos em geral; por RAPHAEL COELHO MACHADO, segunda edição augmentada. 1 vol. in-4 brochado. . 4 \$ 000
Encadernado. 5 \$ 000

ELOGIO ACADEMICO da Sra. D. Maria I^a, recitado por JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA em sessão publica da Academia real des Sciencias de Lisboa aos 20 de março de 1817. 1 vol. in-8 encadernado. 1 \$ 500

ELOGIO DO IMPERADOR MARCO AURELIO, por THOMAS, da Academia Franzeza. 1 vol. in-8, brochado. . 500

FEDERAÇÃO IBERICA, ou ideias geraes sobre o que convem ao futuro da Peninsula, por um Portuguez. 1 vol. brochado. 500

ILLUSÃO, experiencia e desengano, maximas e pensamentos de um velho da terra de Santa Cruz. 1 vol. in-4, brochado. 1 \$ 000

NOVA EXPLICAÇÃO dos sonhos e visões, traduzida sobre algumas obras franzezas e italianas, arranjada por ordem alphabetica. 1 vol. brochado. 200

MAÇONARIA (Obras de). **Regulador Maçonico** do rito moderno, contendo os rituaes segundo o regimen do G... O... de França, bem como formalidades e disposições diversas concernentes á ordem. 1 vol. in-4 brochado. 4 \$ 000

— **Collecção preciosa da Maçonaria adonhiramita**, contendo as instrucções, os

- treze grãos do rito, o caderno secreto e o resumo da historia. 1 vol. in-8 brochado. 4 \$ 000
- **O orador maçon brasileiro**, ou collecção de alguns dos discursos pronunciados nas solemnidades da ordem. 1 vol. in-4 brochado. 1 \$ 000
- **Collecção dos catechismos maçonicos** : Catechismo do companheiro maçon ; catechismo do aprendiz maçon ; cada um. 500
- **Ritual funebre maçonico**, adoptado para os enterros e exequias dos maçons brasileiros. 1 vol. brochado. 400
- **A Maçonaria antiga de adopção**, recopilada por um cavalleiro de todas as ordens maçonicas. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- **EXPOSIÇÃO da historia da maçonaria no Brasil**, particularmente na provincia do Rio de Janeiro, em relação com a independencia e integridade do imperio, por MANOEL JOAQUIM DE MENEZES. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- **MANIFESTO DO G. O. B. a todos os GG. OO. GG. LL. LL. RR. e MM.** de todo o mundo. 1 vol. in-8 brochado. 320
- † **MANUAL DO PAROCHO**, pelo conego doutor J. C. FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. 2 \$ 000
- Esta importante obra contém as materias seguintes : Da origem dos parochos, e de sua instituição e inamovibilidade. — Da erecção, divisão e suppressão das parochias. — Do provimento das parochias. — Dos coadjutores dos parochos. — Do direito de baptisar, de confessar, e administrar a Eucharistia, e os sacramentos do Matrimonio e da Extrema Unção. — Dos direitos funerarios. — Das funcções parochias. — Da obrigação da residencia. — Da celebração da missa *pro populo*. — Da obrigação de prégar, etc. — Dos direitos e deveres civis dos parochos.
- PEQUENO PANORAMA**, ou Descripção dos principaes edificios da cidade do Rio de Janeiro, por MOREIRA DE AZEVEDO. 2 vol. 4 \$ 000
- RETRATO de S. M. o imperador Napoleão III.** 500
- de S. M. a imperatriz Eugenia. 500
- de S. M. a rainha Estephania. 500
- de Camões. 500
- do conde de Cavour. 500
- de Garibaldi. 500
- de Béranger. 500
- de De Lamartine. 500
- de Chateaubriand. 500
- de frei Francisco de Mont'Alverne. 500
- de frei Francisco de S. Carlos. 500
- de Antonio Carlos de Andrade. 500
- de Humboldt. 500
- do barão de Ayuruoca. 500
- de Maria Antonieta. 500
- de M^{me} de Sévigné. 500
- de Maria Stuart. 500

OBRAS NO PRÉLO

DIREITO CIVIL ECCLESIASTICO BRASILEIRO, antigo e moderno, em suas relações com o direito canonico e legislação actual, ou collecção completa chronologicamente disposta desde a primeira dynastia portugueza até o presente, comprehendendo, além do sacrosanto Concilio de Trento, Concordatas, Bullas, Breves, Leis, Alvarás e Decretos, Provisões, Assentos e Decisões, tanto do Governo como da antiga Mesa da Consciencia e Ordens, e da Relação Metropolitana do Imperio, relativas ao direito publico da Igreja, á sua jurisdicção e disciplina, á administração temporal das Cathedraes e Parochias, ás Corporações religiosas, aos Seminarios, Confrarias, Cabidos, Missões, etc., etc.; a que se addicionão notas historicas e explicativas indicando a legislação actualmente em vigor, e que hoje constitue a jurisprudencia civil ecclesiastica do Brasil, por CANDIDO MENDES DE ALMEIDA. 2 vol. in-4 encadernados.

A simples lectura do titulo d'esta obra demonstra logo a sua utilidade, e a falta que já se fazia sentir entre nós de um trabalho nestas condições.

A presente obra é não sómente util ao clero, mas a todos os que se dedicão ao estudo da jurisprudencia, com particularidade á juventude academica, que tem de frequentar o curso de direito ecclesiastico, em suas relações com a administração temporal do paiz.

Ninguem desconhece que grande parte d'essa legislação, se não se acha inedita, não está convenientemente colleccionada, dando insano trabalho a investigação de qualquer lei ou aviso ácerca de taes materias em obras que difficilmente se encontrão, e que nem todos podem possuir.

Reunir estes documentos com outros provenientes da autoridade espiritual no corpo de uma obra de facil acquisição e consulta, é um beneficio real feito ás classes a que é privativamente destinada, maxime com as annotações com que será enriquecida.

RECOPILAÇÃO DOS SUCESSOS PRINCIPAES DA HISTORIA SAGRADA, em verso, pelo Beneficiado DOMINGOS CALDAS BARBOSA, nova edição correctá, e augmentada com a biographia do autor pelo conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO, e illustrada de finissimas gravuras. 1 vol.

Incontestavel é a vantagem da poesia para gravar na memoria o que desejamos saber; e é por isso que erão antigamente escriptas em verso as leis. Partindo d'este principio, pensamos que approvada pela animação publica será a ideia que tivemos de rogar ao Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro que se dignasse de rever o opusculo outr'ora publicado por um douto ecclesiastico fluminense, que com amena linguagem, e com o soccorro da rima, buscou burilar na tenra memoria da infancia os principaes successos da historia sagrada. Para complemento de nosso projecto, illustrámos a presente edição com finissimas gravuras, feitas em Franca, que fallão aos olhos, ajudando a boa comprehensão do objecto o emprego das imagens sensiveis.

LENDAS PENINSULARES, por JOSÉ DE TORRES. 2 vol. in-8 encadern. 5 \$ 000





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).